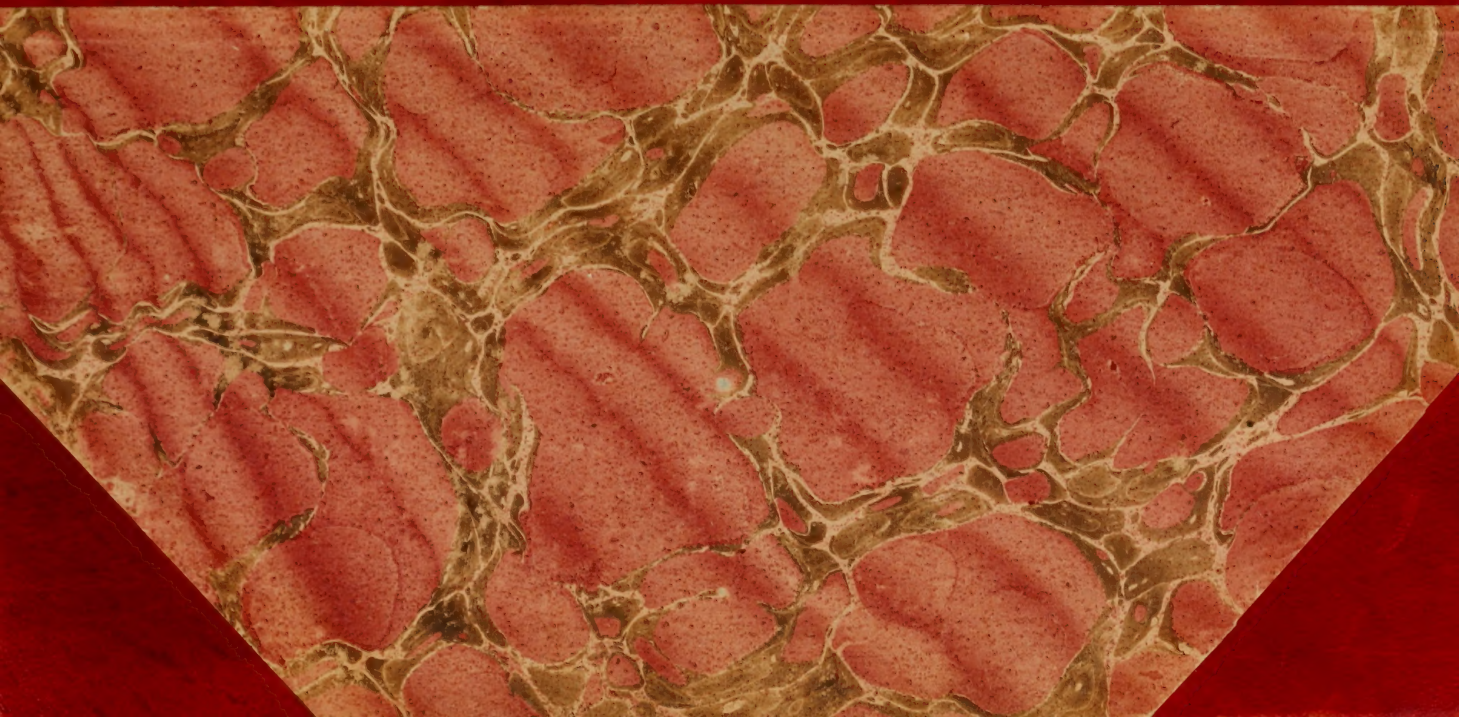
3 1761 07152524 0



Augusto d'Oliveira Cardoso Fonseca

OUTROS TEMPOS

OU

VELHARIAS DE COIMBRA

1850 A 1880

1911

LIVRARIA TABUENSE

DE

FRANCISCO ANTUNES

Rua dos Poyaes de S. Bento, 5

DEPOSITO

LIBRARY
FEB 6 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
802
C6
045

OUTROS TEMPOS

OU

VELHARIAS DE COIMBRA

1850 A 1880

Do mesmo auctor:

Formulario do processo civil.
Flores singelas (poesias).
Perfil biographico do Marquez de Pombal (exg.).
O desastre de Lisboa (poemeto commemorativo do centenario do Marquez de Pombal).
Historia d'um soneto.
Centenario da descoberta da India (poemeto).
Jesuitas — Suas qualidades e doutrinas.
Baldios — Memorias e satyras (poesias).

EDITOR — Augusto d'Oliveira Cardoso Fonseca

Augusto d'Oliveira Cardoso Fonseca

OUTROS TEMPOS

OU

VELHARIAS DE COIMBRA

1850 A 1880

1911

LIVRARIA TABUENSE
DE
FRANCISCO ANTUNES
Rua dos Poyaes de S. Bento, 5

DEPOSITO

1911

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48 — 1.º e 2.º andar

LISBOA

«Coimbra terra de encanto,
«Do Mondego alegre flor;
«Venho pagar-te em meu canto
«Tributo d'antigo amor!
«Não m'o enjeites porque é pobre,
«Porque tens o canto nobre
«Do cantor da linda Ignez.
«Não m'o enjeites desdenhosa,
«Não... que esta alma saudosa
«Se inflamma ao ver-te outra vez!»

JOÃO DE LEMOS.

Coimbra a cidade de Hercules, o egypcio, conforme alguns escriptores, de Brigo, segundo outros, de Colimbrios, por estes ou de Ataces por aquell'outros;—Coimbra a esbelta rainha do Mondego, coroada pelo magestoso edificio da Universidade; e que, por ser o alcaçar das sciencias, justamente conquistou o nome de Lusa Athenas;—Coimbra que foi côrte dos primeiros reis portuguêses e berço dos de nome Affonso, II, III e IV, Sancho, I e II, Pedro I e Fernando I; e onde, no soberbo mosteiro de Santa Cruz jazem as cinzas do fundador da monarchia;—Coimbra, patria, tambem, do celebre e immortal poeta Francisco de Sá de Miranda, do sabio doutor Francisco de S. Agostinho de Macedo e de tantos vultos celebres;--Coimbra, iamos dizendo, tem dado thema para muitissimas publicações, de indoles diver-

sas, grande parte das quaes sobre a sua vida e costumes, bem como anecdotas individuaes.

Mas de Coimbra ha sempre uma coisa ou facto inéditos para narrar; e todos os que, na sua mocidade, passaram alguns annos n'essa cidade gloriosa, jamais perdem a grata recordação das pessoas que conheceram e dos factos que presenciearam, e que, por notaveis, não esquecem.

Os perfis que esboçamos, com rigorosa verdade, de individualidades, que foram muito conhecidos e já não existem, assim como muitos dos factos que narramos não foram ainda esboçados ou contados por outrem, exceptuando aquelles de que nos occupamos nos capitulos V, IX e XIV.

Mas esses, porque são do nosso tempo e, em parte, por nós presenceados, tratámos de os esclarecer e ampliar sem ultrapassar as barreiras que devem limitar uma narração conscienciosa.

Por isso e auxiliando a nossa memoria com a consulta d'alguns livros, para podermos precisar datas e citar alguns trechos applicaveis á narração, apresentamos ao leitor o presente livro *Outros tempos* ou *Velharias de Coimbra—1850 a 1880.*

Uma curta advertencia:

Nas citações que fazemos de qualquer livro, seguimos rigorosamente a orthographia de seu auctor.

Lisboa, agosto de 1910.

AUGUSTO D'OLIVEIRA CARDOSO FONSECA.

I

Um phantasma

Durante muitos annos residiu n'umas casas, situadas na rua da Sophia, que faziam esquina para a rua do Carmo e fronteiras do antigo collegio de Nossa Senhora do Carmo, J. Duarte Nazareth (1), com suas esposa e duas filhas, Candida e Rachel.

Estas meninas fizeram epocha, não só pela esmerada

---

(1) Era irmão do Dr. Francisco José Duarte Nazareth, que foi lente de Direito, e de Antonio José Duarte Nazareth.

Este Antonio José Duarte Nazareth, sendo contador da alfandega de Lisboa, foi em 23 de janeiro de 1856 nomeado director interino da alfandega de Horta (*Almanach de Portugal para 1856*, pag. 294).

Em 1861 e 1862 exerceu as funcções de consul de Portugal, na cidade do Rio de Janeiro, e que antes haviam sido desempenhadas pelo celebre Barão de Moreira, de triste memoria.

Recordamo-nos de que, na sua ida para essa capital em 1861, fomos seu companheiro de viagem a bordo do paquete *Magdalena*, da *Mala Real Ingleza*.

Depois do seu regresso do Brazil foi nomeado director geral das alfandegas do reino; e mais tarde, ainda no reinado de D. Luiz, administrador da casa real portugueza.

educação que cuidadosamente lhes haviam ministrado seus paes, mas ainda pela sua formosura, realmente deslumbrante, a que aquella dava realce.

As meninas Nazareths, que eram sempre as primeiras de Coimbra a vestir rigorosamente pelos ultimos figurinos parisienses, apresentavam uma elegancia tão notavel e irreprehensivel, que naturalmente se distinguiam entre a primeira sociedade conimbricense. Com taes dotes não era de extranhar que todos lhes rendessem culto.

N'esse tempo não existia na cidade de Coimbra quem, justamente, podesse com ellas competir.

Eram, porisso, muito requestadas, as meninas Nazareths por dois estudantes, que aguardavam as respectivas formaturas para depois as desposarem.

Foram elles:—Gabriel Ploesquellec Fortes de Bustamante (2), alumno do quarto anno de Direito, e Manuel Vaz Preto Geraldes (3), alumno do quinto anno d'essa faculdade e do terceiro anno de Mathematica.

Gabriel Ploesquellec namorava Rachel, e Candida, a mais velha, era a requestada por Vaz Preto.

Nenhum d'elles, porém, realisou esses desejos, porque

---

(2) Era natural de S. João d'El-Rei, provincia de Minas Geraes, imperio do Brazil *(Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu, no anno lectivo de 1852 para 1853,* pag. 20).

(3) Natural da quinta da Graciosa, districto de Aveiro. (Citada *Relação,* etc., pag. 25 e 38).

um fatal incidente que succedeu, antes de terminarem a formatura, deu logar a que esses namoros terminassem.

N'esse tempo a illuminação em Coimbra era pessima.

Fazia-se com lampeões alimentados a azeite, que davam má luz, por vezes brucholeante, e collocados a tal distancia, uns dos outros, que muitos pontos havia, em que, de noite, a escuridão era permanente.

Assim acontecia n'uma grande parte da rua do Carmo, especialmente proximo da rua das Olarias.

Um dia correu o boato de que, todas as noites, cêrca das nove horas, aparecia, vindo das Olarias para a rua do Carmo, um enorme phantasma vestido de branco, com uma lanterna de furta-fogo.

E o caso foi que muitas pessoas das ruas circumvisinhas e que por aquella costumavam fazer caminho para seguirem para suas casas, se deixaram dominar por tamanho susto que evitaram passar n'ella.

Mas um grupo d'alguns estudantes, destemidos e que não acreditavam em phantasmas, resolveu espreitar aquelle e assim foi.

N'uma noite dirigiram-se alguns á rua do Carmo e occultaram-se no ponto mais favorecido pela escuridão.

Não tardou muito que sentissem um como que chocalhar de cadeias de ferro, para o lado das Olarias, e logo a seguir vissem um enorme vulto que reconheceram ser o d'uma pessoa caminhando com o auxilio de umas andas.

D'ahi, o supporem que seria elle algum dos estudantes que namorava uma das meninas Nazareths e que,

para maior recato, procurava, por meio d'esse disfarce, afugentar os curiosos.

E, como aquelle vulto apagasse a lanterna de que ia munido, o grupo dos estudantes perseguiu-o até que, ou por malvadez ou porque alguem d'esse grupo julgasse ver no *phantasma* um rival, foi elle derrubado por uma violenta cacetada que lhe jogaram ás andas e além d'isso ferido por muitas facadas, vibradas por um mais exaltado.

Os outros estudantes acudiram e ficaram desolados ao reconhecer, no ferido, o estudante Ploesquellec, que era o que namorava a menina Rachel e muito estimado entre a academia.

Residia elle, n'esse anno, em casa do lente de theologia, D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello (mais conhecido pelo padre «Marmelada»), na rua da Mathematica e proxima aquella que nós habitavamos.

N'essa noite, já depois das 10 horas, sentiu-se enorme tropel na mesma rua; e alguem, que sahiu a informar-se dos que tal alvoroço motivava, viu que eram muitos estudantes que traziam o pobre ferido sobre um jumento e o amparavam.

Chegou a estar n'um estado perigosissimo, de que felizmente melhorou.

Pessoas houve que attribuiram o crime ao estudante que requestava a irmã de Rachel; mas nunca a tal respeito formaram um juizo seguro.

Sabendo de tão lugubre acontecimento, tamanho desgosto sentiram as duas innocentes irmãs, que, por mui-

tos mezes se conservaram sem sahir; e quando por instancias, a bem de sua saude, seu pae queria leval-as a passeio, causava pena ver as duas irmans, com a côr perdida e visivelmente consternadas.

Rachel, sobre tudo, soffria muito!

Nos «*Canticos*» do *Campo de flores* do nosso eminente e sentimental poeta João de Deus, a pag. 339, lê-se «*Oração—No album de Rachel*».

São oito estrophes que o poeta lhe consagrou, todas sublimes, e das quaes vamos transcrever a primeira e ultima.

Eil-as:

«Olha por ella tu, dos céus que habitas,
Do mundo oh Creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a debil flôr!
.....
Do mundo oh Creador que o mundo abranges
Dentro em tua clemencia,
Ampara o lirio delicado e fragil,
Protege a innocencia!»

Decorridos alguns mezes e na curta edade de 22 annos falleceu a formosa e infeliz Rachel; e pouco depois sua extremosa mãe, não podendo resistir a essa cruciante dôr, foi acompanhal-a no tumulo.

Não cabe na alma do poeta ser insensivel á dôr que opprime o seu similhante; e por isso o mesmo glorioso João de Deus, no seu citado *Campo de flores*, a pag. 215,

dedicou a D. Candida Nazareth a mimosa elegia «*Rachel*», em nove estrophes de que apresentamos as seguintes:

«Botão de rosa murcho á luz da aurora!
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus?
Se é como justo e bom que elle se adóra,
Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lirio,
E em lirio os labios teus?

.....

Has-de, cysne, expirando alçar teu canto;
Has-de lá quando a lua da montanha
Te acene o extremo adeus,
Voar, Candida, ao céu, e ébria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

....

II

Os antigos theatros de Coimbra

Em 1850 havia em Coimbra apenas os tres theatros *Academico*, da *Sé Velha* e da *Graça*.

Vamos começar pelo *Theatro academico*, porque era este o melhor e que se tornou mais notavel.

Este theatro, cuja direcção fôra confiada á sociedade *Nova academia dramatica*, foi fundado no antigo Collegio de S. Paulo, situado na rua Larga, hoje *rua do Infante D. Augusto*.

A sua inauguração teve logar em 24 de julho de 1839, com a representação do drama *A nodoa de sangue* e a comedia *Bôda em trajes de frasqueira* (1).

N'este theatro só estudantes eram admittidos a representar, excepto quando a Coimbra iam actores celebres, taes como Emilia das Neves, Taborda, Alves Martins e tantos outros que têem illustrado o theatro portuguez.

Entre os academicos notavam-se alguns, verdadeiros

---

(1) *Coimbra antiga e moderna*, por A. Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 215.

artistas; e no papel de damas distinguiram-se e tornaram-se celebres, Augusto Soares Franco, José Antonio da Silva Lixa, José Gomes Arouca, Oliveira Valle e outros.

D. Pedro V, assistindo a uma recita que lhe foi dedicada pela academia e que tinha por objectivo beneficiar a sociedade *Philantropico-academica*, chegou a convencer-se de que um dos estudantes (2), que representava o papel de dama, era realmente uma actriz, perguntando até ao reitor da Universidade, que estava no camarote de sua magestade, se ella era de Coimbra ou se fazia parte d'alguma companhia de artistas de Lisboa.

Só quando, com assentimento seu, o reitor lhe apresentou esse estudante, é que el-rei se convenceu que estava em erro, felicitando-o pelo seu bom desempenho e reconhecida vocação.

Em duas epochas distinctas esteve tambem no *Theatro academico* o celebre prestidigitador Hermann, que ahi foi exhibir os seus trabalhos, em cuja execução era eximio; assim como ahi deu tambem alguns concertos o apreciavel violinista Noronha.

O theatro da Sé Velha, da iniciativa de artistas, curiosos na arte dramatica, fôra construido n'uma casa

---

(2) Não nos recordamos bem, porque isto deu-se em 1856; mas parece-nos que esse estudante era Oliveira Valle.

situada no largo e em frente do vetusto templo que ao mesmo largo deu o nome—da Sé velha—(3).

Era muito acanhado; mas, apesar d'isso, concorrido por bôa assistencia, devido ao esméro dos seus empresarios, na escolha e bom desempenho das peças.

Foi n'este theatro que pela primeira vez, em Coimbra, se representou o magnifico e sensacional drama *Frei Luiz de Sousa,* de Almeida Garrett.

Para esse fim foram a Coimbra alguns actores da capital, os quaes com outros, curiosos, d'aquella cidade o representaram magistralmente.

Foi isto entre os annos de 1850 a 1852.

Pouco depois d'essa epocha foi demolido, em virtude da casa, por acanhada, como já dissemos, offerecer um constante perigo em caso de incendio.

Extincto que foi o theatro da Sé Velha, os mesmos amadores, associados com outros artistas, fizeram construir o theatro de sociedade *Bôa União,* que ficou conhecido por *Theatro da Graça,* n'uma parte do antigo *Collegio de Nossa Senhora da Graça dos eremitas cal-*

---

(3) Este templo, o mais notavel monumento de Coimbra, vem minuciosamente descripto na *Coimbra antiga e moderna,* por A. Cardoso Borges de Figueiredo, archeologo estudioso e distincto, (vide capitulo VI, que vae de pag. 123 a 144 d'essa obra). Vejam-se tambem, sobre o mesmo assumpto, *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores,* pelo Sr. Augusto Mendes Simões de Castro, de pag. 183 a 205; — *Bellezas de Coimbra,* por Antonio Moniz Barreto Côrte Real, pag. 127 a 138.

çados de Santo Agostinho (4), que é situado na rua da Sophia.

Na antiga rua de *S. Christovam*, mais tarde *rua do Correio* e hoje de *Joaquim Antonio d'Aguiar*, existiu durante sete seculos a egreja de S. Christovam, que fôra fundada por D. João Peculiar (5).

Este templo foi demolido em 1860, para ser edificado o *Theatro de D. Luiz*, o qual foi inaugurado em 22 de dezembro de 1861, com o drama de Mendes Leal, *O dia da redempção* (6).

No anno de 1862 assistimos n'este theatro á representação, por curiosos, do drama *A probidade*, o qual, se não estamos em erro, era tambem de Mendes Leal.

Ainda nos recordamos das phreneticas e justas ovações, de que foi alvo o actor curioso, filho de Coimbra, José Novaes, que desempenhou magistralmente o papel do principal protogonista da peça, Manuel Escôta,

---

(4) Ácêrca da sua fundação vejam-se ainda as obras citadas: *Coimbra antiga e moderna*, pag. 345 e 346; e *Guia historico do viajante em Coimbra*, pag. 31.

(5) Obras já referidas: *Coimbra*, etc., a pag. 119 e 120; e *Guia historico*, etc., pag. 182 e 183; e tambem *Historia breve de Coimbra*, por Bernardo de Brito Botelho, annotada por Antonio Francisco Barata (nota 24).

(6) *Coimbra*, etc., pag. 120; e *Guia do viajante*, etc., pag. 183.

velho e honrado marinheiro—um verdadeiro *lobo do mar*, que, com risco da propria vida, salvou dos horrores d'um naufragio a filha do capitão do navio.

O capitão tinha-se salvo tambem, mais por arrojo estranho do que por vontade propria, pois que vira desaparecer sob as ondas a filha querida, a quem não podéra salvar.

Na scena em que aparece Manuel Escôta, que vae entregar ao desolado pae, a sua amantissima filha que julgava perdida, e que o enternecido pae abraça reconhecido o bravo marinheiro,—José Novaes é sublime no desempenho d'esse papel, e arranca aos espectadores commovidos o auge da mais brilhante ovação.

III

O Dr. Joaquim dos Reis, o "Pomponio,,

Durante muitos annos foi lente cathedratico da faculdade de direito da Universidade de Coimbra o doutor Joaquim dos Reis, o qual se jubilou em 20 de dezembro de 1854 (1).

Por longo tempo residiu na Travessa da rua de S. Pedro, que é a que liga esta rua com a do Borralho, no bairro alto.

Era natural do logar do Arieiro, nas proximidades de Coimbra, junto do qual possuia uma bôa quinta, aonde ia frequentes vezes passar os dias de feriado.

Tornou-se geralmente conhecido por o *Pomponio,* alcunha com que fôra mimoseado pela academia; ignoramos, porém, a razão d'isso.

O que bem sabemos, porque ainda o conhecemos no nosso tempo de rapaz, é que o *Pomponio* (vá lá pela alcunha) tinha fama de ser um bom homem, muito estimado e considerado por todos, incluindo os seus discipulos, a quem elle tratava com bondade, sem que, to-

---

(1) *Almanach de Portugal para 1856*, pag. 194.

davia, prescindisse de que elles estudassem, para que, pela sua bôa frequencia durante o anno lectivo, o habilitassem a ser benevolo nos actos, como era seu desejo.

Discipulo seu, que tivesse bôa frequencia, embora durante o acto falhasse, por falta de sangue frio, o que por vezes succedia, era, todavia approvado *nemine discrepanti;* porque o Dr. Joaquim dos Reis, antes de se proceder á votação, mostrava o registo particular das notas de frequencia aos seus collegas da mesa.

Muitas anecdotas suas se contavam.

D'entre ellas lembramo-nos das seguintes:

1.ª

N'esses tempos costumavam os alumnos do 4.º anno juridico, ou, no impedimento d'estes e por delegação sua, os do 3.º anno, dividir-se em grupos de tres ou quatro; e, munidos cada um de sua palmatoria, faziam rusgas nocturnas ás casas suspeitas que abundavam nas viellas da cidade baixa, e se n'ellas encontravam algum caloiro ou novato, applicavam-lhe meia duzia de benéficas palmatoadas e os mandavam retirar, sob a comminação de maior castigo se reincidissem.

Estas rusgas não se estendiam aos estudantes que já frequentassem o segundo anno de qualquer das faculdades da Universidade.

E o que mais graça tinha era que se n'alguma d'essas casas encontravam algum rapazote de 14 a 15 an-

nos, apenas lhe puxavam as orelhas, e quem apanhava as palmatoadas era a locataria.

Já se vê que estas rusgas eram inspiradas por uma vontade moralisadôra.

N'algumas noites notaram esses grupos que o vulto d'um encapotado os vigiava, procurando não ser visto.

Nas primeiras noites não poderam descobrir quem elle fosse, porque a luz mortiça dos antigos lampeões d'azeite que constituiam a illuminação da cidade, lh'o não permittia; mais tarde, porém, vieram a saber que esse vulto era o do doutor Pomponio, que, cioso de moralidade, andava fazendo a sua ronda para verificar se os estudantes veteranos cumpriam o seu dever, encaminhando os mais novos para os bons costumes. Era justo.

2.ª

Anteriormente á inauguração da mala-posta (2) entre Lisboa e Porto, e em consequencia dos viajantes só poderem fazer a cavallo taes jornadas, havia em Coimbra grande numero de alquiladores, sendo d'estes os mais importantes e frequentados um tal Pombo e Manuel Rodrigues Esgueira.

Este ultimo tinha dous filhos; e, fiel á antiga rotina de alguns paes, ambicionou fazer do filho mais velho um doutor e do mais novo um padre.

Manuel Esgueira contava, entre os seus freguezes, o

(2) Os serviços da mala-posta começaram em 1854.

Dr. Joaquim dos Reis, a quem repetidas vezes alugava cavalgadura para o levar á sua quinta do Arieiro.

Confiado em que a protecção d'este e d'outras pessoas lhe valesse para conseguir taes desejos, fez seguir os estudos a seus filhos.

O mais velho, Bento Rodrigues Esgueira, após grandes difficuldades, algumas reprovações e frequentes approvações salpicadas de RR, conseguiu, *post tot tantosque labores*, concluir a sua formatura em 1852.

No dia seguinte ao do acto foram, Manuel Esgueira e seu filho Bento, agradecer, conforme é da praxe, aos lentes examinadores, sendo em ultimo logar ao Dr. Joaquim dos Reis, ao qual Manuel Esgueira, depois de seu filho se retirar, endereçou esta pergunta:

—«Ora diga-me, senhor doutor. O rapaz está formado; e eu lembrava-me de lhe pôr uma coisa encarnada aos hombros (3). O que me diz Vossa Senhoria?»

—«Sim; fazes bem—respondeu-lhe o Dr. Reis, com a graça de que sempre acompanhava os bons ditos—fazes bem e isso facil é. Deves por lá ter muitos coberjões de que te serves nos apparelhos. Escolhe um que seja encarnado e colloca-lh'o sobre os hombros.»

O velho Esgueira entupiu e retirou-se cabisbaixo, ruminando em secco.

Desolado e tardiamente convencido de que nada mais podia fazer do Bento, e que este era incapaz de advogar ou occupar-se em qualquer outro mister, dos varios

---

(3) Referia-se ao capello, que, assim como a borla, na faculdade de Direito, é encarnado.

a que geralmente se dedicam os bachareis formados, appellou para o filho mais novo.

Com este foi mais feliz, porque ainda chegou a vêl-o presbytero e parochiar uma freguezia proxima de Coimbra.

Mas voltemos ao Bento Esgueira, doutor — não de capello — de coberjão.

Era um typo singularmente original, e que sempre ficou sendo conhecido por *Dr. Esgueira.*

De verão ou inverno, com bom ou mau tempo, apresentava-se invariavelmente da mesma fórma: — chapeu mole de aba pequenissima, capa preta, muito rodada e tão curta que não lhe passava a baixo dos quadris, calça justa á perna e tamancos.

Compenetrando-se de que para nada lhe servia a formatura, abandonou a um canto as suas cartas, para as quaes nem mesmo chegou a mandar fazer *canudo* (4) e fez-se negociante de cereaes e gallinhas.

Por esse tempo, entre 1852 e 1860, tinha logar no largo de Santa Cruz, entre a cadeia e o mosteiro, um mercado diario para transacções de cereaes, gallinhas, etc.

Diariamente ia o Dr. Esgueira a esse mercado fazer o seu negocio; e muitas vezes o encontrámos, ora sobraçando cartuchos com amostras de cereaes, ora gallinhas.

Constava que fazia bom negocio e que muito augmentára a já importante fortuna que herdára de seu pae.

---

(4) Para evitar os vincos produzidos pela dobradura das cartas de bacharel, era costume, e creio que ainda será, guardal-as enroladas dentro de um canudo de lata.

IV

Antonio Feliciano de Castilho, em Coimbra

Em 1854 esteve em Coimbra, vindo da cidade do Porto, o brilhante e mavioso poeta, Antonio Feliciano de Castilho, o qual andava em digressão de propaganda e ensino do seu *novo methodo portuguez de leitura* (1).

---

(1) Antonio Feliciano de Castilho foi nomeado commissario geral da instrucção primaria, pelo methodo respectivo, por decreto de 18 de agosto de 1853 (*Almanach de Portugal para 1856*, pag. 169).

No *Conimbricense*, n.º 78, de 21 de outubro de 1854, publicou Joaquim Martins de Carvalho esta local:

«*Em 19 de outubro continuou o Sr. Antonio Feliciano de Castilho as suas prelecções, transferindo a aula para a sala da Philarmonica Academica, no extincto collegio de S. Paulo.*»

A sala a que o consciencioso e illustrado jornalista se referiu, era, por ser muito espaçosa, conhecida por salão.

N'elle se fizeram, por vezes, bazares em beneficio da sociedade *Philantropico-academica*.

A's 11 horas da manhã do dia 18 de outubro d'esse anno (2), o illustre poeta, o amigo da infancia, inaugurou o curso normal do seu methodo, no antigo templo de S. Jeronymo, continuando-o depois no salão nobre do *Theatro Academico,* para onde transferiu a aula em que fazia as suas prelecções.

No dia 27 d'esse mez houve no mesmo salão um sarau litterario em sua honra, sendo por essa occasião recitadas diversas poesias expressamente compostas para essa festa ao *Mestre,* sendo, entre ellas, uma da distincta poetisa conimbricense, D. Amelia Jenny.

Quando Antonio Feliciano de Castilho entrou no salão, a orchestra do *Theatro Academico* tocou, com acompanhamento de canto, o hymno que a Castilho foi dedicado pelo estudante do terceiro anno de direito, Joaquim d'Araujo Jusarte, sendo a musica de José Christiano A'Nell de Medeiros, alumno do primeiro anno de mathematica e de philosophia.

Medeiros era natural dos Açores, e insigne tocador de flauta e rabeca.

No *Almanach Luzo-Brazileiro para 1856* (3), por Alexandre Magno de Castilho, a pag. 353, vem transcripto esse magnifico hymno.

---

(2) *Almanach de Coimbra para 1859*, do Sr. Dr. Pedro Augusto Martins da Rocha, pag. 75.

(3) Foi impresso em 1855.

E' o seguinte:

HYMNO

Ao Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho

Distincto poeta e auctor do methodo portuguez

Recitado no primeiro sarau poetico, por occasião de se lhe offerecer uma medalha de ouro, em Coimbra.

MUSICA DE JOSÉ CHRISTIANO A'NELL DE MEDEIROS

A luz da sciencia, que o mundo ennobrece
Nos filhos do povo brilhante raiou:
Dissipão-se as trevas, o genio apparece,
C'roado de loiros, que ufano cortou.

Que vozes são estas da infancia enlevada,
Que a todos nos fazem parar, attender?!...
CASTILHO, que a leva a bater apressada
As portas do templo da luz, do saber!

Côro

Tua gloria, teu nome — CASTILHO! —
Ha-de ás eras futuras passar,
Pois só tu lhes apontas o brilho
Da sciencia que as ha-de illustrar.

Erguido no throno dos sabios legado,
Qual outro Moysés, que subira ao Sinai,
Offerta aos infantes — *o livro dourado* —
E diz: «Do saber para o templo avançai!»

E os tenros infantes os hymnos cantando,
Ufanos caminhão com fé, com ardsr;
E alli anhellantes, seus mestres amando,
Contentes implorão virtude e valor.

Côro

Tua gloria, teu nome — CASTILHO! — etc.

Que gloria não ha-de ferver-te na mente,
A gloria que o ouro não póde comprar,
Quando ouças nas vozes da infancia innocente
Teu nome entre cantos d'amor entoar!!

Que gloria, juntares áquelles teus louros,
Que o canto da lyra sonóra ganhou,
Inda este, que os nossos mais justos vindouros
Verão como um facho, que o genio ateou!

Côro

Tua gloria, teu nome — CASTILHO! — etc.

És tu que da luz, como Milton privado,
Mas ai que mais cedo!... dos annos na flôr,
Ovante caminhas, dos Céus inspirado,
Lançal-a em torrentes com hymnos d'amor.

Ajunta mais esta singela medalha,
Ganhada na eterna cruzada sem par,
Aos louros colhidos na immensa batalha
Do grande, que o povo pretende illustrar.

Córo

Tua gloria, teu nome — CASTILHO! —
Ha-de ás eras futuras passar,
Pois só tu lhes apontas o trilho
Da sciencia que as ha-de illustrar.

J. D'ARAUJO JUSARTE.

V

Assassinato do Lazaro

Ao fundo da Couraça dos Apostolos, do lado esquerdo e quasi em frente do Arco do Collegio Novo, existia, e ignoramos se ainda existe, uma modesta casa de dois andares, na qual habitava João Gaudencio Ribeiro do Amaral, professor particular de latinidade (1).

Era elle um fiel e dedicado partidario do rei exilado, sem que por isso se tornasse antipathico aos liberaes, pois que o seu caracter bondoso e pacifico faziam parelha com aquellas fidelidade e dedicação.

Por isso e por que tinha um magnifico methodo de ensino, a sua aula era frequentada por grande numero de alumnos, notando-se, entre elles, muitos, filhos de sinceros liberaes.

No anno lectivo do anno de 1853 para 1854, frequentamos nós a sua aula, na qual tivémos cêrca de

(1) Pouco depois d'essa epocha fixou João Gaudencio a sua residencia na cidade de Evora, onde egualmente exerceu o magisterio; e ahi falleceu passados annos.

trinta condiscipulos, contando-se, entre estes, trez que felizmente ainda vivem.

São elles: Cypriano Leite Pereira Jardim, Luiz Leite Pereira Jardim e Antonio Norberto da Silva Pinto (2).

Em attenção ás nossas pequenas edades, eramos, tanto na ida para a aula como no regresso a casa, acompanhados,—os dois Jardins pelo seu velho creado, preto, Sebastião,—nós pela nossa velha creada Maria Delphina.

Quanto nos é grato recordar-nos com saudade, d'estas pequenas coisas sobre as quaes são passados já cincoenta e seis annos! Mas ai! São ninharias que jámais esquecem.

Nos sabbados tinhamos a tradiccional sabbatina, na qual se repetia o que tinhamos estudado durante a semana, e por essa occasião costumava João Gaudencio distribuir pelos discipulos, que melhor aproveitamento manifestavam, premios, com que os distinguia e que consistiam em lacinhos de fitas de seda de côres.

Alia tempora!

---

(2) Cypriano e Luiz Jardim eram filhos do Dr. Manuel dos Santos Pereira Jardim, lente da faculdade de Philosophia, na Universidade e mais tardo agraciado com o titulo de Visconde de Monte-São.

Cypriano é hoje o possuidor d'esse titulo, par do reino hereditario e general de divisão do quadro de reserva.

Luiz é lente da faculdade de Direito, tendo ha muitos annos fixado residencia em Lisboa. E' o actual Conde de Valença.

Norberto formou-se em medicina e reside tambem em Lisboa.

O jornal de Joaquim Martins de Carvalho, o *Conimbricense,* n.º 41, de terça feira, 13 de julho de 1854, na sua local *Noticias diversas,* e sob a epigraphe *Enygma,* noticiou que:

«...na quarta feira, 7 d'este mez, o estudante de Logica e Geometria, Lazaro Tavares Affonso e Cunha, tendo sahido de casa no seu trajo de capa e batina, desappareceu; e que as auctoridades procedem a averiguações.»

No dia 16 de junho (sexta-feira) d'esse anno, achando-nos todos os condiscipulos na aula, sentiu-se uma enorme vozeria, assim como o rumor de passos de muita gente na rua.

Sob um geral impulso de desculpavel curiosidade, professor e alumnos, todos corremos ás janelas e ao muro do quintal que ficava ao lado e nivel da sala da aula; e então vimos uma immensidade de estudantes e tambem futricas, cercando e acompanhando outros estudantes que, em uma maca ligeiramente improvisada, conduziam os restos informes do desditoso Lazaro, o qual, conforme já dissemos, desaparecêra na tarde de 7 d'esse mez.

Logo no dia seguinte, 17, o *Conimbricense,* n.º 42, noticiava que:

«...aparecêra na vespera o cadaver de Lazaro; e que fôra descoberto por Tinoco, caçador, acompanhado de um tenente e de dois sargentos.»

Mas retrocedamos alguns dias.

No anno lectivo a que vimos de referir-nos (1853-1854) frequentavam o lyceu de Coimbra, Lazaro Affonso Tavares e Cunha (3), natural do Bunheiro, districto de Aveiro, Diogo Maria d'Araujo Santa Barbara (4), natural de Coimbra, e Luiz Maria da Cunha (5), natural da Pedrulha, districto de Coimbra; estando matriculados —os dois primeiros nas aulas de Logica e Geometria, e o Cunha, apenas, na ultima d'essas disciplinas.

Diogo era filho de Herculano Aprigio Araujo Alves Santa Barbara, empregado na secretaría do Hospital da Universidade (6).

Tinha sido educado com demasiada liberdade, resultando d'ahi entregar-se desvairadamente a extravagancias que constantemente o collocavam em circunstancias bem precarias.

Foi n'uma d'estas ocasiões que elle, invocando a sua qualidade de condiscipulo, pediu a Lazaro emprestada uma moeda (4$800 réis), que prometteu pagar-lhe em breve praso.

Nunca lh'a restituiu, porém; e, ainda, tendo conhe-

---

(3) Lazaro morava na rua do Borralho.

(4) Diogo, na rua das Rãs.

(5) Cunha, na rua de Corpo de Deus.

(6) A sua primeira nomeação foi de escripturario do Dispensatorio dos Hospitaes da Universidade, em 17 de julho de 1834. *(Almanach de Portugal para 1856,* pag. 199).

Em 1873 ainda era empregado na secretaría do Hospital da Universidade.

cimento, em certo dia, de que Lazaro havia recebido a sua mezada, voltou a pedir-lhe mais dinheiro.

Bem sabia Lazaro que nunca receberia do Diogo qualquer quantia que lhe emprestasse; e por isso, pretextando ter feito despesas com a compra de livros e roupa, desculpou-se. E desde esse dia adoptou o systema de guardar o dinheiro n'um cinto, que usava por fórma a não ser visto.

De nada lhe valeu, porém, a sua previdencia. Quanto póde a fatalidade!

N'um dia, em que acabava de vestir-se para sahir, entrou-lhe o Diogo, inesperadamente, em casa e poude ainda lobrigar o cinto.

D'ahi, a sua malvada premeditação do roubo e traiçoeiro assassinato do seu condiscipulo!...

Na tarde de 7 de junho não recolheu Lazaro a sua casa, como costumava fazer pontualmente, nem de noite nem no dia seguinte; facto que muito extranhado foi pelo seu companheiro de casa, um estudante de theologia, que se apressou a communical-o á auctoridade administrativa.

Formaram-se diversas conjecturas, mas ninguem pensava n'um assassinato; pois que sendo Lazaro um rapaz morigerado, estudioso e inoffensivo, não havia logar a admittir essa hypothese.

Alguns se lembraram se seria um suicidio; mas esta

ideia foi tambem posta de parte, porque, sabendo toda a gente que elle vivia sem difficuldades e recebia bôa mezada, não podiam admittil-a.

N'uma persistiram, porém: — um desastre no rio Mondego, onde tivesse ido banhar-se.

A auctoridade administrativa mandou fazer diversas pesquisas nos pórtos dos Bentos e dos Lazaros, na margem direita do Mondego, proximo da rua da Alegria, por n'elles se haverem dado muitos desastres de pessoas que ahi iam tomar banho e morriam afogadas.

Nada, porém, se descobriu que revellasse ter ali ido o estudante Lazaro.

N'essa epocha havia em Coimbra dois magnificos caçadores, cada um dos quaes possuia uma bôa matilha. Eram João de Pinho, que durante annos exerceu o logar de guarda-livros na loja de ferragens do grande capitalista e commerciante, Ferreira Borges, na antiga rua do Coruche, mais tarde rua do Visconde da Luz, e um tal Tinôco, que mais tarde vimos revisor do caminho de ferro, os quaes ha muitos annos falleceram.

Conheciam elles perfeitamente o vasto Choupal, sitio muito frequentado não só para passeio, como por muitos caçadores. E porque algumas vezes ali iam á caça não lhes eram desconhecidos os mais reconditos logares da grande matta.

Offereceram os seus serviços ao administrador do concelho, que lh'os acceitou, mas (diga-se a verdade) sem esperar que qualquer coisa descobrissem, por isso

que ninguem poderia suppôr que Lazaro se fosse embrenhar nos perigosos sitios que abundam no centro do Choupal.

Escolheram o dia 16 de junho para essa batida no Choupal, aonde se dirigiram com os seus cães de caça.

Com João de Pinho (7) e Tinôco iam um tenente e dois sargentos.

Depois de terem esquadrinhado diversos sitios mais solitarios, sentiram os latidos dos cães, parecendo-lhes que alguma coisa estranha houvessem descoberto.

Correram ao sitio, d'onde partiam os latidos, e eis que se lhe depara um cadaver em circunstancias horrorosas.

Era o do infeliz Lazaro, mutilado e em completo estado de decomposição.

A cabeça estava a alguns passos de distancia do corpo e por tal fórma descarnada, por durante dias ter sido pasto de vermes e outros animaes, que se não reconheceria, a não ser por se verificar que pertencia ao cadaver que proximo estava, vestido ainda de batina, e tendo perto a capa e gorro do assassinado (8).

Lazaro recebeu o tiro, que o prostrou, na nuca.

---

(7) Se bem que na local já transcripta do *Conimbricense*, se não mencione o nome de João de Pinho, é certo que tambem foi, e a elle proprio o ouvimos dizer.

(8) A este crime se referiu minuciosamente Joaquim Martins de Carvalho no seu livro *Os assassinos da Beira*, pag. 255 a 265.

Estava finalmente descoberto o seu cadaver, que revelava o crime. Restava descobrir o assassino ou assassinos.

Muitas foram as diligencias a que as auctoridades procederam n'esse sentido; mas todas debalde.

Primeiramente lembraram-se imputal-o a Antonio Francisco Bispo (9), creado dos Pintos Bastos e residente no Choupal.

Valeu-lhe para não ser preso, apesar de innocente, morrer pouco tempo depois.

Tambem recahiram suspeitas no referido estudante de theologia; mas breve se desvaneceram, por infundadas, visto o seu exemplar comportamento, bons precedentes e amizade que votava ao seu companheiro.

Mais de um anno decorreu sem que fossem descobertos o auctor ou auctores d'esse nefando attentado.

Mas a Providencia não permittiu que os criminosos ficassem impunes; e, quando já pouco se falava em tal assassinato, o seu principal auctor veiu sobre si levantar justas suspeitas.

No anno lectivo de 1854 para 1855, Diogo Santa Barbara tornou a matricular-se em logica e geome-

(9) A este Bispo se refere aquelle auctor na citada obra a pag. 257.

tria (10), por ter sido reprovado nos respectivos exames, no anno anterior, em que fôra condiscipulo de Lazaro.

O Cunha abandonára os estudos.

Na rua da Calçada, hoje rua de Ferreira Borges e fazendo esquina para as escadinhas de Santhiago, que d'aquella rua dão communicação para a antiga praça de S. Bartholomeu ou Praça Velha, hoje Praça do Commercio, existiu por muitos annos uma ourivesaria pertencente a Abilio Augusto Martins, e por isso conhecida por *Ourivesaria do Abilio*.

Todas as tardes, em frente d'este estabelecimento, se reuniam grupos de academicos, em animada conversa, distracção esta que os pacatos preferiam a ir-se asphixiar com o pestifero ambiente dos cafés, que n'esse tempo muito deixavam a desejar.

N'este anno cursava o 3.º anno da faculdade de Direito D. Francisco de Souza Holstein (11), o qual, com seus dois irmãos, tambem estudantes, era hospede do estudante do 5.º anno d'essa faculdade Jacintho An-

---

(10) Consta da *Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu no anno lectivo de 1854 para 1855*, pag. 37 e 40.

(11) D. Francisco de Souza Holstein, já no anno lectivo de 1855 para 1856, era Marquez de Souza Holstein. (*Relação* citada).

Formou-se n'aquella faculdade em 1857, e doutorou-se em 1858 ou 1859.

tonio de Souza, (12) morador na rua da Esperança, n'umas casas que faziam esquina para o Bêco do Loureiro.

Na tarde do dia 13 de julho de 1855 (era uma sexta feira), estava á porta da referida ourivesaria um grupo de estudantes da Universidade, entre os quaes se encontrava aquelle D. Francisco, que habitualmente usava uma grossa corrente de ouro, parte da qual brilhava por fóra do abotoado da batina.

N'essa occasião passaram perto d'esse grupo os estudantes, Diogo Santa Barbara, repetente, como já dissemos, de Logica e Geometria, e Fabricio Augusto Marques Pimentel, tambem repetente do primeiro anno philosophico (13).

---

(12) Era geralmente conhecido por o «Jacintinho». Em 1855 para 1856 frequentou o 6.º anno da faculdade de Philosophia, na qual se doutorou, sendo em 26 de maio de 1856 nomeado lente substituto extraordinario da mesma. *(Almanach de Portugal para 1856.* — Additamento, pag. 689).

Tambem, nos annos lectivos de 1855 para 1856 e 1857 para 1858, regeu no Lyceu a cadeira de *Principios de Physica e Chimica* e *Introducção á Historia natural dos trez reinos,* para a qual fôra nomeado em 7 de setembro de 1855. (Citado *Almanach,* pag. 174).

No anno lectivo de 1854 para 1855 foi a mesma cadeira regida interinamente pelo Sr. Dr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos, posteriormente lente de Philosophia e ha muitos annos Ministro plenipotenciario de Portugal na Italia.

(13) Na *Relação do indice alphabetico dos estudantes matri-*

Diogo, tão deslumbrado ficou ao vêr aquelle precioso objecto, que não poude resistir que não murmurasse para Fabricio: «Que bella cadeia para uma lazarada!»

Se bem que falasse baixo, não passou desapercebida ao grupo a expressão «lazarada», não tanto por trazer á lembrança o triste fim de Lazaro, como por ser proferida por Diogo; pois que este, em consequencia da sua desregrada e má conducta, não merecia as sympathias da academia.

E o certo é que, ponderando aquella phrase que se lhes antolhou como tendo referencia ao assassinato de Lazaro, esses estudantes que formavam o grupo assim o foram participar ao administrador.

No dia seguinte, 13 de julho (14), foram presos Diogo

---

culados, etc., *de 1853 para 1854* e na de *1854 para 1855,* — em ambas figura como matriculado no 1.º anno da faculdade de Philosophia, Fabricio Augusto Marques Pimentel.

No livro já citado — *Os assassinos da Beira,* a pag. 262, na referencia á prisão de Fabricio, no dia 3 de setembro de 1855, é elle tambem considerado estudante de Philosophia.

Mas succede que no *Conimbricense,* n.º 13, de 7 de março de 1854, aparece transcripta uma relação de *estudantes riscados perpetuamente,* na qual figura o nome do Fabricio. Isto leva-nos a suppôr que fosse indultado, e por isso se matriculasse, novamente, no referido 1.º anno.

14) Livro citado — *Os assassinos da Beira,* pag. 257.

No *Conimbricense,* n.º 54, de sabbado, 14 de julho de 1855, na 4.ª pagina, e sob o titulo — *P. S.* — noticiam-se estas duas

Santa Barbara e o seu ex-condiscipulo e quasi inseparavel companheiro Luiz Maria da Cunha (15).

O Fabricio foi preso no dia 3 de setembro.

O Diogo esteve alguns dias preso na antiga cadeia do Aljube, mas, para maior segurança, foi removido para a da Portagem.

Essas cadeias foram demolidas ha cêrca de 50 annos.

Ainda nos lembramos de, em uma das noites de illuminações nas fachadas de todos os estabelecimentos publicos e da maioria dos particulares, em signal de regosijo pela coroação e annos do chorado rei, Sr. D. Pedro V, em 16 de setembro de 1855 (16), termos visto o Diogo, em mangas de camisa e com grande azáfama a collocar luminarias nas grades da cadeia da Portagem.

Fabricio foi despronunciado na Relação do Porto, por accordão de 30 de janeiro de 1856 (17). Valeu-lhe incontestavelmente para isso a muita protecção de que dispunha seu pae, que era escrivão de Direito e tabellião em Coimbra.

---

(15) Cunha já não vem mencionado na citada *Relação*, etc., relativa ao anno de 1854 para 1855.

(16) N'esta, e *para celebrar a coroação e annos, fundou-se o Asylo de Mendicidade*, em Coimbra. *(Almanach de Coimbra para 1858*, pelo Sr. Pedro Augusto Martins da Roxa, pag. 68).

(17) Livro citado — *Os assassinos da Beira*, pag. 262.

Não frequentou mais a Universidade; e, embora o seu aspecto fosse de bondade, tornara-se antipathico á academia e até á maior parte dos seus patricios (18).

O Diogo e o Cunha responderam em audiencia geral de 2 de agosto de 1856, a qual terminou ás 4 horas da manhã do dia 3, sendo condemnados ambos em degredo por toda a vida,—Diogo para a Africa Oriental e Cunha para a Occidental.

Pouco depois de chegarem ao degredo, lá falleceram.

Tiveram o fim que mereceram esses dois cobardes assassinos, que, com a mira em roubar um cinto com dinheiro, ao seu condiscipulo, o attrahiram ao Choupal, pretextando uma caçada ás rôlas!

O sempre lembrado e consciencioso jornalista, Joaquim Martins de Carvalho, depois de se referir largamente a estes acontecimentos, termina com a seguinte consideração:

«*Sirva ao menos este lamentavel acontecimento a alguns paes de familia, que, pela demasiada liberdade com que educam seus filhos e pela extrema indulgencia*

---

(18) Fabricio passou o resto da sua vida mal acompanhado, e pobre, sustentando-se apenas, e mal, do producto de batotas pataqueiras que dava em sua casa e que eram concorridas de maus freguezes.

Morreu ha poucos annos.

com que olham as suas extravagancias, dão azo a que elles se corrompam e se precipitem no abysmo da perdição» (19).

Tinha toda a razão o venerando escriptor.

O Diogo foi sempre mal visto em Coimbra. A sua figura era repugnante e antipathica. Além d'isso era notorio em toda a cidade, que elle recebia uma detestavel educação sem que, quem o devia fazer, se preoccupasse de corrigir-lhe os instinctos perversos.

O caso que vamos narrar e em Coimbra corria de bocca em bocca, basta para comprovar o que fica dito.

Diogo encommendara um collete ao alfaiate Thomé, que morava na rua da Calçada.

Satisfez o artista a encommenda e mandou-lh'a.

Diogo não estava em casa, mas logo que chegou e viu o collete, tratou de vestil-o. Estava bem feito mas um pouco largo. Isso bastou para que elle, desesperado e enfurecido, rasgasse a obra em tiras.

Exactamente na occasião em que Diogo praticava essa acção, entrava no mesmo aposento seu pae, o qual, longe de reprehendel-o energicamente, lhe disse: «*Fizeste mal em rasgar o collete: o que devias fazer era rasgar a cara do alfaiate!*»

Na mesma occasião em que o Diogo e o Cunha *eram conduzidos pela rua da Calçada, para comparecerem na*

---

(19) Livro citado — *Os assassinos da Beira*, pag. 265.

audiencia em que deviam ser julgados, o pae do assassino estava jogando n'um bilhar d'essa mesma rua ... (20)

Era o pae de Diogo, já referido, Herculano Santa Barbara, que estava jogando no antigo bilhar do Trony, assim conhecido por haver pertencido aos ascendentes do Dr. José Adolpho Trony; mas que no tempo, a que vimos de referir-nos, pertencia ao alfaiate José de Figueiredo Pinto, vulgarmente conhecido por *Lord Tesoira* (21).

A condemnação de Diogo abreviou os dias de sua unica irmã.

Sua mãe havia fallecido de desgosto, poucos dias depois da prisão de seu filho; e o pae ... esse ainda viveu muitos annos, continuando, emquanto viveu, como empregado do Hospital da Universidade.

---

(20) *Coimbra antiga e moderna*, por A. Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 43.

(21) Assim era conhecido, por ser muito enfatuado e orgulhoso, desde que em 1866 fôra eleito vereador da camara municipal de Coimbra e até, mais tarde, recebera a graça de *commendador!*

Joaquim Martins de Carvalho, no seu livro já mais d'uma vez citado — *Os assassinos da Beira*, a pag. 251, referindo-se á «*sucia* (trata-se de ladrões) *reunida no largo da Feira e que d'alli foram ao roubo no chão do Bispo* (foi em 1846), *dava-se a monstruosa circumstancia de estar um* UM PAE E TRES FILHOS.

.....

E o FILHO *mais velho, o alfaiate José de Figueiredo Pinto, passados exactamente vinte annos*», etc.

Foi á porta d'aquelle alfaiate que, em julho de 1839, cahiu mortalmente ferido o celebre estudante sicario, José Carlos Lobo (22), o qual, sendo no mesmo estabelecimento recolhido, n'elle falleceu, passada meia hora, sendo no dia seguinte removido o seu cadaver para a egreja de S. João de Almedina, com um grande acompanhamento de academicos.

(22) Idem, pag. 227.

VI

Adriano Marques, o "Lord Manteiga,,

Na praça de Sansão (hoje praça de 8 de maio) e no começo da rua Direita, lado direito, existiu por muitos annos um estabelecimento de mercearia, de que era proprietario José Antonio Marques, que antes de se estabelecer fôra creado do convento de Santa Cruz.

Os cruzios, assim como outros frades, quando fôram extinctas as ordens religiosas e abandonaram os conventos, enterraram n'um sitio qualquer da respectiva cêrca a parte dos seus haveres pecuniarios que no momento da sahida não poderam guardar.

Em Coimbra era voz publica que José Antonio Marques, conhecedor d'esse sitio, ali fôra uma noite e se apossára do abençoado peculio dos frades, sem remorço por essa má acção, por isso que áquelles não custára muito a acumular tão farto thesoiro.

Tinha o esperto homem um unico filho, Adriano Marques Pereira, o qual chegou a frequentar o terceiro anno philosophico, mas de que não passou, pois que, matriculando-se no 4.º anno, por duas vezes foi reprovado.

E, se ficou com o 3.º anno, deveu-o a tres perdões d'acto, que se deram no curto espaço de cinco annos.

Adriano Marques dissipava grandes capitaes, não só em cavallos caros, mas ainda em frequentes e demoradas viagens a Madrid e outras cidades do paiz das castanholas, d'onde voltava sempre acompanhado.

Só passeava de trem ou a cavallo.

D'uma vez, passando elle na estrada que de Coimbra segue para Santo Antonio dos Olivaes, seguia com o cavallo a grande galope.

A um dos lados da estrada encontrava-se o pobre doido Antonio das Almas, que, ao vêl-o, se sahiu com este espirituoso dito: «Lá vae aquelle gastando a galope o que o pae ganhou a passo» (1).

Adriano Marques, em consequencia do pae ser merceeiro e por ser um enfatuado, era geralmente conhecido por «lord Manteiga».

Poucos mezes sobreviveu ao pae e por isso não lhe chegou o tempo para dissipar toda a fortuna e ganhar o reino do ceu morrendo pobre.

Ainda deixou uma fortuna razoavel com que contemplou em partes eguaes a dois amigos, com a obrigação de darem uma mezada de trinta mil réis a uma determinada pessoa.

Um d'esses amigos ainda vive.

---

(1) E' claro que alludia ao que o pae ganhava (que não era pouco) pelo negocio; pois que o dinheiro dos frades apanhou elle sem grandes canceiras.

VII

O Dr. Antonio Jardim

Antonio dos Santos Pereira Jardim era filho de Francisco dos Santos Pereira Jardim (1) e natural de Coimbra, onde nascera em 25 de dezembro de 1821.

Desde pequeno que se dedicou ao officio de tanoeiro; mas mais tarde lembrou-se de seguir os estudos e frequentou algumas aulas de preparatorios.

Infelizmente, por escassez de meios, viu-se forçado a interrompel-os e voltar á sua officina, que estava estabelecida na rua das Solas, hoje rua de *Adelino Veiga*, e na qual elle exerceu, por alguns annos, aquelle honrado officio, trabalhando em franca fraternidade com os officiaes seus assalariados.

A' sua probidade e rigidez de caracter aliava Antonio Jardim uma extraordinaria e invejavel força de vontade.

Abramos um parenthese.

Antonio Jardim tinha dois irmãos: Manuel dos San-

---

(1) Vide a nota no final d'este capitulo.

tos Pereira Jardim, o mais velho, que se doutorára em Philosophia, e Joaquim dos Santos Pereira Jardim.

O Dr. Manuel Jardim, que, em 1851 (2), era substituto extraordinario, oppositor á 2.ª cadeira d'aquella faculdade, foi nomeado lente substituto ordinario, em 13 de dezembro de 1854 (3).

No anno lectivo de 1857 para 1858 era já lente cathedratico da referida faculdade (4), na qual regía a cadeira do 1.º anno; e, alguns annos depois, foi agraciado com o titulo de visconde de Monte-são.

Joaquim dos Santos Pereira Jardim, depois de ter servido no batalhão academico, foi, passado tempo, nomeado recebedor do concelho de Coimbra, logar que durante muitos annos exerceu dignamente, vindo a fallecer na mesma cidade, em 6 de setembro de 1909, com mais de oitenta annos de edade.

Fechêmos o parenthese.

N'um dia, por qualquer razão secundaria que não vem para o caso, mas porventura reveladora da maior

---

(2) *Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu, no anno lectivo de 1850 para 1851,* pag. 45.

(3) *Almanach de Portugal para 1856,* pag. 198.

(4) *Relação e indice,* etc., *no anno lectivo de 1857 para 1858,* pag. 35.

tenacidade e d'um louvavel capricho, pensou Antonio Jardim: «*porque não heide eu chegar onde outros têem chegado?*»

E se bem o pensou melhor o fez.

Sem interromper por completo os trabalhos do seu officio, algumas horas por dia dedicava-se aos estudos, e com tamanho aproveitamento que, no anno lectivo de 1845 para 1846 (5), conseguia matricular-se no primeiro anno da faculdade de direito, e em 1851 concluia a sua formatura, sendo o numero treze d'esse curso do 5.º anno (6).

Ainda, como estudante da Universidade, Antonio Jardim, ao passo que em determinadas horas frequentava as aulas e dedicava as noites ao estudo, passava o tempo de que podia dispôr, na tanoaria, entretendo-se a vigiar e dirigir os seus officiaes.

Um facto, porém, se deu que obstou a que elle, tendo-se matriculado no 1.º anno, em 1845-1846, concluisse a sua formatura em 1850, mas sim em 1851.

Foi este:

Quando, depois de se terem sublevado os povos do Minho, em 14 de abril de 1846, se organisou, no mez

---

(5) *Noticia historica do batalhão academico de 1846 a 1847 — Notas do Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim.* Coimbra, 1889, pag. 49.

(6) *Relação e indice alphabetico*, etc., já citados, de 1850 para 1851, pag. 27.

de maio seguinte, em Coimbra, o batalhão de voluntarios academicos, Antonio Jardim, cuja alma de verdadeiro liberal e dedicado patriota não admittia pêias, alistou-se n'esse batalhão, que era constituido por estudantes da Universidade e do Lyceu.

Nas suas, já citadas, *Notas*, que infelizmente não poude concluir e publicar, porque a morte veiu surprehendel-o, quando revia as primeiras provas (7), dizia o Dr. Antonio Jardim:

«Era eu um dos mais idosos, pois tinha pouco mais «de vinte e cinco annos, e é certo que só me dominou «o bem da patria! Que enthusiasmo ao entoarmos o «hymno academico, o da Maria da Fonte, a Marselheza «e o proprio Alfageme? Loucuras, dirão os que lerem «estas linhas; loucura, responderei, é a vida sem idêas, «sem abnegação, sem heroicidade. Como era agitada e «vigorosa em idêas a vida academica em 1846! Quanto «ella é baixa e inerte em 1887! Não é producto de uma «corrupção esta falta de vida; é sim effeito do estado «moral da raça latina, que: adquirida a liberdade, gose

---

(7) *Noticia historica do Batalhão academico de 1846-1847— Notas do Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim.* Coimbra, 1889, pag. 5.

A essas *Notas* foram juntas outras e addiccionada a respectiva relação pelo Sr. A. J. Flores, de Alter do Chão, a convite do Sr. Dr. José Jardim, referida pag. 5.

«d'ella, embora seja ignomisamente. Eis o grito da vida «moderna: *après nous le déluge.*» (8)

Estas suas transcriptas palavras synthetisam o homem.

Na relação dos voluntarios academicos, em numero de 203, que acompanha as suas notas, vê-se inscripto, pela ordem da numeração: — «45 — Antonio dos Santos «Pereira Jardim, 3.ª companhia, natural de Coimbra, «primeiro anno de direito, n.º 106; fez toda a campa- «nha. — Administrador de concelho, lente cathedratico «de direito. Foi muito contuso no peito por uma bala de «recochete no Alto do Viso. Falleceu em Coimbra a 27 «de fevereiro de 1888.» (9)

O batalhão academico tomou parte, durante o periodo revolucionario desde maio de 1846 a julho de 1847, em varios encontros, dos quaes o mais importante, foi a acção do «Alto do Viso» no dia 1.º de maio de 1847, na qual entraram trinta e um academicos, sob o commando do capitão, Fernando Mouzinho d'Albuquerque.

D'esses trinta e um valentes do «Alto do Viso» fizeram parte Antonio Jardim (10), com o posto de furriel e Antonio José de Barros e Sá, posteriormente ministro d'estado e ha muitos annos fallecido.

---

(8) *Noticia historica,* citada, pag. 6.

(9) *Noticia historica,* citada, pag. 9 e 10.

(10) *Noticia historica,* citada, pag. 27 e 35.

Foi depois d'esses acontecimentos que Antonio Jardim voltou para Coimbra e concluiu a sua formatura.

Quando foi dos grandes tumultos, que, pelo entrudo de 1854, se deram em Coimbra, entre a academia e futricas (11), tumultos de que resultou o exodo da maioria dos academicos, era o bacharel Antonio dos Santos Pereira Jardim administrador do concelho d'essa cidade.

Foi devido á sua grande influencia, conquistada pelas geraes sympathias que gosava, e ainda pela sua liberal e justiceira administração, que esses tumultos, se bem que enormes, não attingiram maiores proporções e mais funestos resultados (12).

Um anno depois de taes acontecimentos, que ficaram conhecidos por «Celebre entrudada de 1854», resolveu o bacharel Antonio dos Santos Pereira Jardim doutorar-se a fim de seguir o magisterio na Universidade.

Para isso no anno lectivo de 1854 para 1855 frequentou, como *apresentado,* o 6.º anno, no qual teve por condiscipulo Augusto Cesar Barjona de Freitas.

---

(11) Por *futricas* são denominados geralmente os naturaes de Coimbra, que não fazem parte da academia.

(12) A essa *entrudada* se refere largamente, Joaquim Martins de Carvalho, no seu precioso livro *Apontamentos para a historia contemporanea,* pag. 243; e nós no capitulo XIV da presente obra.

Defendeu theses em 11 de junho de 1855; no dia 23 d'esse mez fez o exame de licenciado e no dia 29 doutorou-se.

Em 10 de maio de 1861 foi nomeado lente substituto extraordinario, e em 1869 promovido a lente cathedratico (13).

A importante posição que conquistou, sem auxilio estranho e exclusivamente pelo seu trabalho e inquebrantavel tenacidade, não lhe insuflou a minima particula de vaidade ou d'esse orgulho balôfo que distingue os ridiculos e insignificantes.

O Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, lente, era o mesmo homem tratavel e modesto que fôra quando exercia o seu honroso officio de tanoeiro.

Por isso elle apresentava na sua sala dois retratos seus:—um tirado já depois de lente, e o outro tirado quando elle na sua officina, sem casaco e com as mangas da camisa arregaçadas, empunhava na mão direita um *matho* e na outra um *chaço,* com os quaes rebatia os arcos d'uma pipa.

Era um verdadeiro democrata na melhor accepção da palavra; e a sua divisa foi sempre «Honra, Trabalho e Egualdade.»

Antes de encerrarmos este capitulo de referencia, especialmente ao Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim

---

(13) *Noticia historica,* etc., já citada, pag. 50 e 51.

e porque elle foi, como dito fica, um dos valentes do batalhão de voluntarios academicos, vamos, com a devida venia, transcrever do valioso livro *Algumas horas na minha livraria,* do Sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho (14), o hymno d'esse batalhão:

HYMNO DO BATALHÃO DE VOLUNTARIOS ACADEMICOS

Letra do estudante Augusto José Gonçalves Lima e musica do estudante José Christiano de Medeiros.

Brada a patria: á guerra, á guerra
O' valente mocidade!
Que vos roubam vossa amante,
A divina liberdade.

Somos jovens, livres somos,
Somos demais portuguezes;
O dever nos chama á guerra,
Affrontemos seus revezes.

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos sim.

---

(14) Pag. 137 e 138.

O Sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho é filho do eminente e consciencioso jornalista Joaquim Martins de Carvalho, que falleceu em Coimbra, no dia 18 de outubro de 1898.

Temos palmas de Minerva,
De Marte queremos os loiros,
Embora colhel-os vamos
Entre nuvens de peloiros.

Seremos, sim, p'ra mostrarmos,
Que o mal da patria nos dóe,
Cada estudante um soldado
Cada soldado um heróe.

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos sim.

Embora Lisboa durma
O somno da escravidão,
Hade Coimbra accordal-a
Ao rouco som do canhão.

Iremos. iremos todos
Atravez de perigos, damnos,
Esmagar no proprio ninho
Os reptis palacianos.

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos sim.

NOTA — Francisco dos Santos Pereira Jardim era irmão de José dos Santos Pereira Jardim, da Figueira da Foz, o qual, quando das luctas civis e por ser um liberal convicto e valente, muito padeceu durante esse periodo, estando, de 1828 a 1829, preso na

cadeia do antigo «Aljube» de Coimbra e mais tarde na da praça de Almeida, — cadeia esta denominada «Os baús», por serem as suas abobodas abauladas.

Em ambas as prisões contava elle, no grande numero d'outros liberaes, seus companheiros de infortunio, meu pae.

Ainda conhecemos José dos Santos Pereira Jardim, na sua tanoaria na rua de Santo Antonio da villa da Figueira da Foz, hoje cidade.

Temos bem presente que a ultima vez que o vimos foi em principios de setembro de 1858, dias antes de partirmos para Pernambuco, para a casa commercial de seu filho José dos Santos Pereira Jardim, que residia no largo do «Forte do Mattos» no Recife.

N'essa occasião estava o bondoso velho José Jardim, não obstante contar já cêrca de 70 annos de edade, desbastando uma aduela, com uma pesada *segura,* que empunhava.

Foi toda a vida um homem honradissimo e honesto, nobilitado pelo trabalho, — que é a mais firme nobreza d'este mundo — nobreza que andava aliada ás familias Jardim, da Figueira da Foz e Coimbra, e que d'elle passou a seus filhos e netos.

Falleceu com mais de 90 annos.

VIII

O padre Bernardo

Durante muitos annos foi professor de grammatica portugueza e latina do lyceu (1) de Coimbra, antigo Collegio das Artes, o padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho, frade egresso.

Era um bom homem, muito religioso, sem fanatismo e tolerante; mas pouco illustrado e dotado de uma ingenuidade verdamente infantil, a qual por vezes tocava as raias da ignorancia.

Dava duas aulas por dia, sendo uma das 8 ás 10 horas da manhã e outra das 3 ás 5 da tarde.

Residiu durante os ultimos annos da sua vida n'umas casas contiguas ao collegio de N. Sr.ª do Carmo, na rua da Sophia; mas apesar da enorme distancia, que d'esta

---

(1) O lyceu era geralmente conhecido por «Pateo». E, até, dos estudantes que o frequentavam se dizia trivialmente: *são estudantes do Pateo.*

De longa data lhe vinha essa designação, que dava logar á phrase: *fazer os exames do Pateo.* (Vide *Os estudantes de Coimbra,* pelo Dr. Guilherme Centazzi, 1840, tomo I, pag. 33).

rua, situada na cidade baixa, ia ao lyceu, que era proximo do largo do Castello (2), não deixava o padre Bernardo de dar com regularidade as duas aulas, sendo sempre pontual á hora de entrada.

O itinerario que elle habitualmente seguia era:—pelo *largo de Sansão*, hoje *praça de 8 de maio; rua do Coruche*, actualmente *rua do Visconde da Luz; rua da Calçada*, actual *rua de Ferreira Borges; arco de Almedina; rua de Quebra-costas; largo da Sé Velha; rua das Covas*, hoje *rua de Borges Carneiro; largo de S. João* (3); *rua das Colchas; largo da Feira* e *rua dos Penedos*, actual *rua de Camara Pestana*, que terminava no largo do lyceu;—ou, d'aquelle largo de Sansão, subia a *rua das Figueirinhas* (4) actual *rua Martins de Carvalho; rua do Collegio Novo; Couraça dos Apostolos; arco do Bispo; largo da Feira* e *rua dos Penedos*.

---

(2) O largo do Castello é o sitio mais elevado da cidade.

(3) No largo de S. João e proximo da rua d'este nome existiu por muitos annos um alfarrabista de nacionalidade franceza, Mr. Simon, que só parava no estabelecimento quando tinha de attender a algum freguez.

Fóra d'isso, ou estava, de pé, á porta, ou a passear em frente d'ella, sempre com o seu classico boné e invariavel jaqueta, aspirando ininterruptamente o fumo d'um bom cachimbo.

(4) Quando se procedeu ao alargamento da antiga rua do Coruche, o illustrado jornalista Joaquim Martins de Carvalho, que ahi morava, mudou a sua residencia para a rua das Figueirinhas. Ahi tinha tambem a typographia do seu apreciavel jornal *Conimbricense*.

Mas n'um dia em que, na ida para a aula da tarde, teve necessidade de ir a um estabelecimento no largo da Portagem (5), alterou aquelles itinerarios; e, seguindo parte do primeiro até á Calçada, dirigiu-se ao largo da Portagem e d'aqui subiu para o largo da Estrella e continuou pela *rua do Correio* ou *de S. Christovão* e hoje *rua de Joaquim Antonio de Aguiar,* até o *largo da Sé Velha,* onde devia retomar a ultima parte d'aquelle primeiro itinerario.

Na rua do Correio existiu por muitos annos uma relojoaria pertencente a Frederico Ferreira; e este mandára collocar por cima da porta da loja (6) e pelo lado exterior, um relogio-annuncio, de grandes dimensões, cujos ponteiros immoveis invariavelmente indicavam duas horas.

O padre Bernardo, que ha muito tempo não passava n'essa rua e desconhecia tal fórma de annuncio, ao vêr o relogio parou, e tirando do bolso o seu *caldeirão* (7), consultou-o e notou que este marcava tres horas menos um quarto.

---

(5) N'esse tempo (foi em 1853) existia ainda a cadeia da Portagem. Esse largo é o actual *largo do Principe D. Carlos.*

(6) Este estabelecimento passou depois para a rua da Calçada e ficava fronteiro á rua de Almedina.

(7) Antigamente dava-se o nome de *caldeirão* ou *cebóla* aos relogios (de prata ou ouro, e tambem os havia de cobre) com duas caixas; e alguns, ainda, com uma terceira feita de tartaruga. Tornaram-se raros e os que apparecem são carissimos.

O bom do padre extremamente ingenuo, capacitando-se de que um relogio de relojoeiro necessariamente devia regular bem, suppôz que o seu é que regulava mal e acertou-o por aquelle.

E assim (sem o perceber) ficou com o seu atrazado quarenta e cinco minutos. Foi seguindo seu caminho até o largo da Feira; e, entendendo que seria fastidioso ir esperar, no lyceu, que fosse hora de dar aula, enveredou para o largo do Castello e dirigiu-se ao Jardim Botanico.

Aqui demorou-se algum tempo, tendo, é claro, o cuidado de consultar mais d'uma vez o seu *infallivel*.

Chegou emfim o momento em que o padre Bernardo entendeu dever ir para o lyceu.

Ora, em quanto o padre Bernardo se demorára no jardim, tanto os seus discipulos como o bedel, vendo que passava de trez horas e meia e porque, em vista da austera pontualidade do professor, se capacitaram de que elle tivesse adoecido, suppozeram e com razão, que não tinha logar a aula da tarde; e, por isso, retiraram-se aquelles.

O bedel ficou ainda, esperando que terminasse a outra aula do Patagonia, que começára á hora propria.

Soaram as 4 horas no relogio da Sé Nova, quando o padre chegou. Mas esperava-o cruel decepção:—não ver os discipulos.

Ao saber o motivo de tal retirada e depois de respeitosas observações do velho bedel, é que o pobre homem comprehendeu que o tal relogio grande não regulava,

e retirou-se exclamando: «Ora vão lá fiar-se em apparencias!»

Contavam-se, por essa epocha, em Coimbra, as seguintes suas engraçadas anecdotas:

Em occasião que fôra a uma quintita que possuia para lá da ponte de Agua de Maias, e para onde costumava ir montado n'um pequeno jumento, succedeu que ao regressar d'alli e ao atravessar uma ribeira, foi colhido por uma chuva torrencial, que não lhe deixou fio enxuto, chegando a agua a entrar-lhe dentro das botas de montar.

Ao chegar a casa tratou de mudar de roupa, ao mesmo tempo que ordenou ao creado (8) que lhe tirasse as botas. Custou-lhe, mas descalçou-lh'as, e, como estavam encharcadas, uma das botas arrastou consigo a meia.

O padre, ao ver a perna núa, admirou-se e gritou para o creado:

—F., vae á ribeira que atravessámos e vê se encontras a meia que me falta.

Valeu ao creado, para se livrar da estopada, ser mais atilado que o amo.

—Hade estar aqui, meu senhor; e mettendo a mão pelo cano da bota, sacou a meia.

O padre Bernardo ficou embasbacado.

Em certo dia procedia-se a exames de latim.

---

(8) O padre Bernardo nunca teve creada nem ama.

A mêsa era composta por—presidente, Dr. José Maria d'Abreu (9), e examinadores o padre Simões (10) e o padre Bernardo.

Um dos examinandos era filho d'um individuo muito amigo do padre Bernardo e a quem este era devéras obrigado.

O rapaz fez um pessimo exame.

Terminadas as provas e quando, em sessão secreta, a mêsa se dispunha a fazer as classificações, o padre Bernardo procurava occultar as lagrimas que espontaneamente lhe assomaram aos olhos. E' que o padre Bernardo via-se, como costuma dizer-se, entre a cruz e a caldeirinha—entre Scylla e Carybides—; ou trahir a sua consciencia, approvando-o, ou reproval-o, e assim ia de encontro á gratidão ao seu amigo.

Salvou-o da collisão o presidente, dizendo-lhe:—collega, attenda á sua consciencia votando com o seu R, que nós, para harmonisar as coisas, votamos com os nossos A A. O rapaz foi approvado *simpliciter* e o padre ficou tranquillizado.

Falleceu em 1854 (11).

---

(9) Lente de Philosophia.

(10) O Fatagonia.

(11) Para a vaga que deixou foi nomeado o Dr. em Direito, Nuno José da Cruz.

IX

O Patagonia e os antipodas

Em diversas publicações em que se descreve a vida, costumes e diversos typos da lusa Athenas, hei visto anecdotas referentes ao Patagonia.

Algumas, porém, das muitas que se lhe attribuem não viram ainda a luz da publicação e por isso passamos a narral-as.

Mas antes d'isso, apresentemol-o ao leitor.

Manuel Simões Dias nasceu no logar das Luadas, freguezia da Bemfeita (1), e ahi viveu até a edade de 18 annos, em companhia de seus paes, que eram uns lavradores humildes mas relativamente abastados.

Na sua mocidade occupava-se Manuel Simões no rude mister de guardador de vaccas e outro gado que seus paes possuiam.

Algum tempo antes de attingir essa edade, deu-se incidentalmente uma circumstancia, que, sendo a coisa mais simples d'este mundo, concorreu só por si para mudar a carreira do rapaz, transformando-o, de guarda-

(1) Concelho e comarca de Arganil, districto de Coimbra.

dor de gado, em estudante e mais tarde padre, professor e capitalista.

Foi, pouco mais ou menos, em 1826.

N'essa epocha era professor particular de latim e latinidade, na villa de Arganil, o padre Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, que mais tarde foi professor de Oratoria, Poética e Litteratura classica, no lyceu de Coimbra.

Borges de Figueiredo era natural da Castanheira (2), e ahi costumava ir passar o tempo de férias.

A distancia de Arganil ao logar da Castanheira é de três leguas bem puxadas (talvez 20 kilometros), por caminhos escabrosos, em alguns dos quaes a passagem a cavallo constitue uma verdadeira temeridade.

N'uma tarde em que Borges de Figueiredo sahira de Arganil para ir gosar as férias na sua terra, aconteceu anoitecer-lhe; e, porque os caminhos mal se descobriam por se encontrarem cobertos de neve, desviou-se do que seguia e perdeu-se.

Foi cavalgando com cautela para evitar o cahir n'algum dos muitos despenhadeiros que por alli abundam, e sempre perscrutando se via ao longe alguma luz, até que emfim uma se lhe deparou lá ao longe.

Dirigiu-se para esse ponto e encontrando, munido de uma lanterna, Manuel Simões, que fechava a porta do curral do gado, perguntou-lhe que direcção devia tomar, para continuar a jornada.

---

(2) Pertence á freguezia de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, districto de Coimbra.

Manuel Simões não só lh'o indicou, como espontaneamente o acompanhou por algum tempo.

Só quem não tiver feito jornadas pelas serras póde ignorar que, durante ellas, principalmente de noite, o viajante vae sempre conversando com o creado ou arrieiro, sem preoccupações ridiculas. O caso está em ter a quem dirigir a palavra para quebrar a monotonia d'uma jornada na serra. Até o caminho parece, assim, mais curto.

Notou o padre Cardoso que o rapaz era esperto e atilado; e percebendo que d'alli podia sahir alguma coisa melhor do que ser guardador de vaccas, no seu regresso de férias passou pelas Luadas e procurou o pae, a quem disse que aquelle era mal empregado na occupação que desempenhava; que lh'o mandasse para Arganil, pois que elle desejava ensinar-lhe grammatica e latim, para depois se preparar com outros estudos necessarios para ser padre. Accrescentou, mesmo, que se não prendesse com despesas, além das de vestir o filho; que, casa, alimento, ensino e livros, corriam por sua conta.

Depois de muita relutancia do rude lavrador, acceitou este a proposta.

O padre Cardoso seguiu para Arganil; e, quando nas férias seguintes foi para a Castanheira, levou em sua companhia até ás Luadas o, já então, seu discipulo Manuel Simões, que durante ellas se conservou em casa de seus paes.

Depois de 20 mezes de estudo aturado fez o seu exame de latinidade.

Entrou no seminario de Coimbra, onde frequentou os preparatorios que lhe faltavam (a esse tempo para theo-

logia apenas exigiam latim, logica e rhetorica) e seguiu o curso theologico do mesmo seminario, d'onde em poucos annos sahiu padre.

Depois de ordenado estabeleceu-se em Coimbra, com aula particular em que ensinava latim e latinidade.

Em 1854 foi o padre Simões nomeado para reger a cadeira de latinidade, vaga por fallecimento do respectivo professor, Luiz Ignacio Ferreira, de quem aquelle fôra substituto durante dois annos (3).

Por um delicado acto de gratidão ao seu protector, adoptou d'elle o appellido e assignava-se Manuel Simões Dias Cardoso.

Apesar do tempo que dispendia nas duas aulas que dava no lyceu e outra em sua casa, ainda dizia a sua missa diariamente e ia prégar qualquer sermão para que fôsse convidado, especialmente nas freguezias ruraes mais proximas de Coimbra.

N'esse tempo e ainda por muitos annos eram as missas pagas a 120 réis; e quanto a sermões, no que o padre Simões (diga-se a verdade) não era insigne, prégava-os pela diminuta esportula de 1$200 réis, e algumas vezes de 960 réis.

Na sua aula tinha grande numero de alumnos, pela mensalidade de 2$400 réis cada um; e além d'isso começou desde logo a receber alguns estudantes como pensionistas.

Assim foi elle juntando alguns cabedaes e, passados

---

(3) Alguns annos depois foi-lhe dada a dignidade de arcediago da sé de Coimbra.

poucos annos, comprou uma quinta no sitio do Calhabé (4).

Depois que o padre Simões adquiriu essa quinta, muitas vezes foi ao logar das Torres (5) prégar sermões, e por cada um d'elles contentava-se de lhe mandarem despejar na quinta uma carrada de estrume!

Tinha como creada (ou ama) uma velhota, por nome Michaela, a qual era um magnifico exemplar de fealdade.

A tia Michaela era irascivel; mas o padre Simões tinha-a na melhor conta, porque, se elle era economico até a avareza, aquella excedia-o.

Para a avaliar bastará dizermos que, para que os estudantes comessem menos pão, fornecia-lhes sempre pão duro, comprado na vespera.

Fôram decorrendo os annos, e o padre Simões já tinha fama de endinheirado. Além da quinta, comprára uma casa na rua do Loureiro e emprestava dinheiro por grandes juros e sempre com as melhores garantias.

Mas o que veiu concorrer para que a sua fortuna augmentasse d'uma maneira fabulosa, foram as outras compras que effectuou: primeiramente do collegio da Trindade, e pouco depois de algumas insuas nas margens do rio Mondego.

---

(4) Proximo da Arregaça.

(5) O logar das Torres fica a uma legua de Coimbra. E' proximo d'esse logar que existe uma barca para dar passagem a quem necessita atravessar o rio Mondego e seguir para a Beira.

O collegio da Trindade foi á praça, ahi por 1856, voltando, por falta de arrematantes, á segunda. Foi n'esta que o padre Simões o arrematou por pouco mais de um conto de réis, preço baratissimo, attendendo a que varias dependencias d'esse collegio andavam arrendadas por boas quantias. D'uma pequena parte em que habitava o Dr. Manuel Egipcio Quaresma de Vasconcellos, pagava este duzentos mil réis.

Mas a compra das insuas ainda foi muito mais vantajosa do que aquella. Foi um ôvo por um real.

Pela antiga companhia dos tabacos fôram, em acção commercial, penhorados todos os bens pertencentes ao celebre Gavicho de Tentugal.

A venda das insuas foi feita em glôbo, e como o seu valor fôsse de muitas dezenas de contos, ninguem se atrevia a lançar n'ellas.

O padre Simões esperou pacientemente pela terceira praça, e, apesar d'esta estar muito concorrida, mas por que nenhum dos outros concorrentes podesse na occasião dispôr de quantia importante, arrematou-as por uma quantia relativamente grande, mas muitissimo inferior ao valor real d'essas propriedades.

Assim teve a habilidade de accumular uma fortuna sólida de tresentos contos de réis.

Durante a aula e quando algum discipulo dando a sua lição de Tito-Livio, claudicava na traducção, o padre Simões impacientava-se e gritava-lhe: *ó moinante, agarra-te ao verbo,* e outras vezes a qualquer resposta desacertada do discipulo, atirava-lhe esta reprimenda:

ah marôto, que essas nem na Iberia se dizem, e muitas mais no mesmo gosto.

N'um anno teve elle de presidir aos exames de geographia e historia, por haver subitamente adoecido o nomeado. Examinadores foram o Dr. Doria, professor d'essa disciplina e o Dr. Marques, substituto da cadeira de rhetorica.

Perguntando este examinador a um dos examinandos onde ficava uma qualquer região de Africa, o rapaz dirigiu o ponteiro para o respectivo mappa e ia a indical-a, quando repentinamente o padre Simões, empunhando outro ponteiro, apontou para o mappa da America e, collocando-o sobre a região da Patagonia, disse para o examinando: *é por alli.*

D'ahi ficou sendo *O Patagonia.*

Um dos estudantes, seu hospede, no regresso da cidade do Porto, offereceu ao padre Simões uma caixa com garrafas de vinho superior e velho, lembrando-lhe que convinha conserval-o em logar fresco.

Padre Simões consultou a velha Michaela, e accordaram em que se segurasse a caixa com uma corda e se lançasse na cisterna que havia no quintal.

Assim fizeram.

Passados mezes formou-se um dos seus pensionistas e o padre, desejando, apesar da sua sovinice, festejar esse dia, resolveu abrir uma garrafa do precioso néctar; e acompanhado da Michaela, que ia resmungando sem-

pre, lá se encaminharam para o quintal e içaram o caixote.

Despregando este, sentiram calafrios de horror, pois que, em logar de garrafas de vinho, encontraram apenas pedras.

Começou a discussão entre os dois sobre qual o motivo da metamorphose, até que por fim o padre Simões, dando uma enorme palmada na tésta e depois de ter olhado para o fundo do poço, exclamou: «Ai! Michaela, que ladrões! Ora vê:—*foram os nossos antipodas.*— Ella olhando tambem e vendo-se espelhada na agua concordou: «é verdade; quem tal diria!»

Os rapazes tinham descoberto ao acaso que o vinho havia sido alli depositado, e para solemnisarem em particular o entrudo, haviam aproveitado a ausencia do padre e creada e substituido as garrafas por pedras.

O Patagonia foi fallecer no Porto, onde, contra o conselho do seu medico, pois que estava no principio de convalescença de doença grave, fôra para assistir a uns exames, o que já não poude fazer.

X

Os Dorias

Fôram os Dorias, três irmãos, que, pela sua extrema bondade e actos, repetidas vezes manifestados, do mais acrisolado altruismo, conquistaram a sympathia e dedicação geraes, não só entre os seus conterraneos, mas até das diversas gerações academicas, que, succedendo-se d'anno para anno, tiveram occasião de lh'os apreciar.

Ainda os conhecemos, quando, vivendo os tres na melhor harmonia, que nunca quebraram, habitavam n'uma casa na rua do Loureiro em frente da rua do Salvador.

Um grande portão dava entrada ao amplo pateo que communicava com a casa.

D'esse pateo se descia uma curta rampa para o magnifico quintal, onde, entre outras se elevava uma arvore gigantesca—a maior que existia em Coimbra (1) e suas immediações. Tão grande que de qualquer ponto das estradas suburbanas, d'onde se olhasse para a lusa Athenas, se descortinava a cópa monumental d'essa arvore, já conhecida por *arvore dos Dorias*.

(1) Suppomos que ainda existe.

O Dr. João Antonio de Sousa Doria, o mais velho dos irmãos, nascêra na extincta villa de Côja, concelho d'Arganil, e d'alli veiu, creança ainda, em companhia de seu pae Antonio Joaquim de Sousa, o qual fixou sua rezidencia em Coimbra.

João Antonio de Sousa Doria, que era doutor na faculdade de Medicina, foi nomeado professor de Historia, Chronologia e Geographia, do lyceu de Coimbra, em 2 de setembro de 1840 (2).

Durante alguns annos foi substituto extraordinario da referida faculdade, e no anno lectivo de 1852 para 1853 (3), demonstrador interino n'uma das cadeiras do terceiro anno, cargo este, em que, no seguinte, lhe succedeu o Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, que veiu a fallecer decano d'essa faculdade (4).

O Dr. João Doria, em 1850, casou, e foi então que mudou a sua residencia para o bairro de Montarroyo, onde por muitos annos morou.

Além de reger a sua cadeira no lyceu, tambem, a convite do Sr. Bispo Conde, ia ao seminario episcopal ensinar as mesmas disciplinas, o que não obstava a que

---

(2) *Almanach de Portugal,* para 1856, pag. 174.

(3) *Relação e indice alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu,* no anno lectivo de 1852 para 1853.

(4) Idem idem de 1853 para 1854.

fizesse serviço no hospital da Universidade e exercesse clinica particular.

Todos os seus discipulos o adoravam e, ainda depois, conservavam d'elle as mais gratas recordações.

E' que o Dr. João Doria assim como seus irmãos eram dotados de tamanha bondade, que nunca tiveram um inimigo.

Isto era notorio.

José Antonio dos Santos Neves Doria, nascêu em Coimbra e formou-se tambem em medicina.

Era egualmente um médico distincto e, quando em 1854 grassou em Coimbra a cólera *morbus,* prestou no hospital da Universidade revelantissimos serviços, sem todavia abandonar a sua clinica particular, que era muita.

Era com justiça considerado um benemerito.

Entre a sua clientela, destacava-se em grande parte a pobreza; porque elle não se julgava satisfeito por tratar os doentes pobres, de graça; não: e por isso, em muitos casos, ainda lhes fornecia roupas e até dinheiro para as diétas. Valeu-lhe o seu altruismo, pois que pensava mais no bem alheio do que no proprio, chamarem-lhe *o médico dos pobres.*

Quando na cidade ou seus suburbios havia algum incendio as primeiras pessoas a comparecer no logar do sinistro eram sempre José Doria e seu irmão Antonio Doria.

N'esse tempo ainda não havia bombeiros em Coimbra, e as poucas bombas que a Camara Municipal pos-

suia, de systema antigo, eram conduzidas á mão por homens não amestrados e que com difficuldade lhes deitavam a agua com cantaros.

José e Antonio Doria, arrojados como eram, praticavam prodigios de valôr e heroicidade e muitas vidas salvaram de incendios.

Corriam ao logar, onde maior era o perigo; galgavam as escadas, subiam aos telhados e fazendo uso de machados para cortar vigamentos, quando isto se tornava indispensavel para obstar á communicação do incendio a outros predios,—tudo isto praticavam com destrêsa egual á dos mais habeis e experimentados bombeiros.

N'esses tempos não se distribuiam aos heroes as medalhas e honrarias, que mais tarde começaram a ser espalhadas com ridicula prodigalidade, indo d'ellas a maior parte ornar o peito de insignificantes nullidades.

Não faziam, porém, falta aos irmãos Dorias; porque a intima satisfação que elles sentiam por haverem cumprido um dever que voluntariamente se impunham, aliavam-se as simpathias e bençãos que lhes votava toda a cidade de Coimbra, e que bem mais os penhorava do que qualquer outra recompensa.

José Doria era tambem um grande musico. Possuia um orgão por elle proprio fabricado e como tocador de viola era eximio. Foi mesmo uma notabilidade.

Todas as tardes éra certo na Calçada (hoje rua Ferreira Borges) á porta da relojoaria do Frederico.

Apresentava-se sempre correctamente vestido, falando a todos com a sua proverbial afabilidade; e com o seu fiel «Terra Nova»—*Hecton* ao lado.

XI

O Cadastróne

Por ésta alcunha foi sempre conhecido em Coimbra, José Maria dos Santos, barbeiro, residente na couraça dos Apostolos.

E' sabido que, geralmente, os barbeiros falam de todos os assumptos, conhecem quasi todas as pessoas da terra ou bairro em que vivem, e são uma especie de «Argus» policiaes, que sabem de factos, dos quaes não é facil a qualquer outro mortal ter conhecimento. Em resumo, o barbeiro antigo (ainda hoje os ha) era uma especie de *cadastro* falante.

E talvez não erremos, imaginando que algum typo de bom gôsto fizesse derivar, do substantivo *cadastro,* este outro *cadastrone,* com que alcunhou o nosso homem.

Cadastrone era uma especie de barbeiro ambulante, pois que raras vezes exercia o officio em sua casa, mas sim nas dos freguezes.

Apresentemol-o ao leitor.

Era alto, magro e musculoso; orçava pelos 60 annos, e, quando andava, inclinava-se muito para a frente, por

fôrça de habito e não porque fosse corcovado. Usava invariavelmente, de verão ou de inverno, um capote comprido de panno azul, com cabeção e uma larga gola de panno-pelle. Na cabeça o classico chapeu alto de grandes abas.

Quer do céu se despenhassem catadupas, quer o calor fosse tropical, nunca o velho *Figaro* se servia de guarda-chuva ou sol. Nem mesmo possuia tal objecto ou bengala. E para que, se elle não podia usal-os?

As mãos tinham applicação mais util; n'uma segurava o estôjo das navalhas e uma cafeteira com agua quente, n'outra a competente bacia de cobre, sempre muito amarella por bem areada.

E assim percorria as casas de uma infinidade de freguezes, especialmente lentes, professores e estudantes, aos quaes barbeava e cortava o cabello pela modica mensalidade de 240 réis, que mais tarde elevou a 400 réis por cada freguez.

Incansavel, como era em trabalhar, tinha tambem freguezes nos bairros de Sant'Anna, Santa Therêza e S. José, incluindo n'estes o velho lente de Philosophia, Dr. Goulão, e o de Direito, ha poucos annos fallecido, Dr. Calisto, que morava na Cumiada, proximo á calçada do seminario.

Era casado com a sr.ª Anna Barbeira, de quem teve um unico filho, com os quaes vivia e com uma creada, na loja da sua casa, em cujos três andares recebia estudantes, mediante uma pensão.

Em sua casa estiveram até concluir a formatura muitos academicos notaveis, sendo um d'esses o grande poeta

João de Deus. Este, porém, apenas lá se conservou um ou dois annos.

Custava-lhe a pronunciar certas palavras e por isso empregava ordinariamente uma linguagem um pouco vasconça, que lhe dava logar a dizer tolice.

Entre outras muitas, lembra-nos a seguinte, que lhe ouvimos em occasião que barbeava o pae do auctor d'estas linhas.

Fôra eleito deputado por Midões, que, então, com Tábua formava um circulo, o antigo juiz do tribunal da Relação do Porto, desembargador, Aristides Ribeiro Abranches Castello Branco (1); e Cadastrone, sentindo estalar foguetes para os lados da rua da Sophia, onde ficava a casa d'aquelle desembargador, que a esse tempo se encontrava em Coimbra, suspendeu o acto de barbear e disse:

—«Sabe V. Senhoria? Ficou eleito por Midões *o doutor Arestins* (2).

Não podia—coitado! — pronunciar Aristides.

Seu filho, de nome tambem, José Maria dos Santos, formou-se em theologia; sendo, em attenção á sua probidade, escolhido pelo reverendo Bispo-Conde de Coimbra, sr. Bastos Pina, para seu secretario.

Fôra sempre muito estimado pelos seus professôres, não só por sua constante applicação ao estudo, o que

---

(1) Fallecido ha muitos annos, sendo juiz do Supremo Tribunal de Justiça. Era irmão do Visconde de Midões.

(2) Termores nos pés das bêstas.

lhes dava logar a approvarem-no sem favôr, mas tambem pelo seu comportamento exemplar durante a formatura e depois d'esta.

Monsenhor José Maria dos Santos foi tambem arcediago da sé de Coimbra e mais tarde escrivão da camara ecclesiastica, fallecendo em 1909, pouco depois de nomeado para esse logar.

XII

As jornadas antes da mala-posta

Até os principios do anno de 1855, o jornadear entre Lisboa e Coimbra ou d'esta cidade para a do Porto constituia um enorme perigo para os viajantes que necessitavam transportar-se d'um a outro d'esses pontos; por isso que o percurso entre as duas primeiras durava de três a quatro dias e entre as segundas, dois a três, sempre por pessimos caminhos quasi intransitaveis e muito frequentados de salteadores destemidos.

Eguaes perigos se offereciam nas jornadas de Coimbra para a Figueira da Foz e para Arganil.

Tanto umas como outras só podiam fazer-se em liteira ou a cavallo; mas ésta ultima fórma era a usada pelos estudantes, que das referidas localidades e terras intermediarias se dirigiam para Coimbra, e tambem por almocreves e estafêtas.

Costumavam os estudantes, no proposito de mais facilmente evitarem ou resistirem aos assaltos, formar caravanas, e nunca, em pequeno numero, se aventuravam ao caminho.

Não obstante essa precaução, muitos d'elles fôram

assaltados e roubados, sendo-lhes, por fortuna, poupada a vida.

Outro tanto não succedia, porém, aos almocreves e estafêtas, dos quaes alguns, que tentaram resistir, foram assassinados, chegando a apparecer os cadaveres d'uns e a dar-se o completo desapparecimento d'outros.

Os sitios, principalmente escolhidos pelos ladrões, para os seus assaltos, eram:—o celebre pinhal da Azambuja e a Cruz de Meroiços, na estrada de Lisboa a Coimbra, e, na d'esta cidade para a do Porto, a Ponte d'Aguas de Maias, o Carquêjo e Mealhada.

Na de Coimbra para a Figueira, assentava o ponto estrategico dos salteadores no Choupal, nos suburbios de Pereira, Caràpinheira e Montemor-o-Velho; e, na de Coimbra para Arganil, no logar dos Palheiros (1), no do Carvalho e proximo aos moinhos d'Algaça.

A Cruz de Meroiços fica a distancia de 5 kilometros de Coimbra, no caminho que d'ahi segue para Condeixa.

Perto de Condeixa era situada uma quinta pertencente a Manuel José de Freitas, que por muitos annos exer-

---

(1) Seguindo de Coimbra para Arganil, e depois de passar no logar das Torres, atravessa-se o rio Mondego para a margem direita. No ponto do desembarque fica o pequeno logar dos Palheiros, d'onde se sobe uma ingreme ladeira para o do Carvalho, descendo d'esta povoação outra ladeira que termina na Algaça ou Algácia, pertencente ao concelho de Poiares.

ceu o logar de secretario da administração do concelho de Coimbra.

Foi n'essa quinta que pernoitaram, em 17 de março de 1828, os estudantes commissionados da sociedade «Divodignos», para esperarem e attentarem contra os lentes e membros do cabido da sé cathedral, que, em deputação, se dirigiam para a capital afim de felicitarem o principe regente D. Miguel.

Effectivamente, na manhã do dia 18 do referido mez, no sitio do Cartaxinho, atacaram os membros das deputações e assassinaram os lentes Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Matheus de Sousa Coutinho e feriram outros (2).

Felizmente, ainda no reinado de D. Maria II e devido á larga iniciativa do seu digno ministro, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, fôram principiados os trabalhos para a construcção da estrada real (3) de Lisboa ao Porto, a qual ficou concluida no reinado de D. Pedro V.

---

(2) *Apontamentos para a Historia contemporanea*, por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 95 e 96.

(3) Para esta construcção foi expropriada a quinta, a que vimos de referir-nos, e n'ella, ao proceder-se a excavações na parte expropriada, foram encontrados muitos fosseis, sendo entre elles um tronco humano, perfeito, petrificado, o qual foi offerecido ao museu da Universidade.

Tambem ahi proximo foi descoberta uma enorme gruta «*a Gruta Nova*», em grande inclinação, que offerecia aos visitantes (que foram muitos) uma vista maravilhosa em consequencia das

Em 8 de maio de 1855 foi inaugurado o serviço da mala-posta entre o Carregado e Coimbra, sendo n'esse dia que ella pela primeira vez chegou a esta cidade (4).

Vieram n'ella o visconde da Luz e o conselheiro Serra, com o fim de examinarem a estrada (5).

Do Carregado para Lisboa e vice-versa fazia-se a viagem, n'um vapor, pelo rio Têjo.

Em 1858 este trajecto fluvial foi substituido pelo comboio, visto ter sido aberta á exploração a linha ferrea comprehendida entre esses dois pontos.

De Coimbra ao Carregado gastava a mala-posta vinte e três horas.

Em Coimbra foi installada a estação da mala-posta na parte do mosteiro de Santa Cruz, que tem frente para a antiga *Horta de Santa Cruz,* onde mais tarde em 17 de março de 1867 (6), foi inaugurado o *mercado de D. Pedro V.*

---

muitas *estalactites* e *estalagmites* que n'ella se haviam formado pela concreção calcarea das aguas na abobada e sólo.

Outras grutas se encontraram nas proximidades de Condeixa. Veja-*se Guia historico do viajante em Coimbra e arredores,* pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 262.

(4) *Almanach de Coimbra para 1858,* do Sr. Pedro A. Martins da Roxa — a pag. 52.

(5) Noticia dada no *Conimbricense,* de Joaquim Martins de Carvalho *(n.º 136 de terça feira 12 de maio de 1855).*

(6) *Coimbra antiga e moderna,* por Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 76.

XIII

Santo Antonio dos Olivaes

O bairro de Santo Antonio dos Olivaes, cuja designação lhe vem do convento que ahi existe, d'invocação do milagroso santo, é um dos muitos sitios que abundam nos arrebaldes de Coimbra, e que, pelo pittoresco que em si offerecem, jámais póde esquecer a quem os tenha visitado.

Sahindo do Jardim Botanico pela sua porta principal e subindo a rampa, que passa pelo mosteiro de Sant'-Anna (1), dois caminhos se nos deparam, por qualquer dos quaes podêmos ir para aquelle bairro.

Um d'estes caminhos começa proximo do largo de Sant'Anna, ficando á esquerda o antigo collegio de Tho-

---

(1) Na capella-mor, do lado do evangelho, vê-se o tumulo em que jaz o fundador d'este mosteiro, bispo-conde, D. Affonso de Castello Branco, *Coimbra antiga e moderna* por A. Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 316.

Na abobada da egreja, que é de cantaria, vêem-se as armas do bispo fundador e por cima das grades do côro o seu retrato, *Guia historico do viajante em Coimbra e arrebaldes,* pelo Sr. Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 144 e 145.

mar que pertenceu aos jesuitas e que ha annos foi demolido, para no logar que occupára ser edificada a penitenciaria, seguindo a estrada ao lado das *arcas de agua* até Cellas (2).

Outro caminho começa na calçada que vae para o convento de Santa Thereza (3) e que, continuando pelo alto da Cumiada, vae tambem terminar em Cellas, onde confundindo-se os dois caminhos n'um só, este nos conduz ao bairro de Santo Antonio dos Olivaes.

Para a egreja do convento dá accesso uma longa e ampla escadaria formada de alguns lanços; e d'um e outro lado, em cada patamar, vêem-se diversas capellinhas, com alguns passos da Paixão.

É na egrêja do convento que tem logar a festa do Espirito Santo; e ahi vão em romaria, que dura três dias, muitos habitantes da cidade e ranchos de camponêzes dos suburbios de Coimbra, os quaes com seus

---

(2) Na *Coimbra antiga e moderna,* por A. Cardoso Borges de Figueiredo, a pag. 328, vem narrado um episódio interessante passado n'esse mosteiro em 1712.

Houve desavenças entre as religiosas do mosteiro e os confessores e feitores. Após diversas providencias e incidentes que tendiam a estabelecer harmonia, o corregedor, que não primava pela cortezia, insultou as freiras. Todas ellas se resignaram, com excepção da freira D. Isabel Mauricia de Menezes, que replicou ao insulto com uma valente bofetada no corregedor.

Esta senhora foi mais tarde abbadessa do mosteiro.

(3) Na egreja de Santa Thereza ou Therezinhas foi sepultado o pintor italiano Paschoal Parente. que pintou o quadro do altar-mor. *Guia historico,* etc., citado, pag. 125.

descantes e danças muito concorrem para que sêja animadissima.

Na madrugada de 11 de novembro de 1851 foi o convento devorado por um pavoroso incendio que poupou a egreja, a capella de Nossa Senhora das Dôres, que fica á esquerda da porta principal da mesma egreja, e tambem o interessante presepio que existe no claustro.

N'este ha uma profunda cisterna, sempre abundante em agua.

O convento era propriedade do Dr. Antonino José Rodrigues Vidal (4), a esse tempo lente substituto ordi-

---

(4) O Dr. Antonino veiu depois residir na rua *Larga*, actualmente rua do *Infante D. Augusto*, onde se demorou até que fôsse ultimada a construcção d'uma casa que mandou edificar na rua da Trindade, quasi em frente das *escadas de Minerva* e para as quaes mudou no anno de 1856.

Na mesma casa morou tambem durante alguns annos, seu genro, o lente de Mathematica, Dr. José Falcão.

José Falcão era um verdadeiro homem de bem e liberal convicto.

Foi elle o auctor da *Cartilha do Povo*, verdadeiro thesoiro de doutrina liberal, a qual foi pela primeira vêz publicada em 1884, na imprensa litteraria, sita na rua de Corpo de Deus e da qual era proprietarlo o Sr. Dr. Pedro Augusto Martins da Roxa, sendo este cidadão o editor da mesma cartilha.

Logo n'esse anno foi este valioso livrinho reimpresso em 2.ª, 3.ª e 4.ª edicções.

O Dr. José Falcão falleceu em .. mas ainda hoje é e hade ser por muito tempo lembrado pelos verdadeiros liberaes que o conheceram pessoalmente, ou pelos seus escriptos.

nario do terceiro anno de Philosophia e alli residente com sua familia.

Perto do convento e antes de chegármos á sua portaria, encontram-se dois caminhos.

Um, o da esquerda segue por dentro d'um pinheiral espesso e a meia encosta encontra-se a ermida do Espirito Santo, á qual se «*dirigiram, com o seu reitor, Diogo «Mirão, no dia 25 de julho de 1542, os primeiros jesui-«tas que vieram fundar o seu collegio*» (5).

Dentro d'esta ermida existe uma pequena fonte de agua fresquissima, chamada a *Fonte do gato.* Seguindo pelo caminho da direita, que conduz a diversos logarejos proximos, passa-se pelo sitio conhecido por *O telegrapho,* por haver existido ahi um dos antigos telegraphos (6).

Em uma carta para o Sr. conselheiro Fuschini, dizia José Falcão :

«...se a monarchia póde salvar a patria e restaurar as fôrças «d'este enfraquecido organismo nacional, que o faça... Nós não «lhe pediremos mais.»

Liquidações politicas. Vermelhos e azues, pelo Sr. A. Fuschini — 1896, pag. 25.

(5) *Guia historico,* etc., já citado, pag. 140.

(6) Recordamo-nos de ter, por algumas vezes, visto funccionar esse telegrapho, a cujo serviço estavam dois veteranos que se revezavam de seis em seis horas.

Era muito curioso o seu serviço que demandava a maior attenção.

O telegraphista estava sentado n'um banco alto, para melhor

Durante os três dias da romaria bom negocio faziam as muitas vendedeiras que alli concorriam ao arraial, vendendo grande variedade de dôces fabricados não só nos conventos, mas até em confeitarias particulares.

Do de Sant'Anna eram as afamadas *arrufadas* e os pasteis *napoleões,* assim chamados por terem a fórma de chapeu á Napoleão.

De Cellas as bellas *tigelinhas* de saborosissimo *manjar branco,* tão agradaveis á vista (7) como ao paladar; as *castanhas d'ovos* córadas ao fôrno e perfeita imitação de castanhas assadas; *tamaras* e *queijinhos,* tambem feitos d'ovos.

De Santa Clara, os magnificos *pasteis de folhado* e outros.

Outras vendedeiras negociavam em fructas, e brinquedos de barro.

---

poder consultar alternadamente os dois oculos de alcance que se conservavam assestados, cada um, em orificio proprio aberto na parede.

Do tecto da pequena e estreita casita pendiam tres cordas, cada uma das quaes correspondia a uma das tres grades de madeira, pintadas de branco e preto, para signaes.

O veterano servia-se da mão esquerda para com auxilio das cordas imprimir movimento aos quadros e transmittir os signaes; e com a direita ia escrevendo n'uma ardósia os signaes que recebia, designados por algarismos, os quaes depois passava ao papel, enviando-o ao governo civil, onde eram decifrados.

(7) Estas tijelinhas têem duas camadas de manjar branco, sendo a primeira adherente ao barro, do qual é preciso separal-a com faca. A outra tem a fórma perfeitissima de mamma com seu mamillo.

Vinho não faltava tambem para refrescar as cabeças dos dançantes, que muitas vezes, á força de se refrescarem, aqueciam até o rubro, isto é:—até envolverem-se em desordem que terminava por grossa pancadaria, não obstante ser esse bairro policiado, durante os três dias de fésta, por uma força militar.

N'esse tempo ainda não havia em Coimbra um côrpo de policia civil, o qual só ahi foi installado depois de 1870.

XIV

A entrudada de 1854 e o "Lima Valentão,,

João Lucio de Figueiredo Lima era natural de Sandomil, districto da Guarda, e formou-se em Philosophia no anno de 1855.

Tambem frequentou o primeiro anno mathematico, em 185- para 1856, assim como, de 1856 a 1858, o primeiro e segundo de Direito.

Havia casado em Coimbra com a filha d'um negociante de pannos, estabelecido no largo de Sansão, hoje *praça 8 de maio;* e, com sua espôsa, residia no 2.º andar do predio em que o sôgro tinha o seu estabelecimento.

Tinha bazofia de ser valente, pelo que era conhecido por *Lima Valentão.*

Foi elle, se póde dizer, o principal provocador dos celebres tumultos por occasião do entrudo de 1854.

N'esse tempo as brincadeiras de entrudo eram verdadeiras batalhas, cujos combatentes despediam, uns contra os outros, ovos, laranjas e outros que taes projecteis, que por vêzes se tornavam offensivos.

N'uma das janellas da casa de sua residencia estava

Lima Valentão com sua espôsa e outra senhora, quando d'um grupo de estudantes, que no largo se divertiam, simulando uma corrida de touros, partiu um ôvo que foi bater em cheio no peito d'uma d'aquellas senhoras.

Tanto bastou para que Lima Valentão, n'um indesculpavel impulso de arrebatamento, fosse buscar uma panella de barro, com que atirou ao grupo; e ainda, completamente desorientado, e empunhando uma espingarda, ameaçou os estudantes de lhes atirar (1).

Foi este o grande rastilho dos graves tumultos que por essa occasião se deram.

Muitos estudantes correram em massa a casa de Lima Valentão, chegando a subir a escada, mas não o encontrando por se haver elle evadido pelo te-lhado.

N'esse tempo era governador civil o conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (2), lente de direito, e administrador do concelho o bacharel Antonio dos Santos Pereira Jardim.

Devido aos esfôrços d'estas auctoridades serenáram

---

(1) Joaquim Martins de Carvalhò, nos *Apontamentos para a historia contemporanea*, referindo-se largamente a esse conflicto, apenas (certamente por lapso) menciona o arremêsso da panella, pag. 242.

Mas não seria este facto bastante para que os tumultos tomassem o maior incremento.

Tinhamos n'essa epocha doze annos, e lembra-nos bem de que houve as ameaças com espingarda.

(2) Livro citado, pag. 242.

um pouco os animos. Mas esse socêgo apparente durou pouco. A' noite e no dia seguinte renováram-se com maior violencia as desordens, pelo que teve de intervir a força armada. Em consequencia d'esses acontecimentos, no *Conimbricense* n.º 11, de quarta feira 1 de março de 1854, foi publicado um edital, assignado por aquelle administrador do concelho, ... *prohibindo que se transite pelas ruas depois do toque de recolher (8 da noite) sem motivo justificado.*

Em summa, as coisas chegaram a ponto de uma grande parte da academia resolver abandonar Coimbra e seguir para Lisbôa.

Effectivamente, em 2 de março sahiram de Coimbra, mas só chegáram a Thomar (3), d'onde mais tarde regressaram.

O *Conimbricense*, n.º 12, de 4 de março, tratando ainda d'esses factos, refere-se á descarga que muitos habitantes, d'uma das ruas da cidade baixa, deram, de suas casas, contra os estudantes, quando estes, vindo do bairro alto, se dirigiam a essa rua com fins aggressivos.

No mesmo numero do referido jornal foi publicado um edital do então vice-reitor da Universidade, D. José Manuel de Lemos, bispo eleito de Bragança, fazendo *saber, para descanço das familias dos academicos, que havia socego e que as aulas continuavam abertas.*

Lima Valentão, volvidos alguns annos depois dos

(3) Livro citado, pag. 246.

acontecimentos que ficam narrados, e tendo fallecido sua esposa, veiu fixar residencia em Lisboa, convencido de que em Coimbra, onde muito conhecido era pelas suas proezas, já a fortuna lhe não sorriria.

Pouco tempo depois de chegar á capital, começou de namorar e por fim conseguiu contrahir segundas nupcias com uma afilhada de Avelino Eduardo da Silva Mattos Carvalho, tabellião, cujo escriptorio, foi na rua da Bitêsga.

Lima Valentão, mais patife e velhaco do que valente, não procurára realizar este casamento, por sentimento de affeição, mas unicamente porque sabia que aquelle Mattos Carvalho possuia boa fortuna e era notorio que, por não ter filhos, havia testado a favôr de sua afilhada.

O *Valentão* morava com sua esposa em casa do sôgro, em Lisbôa.

Em fins de julho de 1866, Mattos Carvalho foi passar algum tempo n'uma quinta que possuia no concelho de Alemquer (4).

Aproveitando a ausencia do sogro, projectou elle contra o mesmo a maior das infamias.

Para que sua espôsa nada desconfiasse, simulou uma viagem de poucos dias a Badajoz; e sahiu de Lisboa no dia 4 de agosto em direcção ao Entroncamento. D'ahi, disfarçado em mendigo, retrogradou para o Carregado,

---

(4) *Os assassinos da Beira,* por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 40.

e d'este logar se dirigiu, já proximo da noite, para a quinta de seu sôgro, que era situada entre o Carregado e Alemquer.

Chegado que foi á quinta pediu esmola; e, pretextando grande fadiga, por vir de muito longe, supplicou lhe dessem poisada n'essa noite, para recuperar forças e continuar de madrugada na sua peregrinação.

Mattos Carvalho, depois de ouvir a supplica que o creado lhe transmittira, ordenou que o mandassem entrar para a cozinha, e que, depois de cear, o mandassem deitar n'uma das lojas.

O Genio do mal protegia o malvado na sua premeditada infamia.

O Lima Valentão entrou para a cozinha e começou a cear, quando Mattos Carvalho, que tinha, como costumava, de dar quaesquer ordens aos seus creados, sobre os serviços de lavoura, assomou á porta.

Foi então que o malvado genro, dando um pulo, mais ligeiro que um gamo, desfechou o revolver, de que ia munido, contra seu sôgro que cahiu ferido, mas felizmente sem gravidade.

Aproveitando-se do panico entre os creados, que tratavam de acudir a seu amo, evadiu-se Lima Valentão. Por algum tempo andou fugido em Hespanha, d'onde seguiu para o Brazil e lá falleceu (5).

Quando estivémos em Alemquer, como escrivão do 1.º officio do juizo de direito d'essa comarca, tivemos

(5) Obra citada, pag. 40.

occasião de vêr e examinar o respectivo processo crime, que pelo mesmo cartorio corrêra anteriormente seus termos e n'elle estava archivado.

João Lucio de Figueiredo Lima «O Lima Valentão», foi julgado á revelia e condemnado (6), sendo a esse tempo juiz de direito da referida comarca, o bacharel José Maria da Costa, fallecido ha muitos annos.

Tambem á revelia correu contra elle o competente processo de execução por custas e sellos.

Lá encontrámos ainda no escriptorio, o revolver, instrumento do crime e os alfôrges que Lima Valentão levava ás costas e que abandonou ao fugir.

Dentro d'esses alfôrges estava um fato de casimira todo crivado pela traça.

---

(6) Não nos recordamos da data da sentença nem da pena.

XV

Hospital dos Lazaros

Durante muitos annos o hospital dos Lazaros esteve installado no collegio de *S. José dos Mariannos,* ou dos Carmelitas Descalços, edificio este que em 1851 foi concedido ás Ursulinas, as quaes desde 1848 residiam provisoriamente no convento de Santa Anna (1).

---

(1) Referindo-se ás Ursulinas, diz o Sr. Augusto Mendes Simões de Castro, no seu interessante *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores* (edição de 1867) a pag. 113:

«Esta tão proveitosa instituição teve o seu principio na villa de Pereira, e alli permaneceu até 1848; mas n'este anno o mau estado sanitario da villa exigiu que se procurasse para o collegio posição mais saudavel.

Convidadas as Ursulinas pela madre prioresa do mosteiro de Santa Anna, para alli se recolherem e se estabelecerem, n'isso accordaram;

Durou pouco tempo esta collocação.

A casa conheceu-se por experiencia ser acanhada e pouco vasta para accommodar duas communidades de institutos diversos, usos e practicas differentes, e mais que tudo para se realizar a separação das educandas...

... razões que demoveram a madre superiora e religiosas ursulinas a requerer á senhora D. Maria II, de saudosa memoria,

Lembramo-nos perfeitamente de que em 1850 ainda existia n'aquelle collegio o hospital dos Lazaros, o qual depois da referida concessão passou para o antigo collegio dos monges de *S. Jeronymo,* no largo do Castello.

Não sabemos quantos annos esteve esse hospital no collegio de S. José; estamos, porém, certos de que poucos annos funccionou no de S. Jeronymo, porque este foi cedido ao hospital da Universidade para accrescentar as suas installações, passando o hospital dos Lazaros a occupar o collegio dos Militares. Ahi fômos em domingo de Lazaro, no anno de 1858; e lá se conservava em 1886 (2).

Era antigo costume em Coimbra, estar esse hospital patente ao publico no domingo de Lazaro.

Havia sempre enorme concorrencia de familias, muitas das quaes se faziam acompanhar de creanças, para irem contemplar os rostos informes e pustulentos dos pobres lazaros.

Pessimo costume era esse.

Hoje não sabemos se ainda ahi se encontra o hospital, nem se existe esse mau uso.

O collegio dos Militares é situado na rua d'esse nome, e que, começando ao cimo da couraça de Lisboa, vae terminar no largo do Castello.

---

houvesse por bem conceder-lhes uma casa que offerecesse as commodidades necessarias.

O requerimento foi deferido... concedendo se ás supplicantes o collegio de S. José, por decreto de 21 de junho de 1851.»

(2) *Coimbra antiga e moderna,* por A. C. Borges de Figueiredo, pag. 237.

XVI

O Dr. Vicente Seiça

O Dr. Vicente José de Seiça Almeida e Silva, foi lente da faculdade de direito e mais tarde par do reino, assim como seu tio, Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva.

Residiam ambos na rua da Mathematica, em casa, propriedade do Dr. Ferrer e quasi contigua a outra que pertencia ao lente de theologia, D. Victorino, frade egresso e conhecido por *padre Marmelada.*

Era um bom homem o Dr. Seiça e pouco expansivo, a não ser quando, com outros collegas, passava as tardes cavaqueando n'um determinado ponto do jardim botanico.

No verão costumava o Dr. Seiça passar alguns mezes na sua quinta de S. Silvestre, distante de Coimbra cêrca de 8 kilometros.

N'uma tarde, em que elle e alguns collegas cavaqueavam, appareceu alli o Dr. Jacintho, o qual, dias antes, havia comprado um cavallo.

A palestra em que estavam tomou outro rumo e cada um que possuia animal, para cavallaria, passou a occuparse d'este assumpto.

O Dr. Jacintho dizia que o seu era uma estampa, mas que já lhe havia feito uma partida; isto é:—quando o montava com todo o garbo e seguia pela calçada do convento de Santa Anna em direcção a Santa Thereza, o fogôso animal não fizera cerimonia e lhe ferrara com as costas no chão.

O Dr. Doria gabava a mansidão da sua egua, que era, além de mansa, muito segura.

O Dr. Vicente Ferrer disse que não podia referir-se a cavallo, egua ou mula, pela simples razão de que nunca possuira qualquer exemplar de gado cavallar ou muar; mas que na sua quinta do Freixo tinha uma jumenta, que costumava montar para dar os seus passeios pela quinta, e que nem a vendia por dinheiro algum, nem a trocava pelo melhor cavallo ou egua. E explicando, disse: — «Aprecio-a porque, á sua evangelica paciencia reune a essencial qualidade de ser previdente. Quando se sente farta do pêso da minha pessôa, arrebita as orêlhas, ajoêlha, e eu saltando-lhe por cima do pescoço, cáio sempre de pé.»

Ouviu a todos o Dr. Seiça que, por fim se sahe com esta:

—«Pois meus senhores, eu tambem estou muito satisfeito com o meu cavallito, pelo seu bom andamento. «Quando saio da minha quinta para vir dar aula, monto em S. Silvestre ás 8 horas e ás 9 ponho-me em Santa Clara».

Era effectivamente no bairro d'este nome, que o Dr. Seiça se apeava, e ahi recolhia o cavallo n'uma loja que para tal fim alugára.

XVII

Alexandre Herculano e o poeta Rozendo

O grande historiador, Alexandre Herculano, como particular amigo que era do Dr. Vicente Ferrer Neto de Paiva (1), lente da faculdade de direito, era seu hospede em todas as occasiões que ia a Coimbra.

---

(1) O Dr. Ferrer foi nomeado lente da 3.ª cadeira da faculdade, em 14 de julho de 1834.

Era fidalgo da casa real, socio da Academia real das sciencias de Lisboa e commendador da ordem de N. Sr.ª da Conceição de Villa Viçosa. *Almanach de Portugal para 1856*, pag. 195.

Em 1837 foi eleito Ven.·. da *loja maçonica* do partido cartista, estabelecida na quinta de *Rezelles* ou de *Santa Cruz*. *Apontamentos para a historia contemporanea*, por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 169.

Por mais de uma vez foi reitor da Universidade.

Em 1864 exercia elle esse elevado cargo, quando muitos academicos, julgando-se desconsiderados pela portaria do ministerio do reino, assignada pelo duque de Loulé, em 26 d'abril, — pela qual lhes era recusado o *perdão de acto* que impetravam, como signal de regosijo pelo nascimento do principe herdeiro, D. Carlos, que tivera logar em 28 de setembro de 1863 — abandonaram a cidade e seguiram para o Porto. *Apontamentos*, etc., pag. 270 e 271.

Em sua casa, na rua da Mathematica, e em noites determinadas costumava o Dr. Ferrer receber alguns collegas e amigos, os quaes, antes e depois do tempo destinado ao chá em familia, se entretinham, uns conversando e discutindo animadamente, outros jogando, silenciosos, o classico voltarete, a que, exclusivamente, prestavam attenção.

N'esse tempo residia em Coimbra, terra de sua naturalidade, o poeta repentista, Rozendo Antonio de Carvalho (2), a quem muitas pessoas de vez emquando convidavam para os seus serões, não só para lhe ouvir varias anecdotas que contava do tempo da guerra peninsular, durante a qual foi cirurgião militar de um regimento, mas tambem para apreciarem a espantosa facilidade com que o velho poeta improvisava uns versos acêrca de qualquer assumpto que lhe lembrassem e glosava os motes que lhe davam.

N'uma occasião em que A. Herculano foi a Coimbra, a seu pedido convidou o Dr. Ferrer a Rozendo para um d'esses serões.

Passou-se isto n'uma noite de inverno do anno de 1854 ou 1855 (3).

---

(2) A este Rozendo se refere A. Cardoso Borges de Figueiredo, na sua *Coimbra antiga e moderna,* pag. 108 e 109.

(3) Foi n'este anno que se doutorou em Philosophia, Mathias de Carvalho e Vasconcellos, a quem já nos referimos (pag. 40, nota 12).

Foi então a primeira vez que vimos Herculano, e nunca mais nos esquecemos da sua figura austera, nem da fórma simples e despretenciosa porque esse grande homem trajava n'essa occasião.

Vestia uma confortavel jaqueta de pelles (4), calças de borlina e botas de montar de cabedal atanado, branco.

Encontrando-o passados annos, hospedado tambem em casa do Dr. Ferrer, na casa que este possuia na sua quinta do Freixo, proximo da villa da Louzã, vimol-o com trajo egualmente singelo, tendo apenas substituido a jaqueta de pelles por uma de panno côr de pinhão. Não nos admirámos d'essa mudança, por que estavamos em setembro, mez de ferias e de calor (5).

Mas voltemos ao serão, em que compareceu o velho Rozendo.

N'essa noite entre outros convidados que ali se reuniram encontrava-se o Dr. Joaquim Gonçalves Mamede, lente cathedratico da faculdade de Mathematica na

---

(4) Não vá pensar-se que eram pelles de lontra. Qual! Eram pelles de carneiro, eguaes aquellas de que no Alemtejo usam fazer *safões*.

(5) Lembramo-nos perfeitamente de que foi em setembro de 1857, anno que precedeu o da nossa partida para o Brazil.

N'essa occasião o grande historiador, nos dias que passou na quinta do Freixo, entretinha-se a assistir ás vindimas e á *pisa das uvas*, dando os seus conselhos sobre a melhor fórma de preparar e conservar o vinho. Estava-se revellando o futuro *solitario de Valle de Lobos*, onde se tornou fabricante, não de vinho, mas de magnifico azeite.

Universidade, o qual usava chinó para occultar a sua calva luzidia.

O Dr. Ferrer era um cavaqueador interessante, e até muito jovial entre os seus amigos; e lembrando-se de pregar uma partida ao seu especial amigo, o Dr. Mamede, pediu a Rozendo que improvisasse uns versos, glosando o mote *Um calvo com cabelleira.*

O poeta, calvo tambem mas que não usava cabelleira postiça como a do Dr. Mamede, não se fez rogar e procurando endireitar-se tanto quanto lh'o permittia a sua corcunda, proveniente do pêso dos annos, improvisou a seguinte decima:

«N'esses remotos paizes,
«Por onde fui viajar,
«Coisas notei de espantar:
«Senti falar codornizes;
«Homens vi com dois narizes
«E até vi n'uma leira
«Dar pêras uma maceira;
«Mas, o que por lá não vi
«E só aqui descobri
«— Foi calvo com cabelleira.» (6)

Todos aplaudiram o velhote, sem exceptuar o Dr. Mamede, que com o Dr. Ferrer riam a bandeiras despregadas.

O proprio A. Herculano, pondo de parte o seu serio, acompanhou a risota.

(6) O poeta empregou *cabelleira* na sua principal accepção — *cabello comprido*, para frisar o absurdo de um calvo ter cabello na cabeça.

XVIII

Espectaculos diversos

Antigamente as companhias que exibiam trabalhos de equitação e acrobaticos eram vulgarmente designadas por *Companhias de cavallinhos*.

Ahi por 1851 ou 1852 esteve em Coimbra uma d'essas companhias, a qual, para dar os seus espectaculos, fez construir um ligeiro circo no amplo claustro do, já n'outra parte referido, collegio da Graça, para o que lhe foi concedida pela camara municipal d'essa cidade, á qual o collegio pertencia, a competente auctorisação.

D'essa companhia era figura de destaque pela sua destreza na equitação, prodigiosos saltos pelo arco e perfeito equilibrio na corda a, então, celebre dançarina Angelina, artista que áquelles predicados alliava juvenil formosura.

Por isso, muitos estudantes e até os que o não eram traziam as cabeças tontas por Angelina, a qual, sempre que apparecia no circo, era alvo das mais enthusiasticas demonstrações de apreço, recebendo palmas e bravos, que attingiam o delirio.

E porque, n'um d'esses espectaculos, alguem de mau

gôsto se lembrou de dar pateada, houve entre os espectadores scenas de pugilato que, generalisadas, degeneraram em grossa pancadaria, sendo interrompido o espectaculo e tendo de intervir uma força do regimento de infanteria n.º 23, já a esse tempo aquartellado n'uma dependencia d'aquelle collegio.

QUADROS VIVOS

No anno de 1853 esteve em Coimbra uma companhia de *Quadros vivos*, que dava os seus espectaculos na egreja do antigo convento de S. Domingos ou do collegio de S. Thomaz (1).

Era engenhôso o machinismo que supportava uma especie de palco, mas de movimento, para a apresentação dos quadros vivos.

O palco era formado por uma placa, de madeira, circular, medindo entre três a quatro metros de diametro e giratoria.

Essa placa, sobre a qual se exhibiam os artistas, era impellida de fórma, que, no seu continuo movimento de rotação, permittisse a todos os espectadores verem bem

---

(1) Não podemos, depois de passados 57 annos, precisar se a egreja éra a do convento, se a do collegio.

O collegio de S. Thomaz foi mandado edificar annexo ao convento de S. Domingos por fr. Martinho de Ledesma, *Coimbra antiga e moderna*, por A. Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 347.

o grupo que constituia o quadro, geralmente, allegorico, de qualquer um facto da historia.

Recordamo-nos de que na noite em que nos fôram mostrar os quadros vivos, representava-se um quadro, em que apparecia Salomão com a sua côrte, na occasião em que elle proferiu a sua sentença n'um pleito verbal entre duas mulheres que simultaneamente disputavam a maternidade d'uma creança.

Era um quadro magnifico.

PRAÇA DE TOUROS

Na rua da Sophia e defronte da egrêja de Santa Justa, foi edificada a fabrica do gaz, junto da qual parte o caminho que segue para a capella do Arnado.

A' esquerda de quem, por este caminho segue para a referida capella encontra-se uma enorme insua que em tempo foi propriedade da familia Pinto Bastos; insua anteriormente conhecida por *Campo do Arnado* (2).

---

(2) Foi n'esta insua antigo «*campo do Arnado que el-rei D. «Affonso Henriques planeou com os do seu conselho a impor-«tante conquista de Santarem em 1147.*» *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores*, por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 245.

«*Foi tambem o sitio onde fez o seu alardo a gente que de «Coimbra partiu com D. Sancho I, ainda infante, para bata-«lhar no Alemtejo em 1181 contra um rei de Sevilha, cujo «exército foi vencido e derrotado.*» *Guia*, citado — pag. 247.

N'essa insua foi, no anno de 1856 ou 1857, construida uma praça para corridas de touros.

Ahi assistimos a algumas, em differentes epochas, e perfeitamente nos lembramos de ter visto trabalhar n'ellas os arrojados e celebres bandarilheiros portugueses, Robertos.

Passados annos ainda os tornámos a vêr na antiga praça do Campo de Sant'Anna, n'uma corrida em que era cavalleiro seu pae. Os Robertos, percebendo que elle ia ser colhido pelo touro contra a trincheira, procuraram, com uma coragem temeraria, salval-o; mas infelizmente foram baldados os seus esfórços.

O pae foi colhido, fracturando uma das pernas contra a trincheira.

ASCENÇÕES AEROSTATICAS

Tambem na praça de touros em Coimbra tiveram logar, em 1858, algumas ascenções aerostaticas feitas por *M. Poitevin.*

O Dr. Jacintho Antonio de Sousa, então professor de Introducção no lyceu de Coimbra desejou experimentar uma viagem em balão.

Assim foi; e n'uma tarde acompanhou na ascenção Mr. Poitevin, o qual não poude d'essa vez subir á altura que pretendia, porque o Dr. Jacintho, seriamente atrapalhado, o solicitára para que descesse.

Confessava o Dr. Jacintho que se sentira enjoadissimo e que não cahiria n'outra. E não cahiu; pelo menos, de balão.

XIX

A tia Rosa

Quem, indo da couraça dos Apostolos, da rua da Mathematica ou da travessa do Salvador, se dirigir para o largo da Sé nova ou para o de S. João, necessariamente hade passar pelo *Arco do Bispo,* o qual é assim conhecido por sôbre elle existir communicação particular para serventia do bispo, entre o paço episcopal e aquelle templo.

Durante muitos annos e ainda no nosso tempo de rapaz, viam-se debaixo d'esse arco duas vendedeiras de fructas e dôces, cada uma de seu lado, e que pontualmente ali estacionavam todos os dias, desde as 7 horas da manhã até ás 6 ou 7 da tarde.

Dias havia, porém, em que ellas ahi prolongavam a sua permanencia até ás 10 horas da noite. Era n'aquelles em que na Sé se celebravam os officios da semana santa, e durante os três dias da romaria do Espirito Santo, em Santo Antonio dos Olivaes.

Rosa occupava o logar que ficava á direita de quem de qualquer d'aquelles pontos se dirigia para a feira ou largo; Anna occupava o da esquerda.

A' primeira haviam alcunhado de *Rosa mamuda,* em virtude de possuir um seio descommunal.

Entre os dôces que Rosa vendia, encontravam-se sempre os muito apreciados *pasteis de Tentugal* e os classicos e saborosos *velhoses* (1).

Por occasião da semana santa vendia amendoas, assim como no tempo proprio as bellas castanhas assadas. Era uma mulher muito previdente; e assim, quando a estação corria propicia a constipações, encontravam-se na sua tenda magnificos rebuçados de althêa.

Por tudo isso e pelo seu aceio era o logar ou tenda da tia Rosa o mais concorrido pelos academicos e por muitas outras pessoas.

Rosa contava mais de 50 annos; mas sempre aprumada, muito limpa e não deixando de conservar sobre os dôces, para resguardo do pó ou insectos, toalhas muito alvas e enfeitadas de rendas.

Em fim, junto do seu logar via-se sempre um formigueiro de gente. E que admira, se ella vendia tantas gulodices?!

Gosava fama de possuir bons vintens, e nem pretendia occultal-o.

Apresentava-se sempre adornada com grossos cordões d'oiro ao pescoço, enormes arrecadas de filigrana do mesmo metal, pendentes das orelhas e os dedos cobertos de anneis.

---

(1) *Velhoses* são uns bôlos, fabricados com abobora menina, farinha e ovos, que, depois de feitos, são polvilhados d'assucar. Têem a fórma espherica.

Possuia um predio urbano que comprára na rua do Salvador e ainda emprestava dinheiro a juros.

Quem a visse, solteira n'aquella edade, com haveres que, para o seu meio, constituiam uma pequena fortuna, mal cuidaria vel a um dia, casada, pobre e esqueletica.

Mas assim succedeu: aquelle coração que até perto dos sessenta annos se conservára refractario a Cupido, deslumbrou-se com o fulgor dos botões amarellos d'uma farda; e a corôa de flôres de larangeira que a *Rosa mamuda* ostentára tão largos annos, foi murchar e desfolhar-se, cahindo as suas castas pétalas aos pés d'um soldado do 23 de infanteria!

Esse soldado, que, aproveitando as horas da tarde, em que menos concorrencia havia ao logar, frequentava este, não tanto para saborear dôces ou fructas, em que pouco dispendio fazia, mas com a mira nas joias e outros bens da velha Rosa, pôz em campo a sua malicia e requestou-a.

Durante mezes assediou a tia Rosa que chegou a considerar um quadrado inexpugnavel; mas proseguiu no ataque, e tanto porfiou que a venceu.

Casaram.

Para a tia Rosa, porém, não correu a sua lua de mel tão dôce, como dôces eram os pasteis que vendia. Não; pois que decorridos poucos mezes depois d'esse enlace, lá apparecia ainda no seu logar, mas triste e sem ostentar os refulgentes adornos, que antes de casar possuia.

Tambem, por exigencias do marido, levantára parte dos capitaes que tinha posto a render; e, porque não se

prestava a vender a sua casa, o malvado maltratava-a, batendo-lhe.

Valeu á tia Rosa o aconselharem-lhe o divorcio, o qual requereu, livrando-se assim do seu mau marido e conseguindo conservar a casa.

Mas ficou tão succumbida pela tragica transformação porque passára, que se definhou, morrendo magrissima, depois de, para occorrer ás despezas d'uma longa doença, haver vendido a casa.

Quando depois de 1860 estivémos em Coimbra, conservava-se no seu logar sob o Arco do Bispo, a Anna; mas o logar da tia Rosa não fôra substituido.

XX

As antigas hospedarias

Só depois de inaugurado em Coimbra o serviço da mala-posta, a qual, como n'outra parte dizemos, chegou pela primeira vêz a essa cidade no dia 8 de maio de 1855, é que ahi começaram a estabelecer-se hoteis ou hospedarias em rasoaveis condições de commodidade, bom serviço e aceio.

Antes d'essa epocha apenas duas existiam:—a conhecida *Estalagem do Paço do Conde,* no largo d'este nome, que fica ao fundo da *rua das Solas,* hoje *rua de Adelino Veiga* e a *Hospedaria do Lopes*. que ficava no *largo da Portagem,* assim chamado por n'elle existir a pesada e lugubre cadeia da Portagem e que hoje é denominado *largo do Principe D. Carlos.*

Mas n'essa casa, que pertencêra n'outros tempos aos condes de Cantanhede, havia tambem, além d'aquella estalagem o *recolhimento do paço do Conde*, para meninas pobres.

O bispo de Coimbra, D. João de Mello, fundou em 1690, junto ao *Arco do Collegio Novo*, que fica ao fun-

do da *Couraça dos Apostolos,* um recolhimento para mulheres convertidas e para donzellas que estivessem em imminente perigo de sua honestidade (1), recolhimento este que, seis annos depois (2), foi transferido para a referida casa dos condes de Cantanhede.

Em 1827 foi essa instituição transformada em casa de educação para meninas pobres, sob a denominação de *Nossa Senhora das Necessidades* (3).

Apesar, porém, do paço do Conde estar desde 1696 occupado por aquelle recolhimento, transformado em 1827, em casa de educação para meninas pobres, é certo que, já antes d'esta epocha, pelo menos em fins de setembro de 1825, ahi se achava tambem installada a *estalagem,* de que tratamos.

O Dr. Guilherme Centazzi (4), tomado da nostalgia que tão frequente é em quem pela primeira vez sae da patria e se vê sem os dôces carinhos que só as mães sabem dispensar, lamenta-se assim: . . . *sepultado n'um pequeno quarto da estalagem do Paço do Conde, consumido na tristeza* . . .

(1) *Guia do viajante em Coimbra,* pelo Sr. Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 249.

(2) *Coimbra antiga e moderna,* por Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 297.

(3) Obras acima citadas.

(4) Veja-se *O estudante de Coimbra* ou *Relampago da historia portugueza,* desde 1826 até 1838, pelo Dr. Guilherme Centazzi, tomo I, pag. 25.

Havia Centazzi partido de Lisboa para Coimbra, em 24 de setembro de 1825; e certamente, apesar das demoradas jornadas n'esse tempo, chegaria a Coimbra antes do fim de setembro. Por isso não duvidamos affirmar que n'esse anno já existia aquella estalagem. Além de que, quando creança, sempre ouvimos dizer que ella era antiquissima.

Referindo-se, ainda, ao pagamento da patente, que, segundo o estylo, era imposta aos caloiros, que pela primeira vez davam entrada em Coimbra, diz o Dr. Centazzi (5): ... *que consistiu em lauto jantar dado na estalagem do Paço do Conde, a seis estudantes que se fartaram de optimos petiscos á minha custa.*

Effectivamente tinham fama os bons petiscos, que constituiam especialidade d'essa estalagem, entre os quaes, a bella lampreia do rio Mondego, guisada, e o saboroso leitão assado.

Foi sempre muito concorrida de pessôas de todas as classes, que, durante o tempo das jornadas difficeis, de varias proveniencias iam a Coimbra; e, ainda depois, por muitos estudantes que alli jantavam habitualmente.

Foi n'ella que debutou, como creado, o muito conhecido José Macaco, cavaqueador infréne, mas bondoso e muito serviçal.

Era tão bem creado, que, indistinctamente tratava com extrema delicadeza os hospedes, sem que se preoccupasse por falta de gorgêta. Se lh'a davam manifesta-

(5) *O estudante de Coimbra*, etc., pag. 34.

va o seu reconhecimento; se lh'a não davam, nem por isso deixava de proferir o seu *muito obrigado.*

Em 1878 e por occasião das festas da *Rainha Santa,* ainda o vimos servir á mêsa no *Hotel Central* (6), no segundo andar da casa, em cuja loja havia um estabelecimento pertencente ao commerciante e capitalista Santos Junior.

Em 1858, ainda n'uma dependencia do *Paço do Conde,* continuava a casa de educação para meninas pobres.

A hospedaria do Lopes, que, como já dissémos, era situada no antigo largo da Portagem, tinha uma frente para a *rua do Sargento-mór,* por onde era a entrada e outra encimada por um magnifico terraço para o caes.

A' esquerda da porta da entrada havia uma sala de bilhar, pertença da mesma hospedaria.

Era esta a mais frequentada de viajantes provenientes de Lisbôa, principalmente depois de haver o serviço da mala-posta, que lhe passava em frente.

Quando foi demolida a cadeia da Portagem e começaram os trabalhos de construcção da estrada da Beira, foi expropriada a casa onde essa hospedaria por muitos annos se conservára.

---

(6) Era situado na antiga praça de S. Bartholomeu, e proximo da egreja de Santhiago.

A melhor hospedaria, porém, que conhecemos em Coimbra e que, já então rivalizava com os bons hoteis de Lisbôa, foi o *Hotel Mondêgo* estabelecido no *largo das Ameias*, por Domingos Pereira de Lima.

A este predio pertencia um grande quintal que se estendia até o *Cáes*.

Domingos Pereira de Lima, homem de iniciativa e bom gôsto, esmerou-se em dotar o seu hotel com todas as commodidades e confôrto exigiveis a taes estabelecimentos, e além d'isso fêz transformar em jardim o quintal, que era muito arborisado.

Mandou fazer caramanchões, construir mêsas que sob elles fez collocar em diversos pontos, e, n'um bello dia, abriu ao publico esse quintal com a denominação de *Floresta do Mondêgo*.

Ahi eram, nas tardes calmosas, servidos refrescos— cerveja, sorvetes, etc.

Mas, se bem que ao principio se lhe representasse, pela grande concorrencia, propicio o futuro, é certo que ella diminuiu por fórma a que, passados poucos annos, teve de fechar esses estabelecimentos.

Em 1858, no largo de S. João e no mesmo sitio, onde poucos annos antes se via a cadeia do Aljube, foi construido um predio com frente para esse largo e outra para o *largo da Feira*.

Na parte que deitava para este largo e por elle tinha entrada, morava o alfaiate... Bernardo, o qual, tendo abandonado o officio e a tesoira, teve o pessimo gôsto

de empregar os rasoaveis cabedaes que, como alfaiate, juntou, no estabelecimento de um pequeno hotel e sala de bilhar no primeiro e segundo andar.

Dizemos péssimo gôsto, porque, á falta de freguezia, passados dois annos, ficou sem hotel, sem bilhar e sem dinheiro.

A loja era occupada por um botequim que ahi figurou por muitos annos, bem frequentado pela academia e conhecido pelo *Botequim da Delphina.*

Defronte d'este botequim e fazendo esquina para o *Largo do muzeu* ficava a antiquissima loja do José Maria, mais conhecido por *José Maria do Estanco,* por que, no seu estabelecimento, o que principalmente vendia era —tabacos e papel sellado.

Antes de encerrar este capitulo não deixaremos esquecida a casa de pasto do Manuel Jacob.

Esteve ella estabelecida, durante alguns annos, n'um dos baixos do theatro Academico, na rua Larga, e era contigua á residencia do *Silva do theatro* (7).

Manuel Jacob fornecia jantares a estudantes; indo por fim installar-se com um bilhar no *bairro de S. Sebastião,* junto aos *Arcos do jardim.*

(7) Como tal conhecido porque durante muitos annos foi servente d'aquelle theatro.

XXI

O José Vaz

Durante muitos annos desempenhou José Vaz da Cunha as funcções de bedel no antigo lyceu de Coimbra.

Conhecemol-o nos annos de 1854 a 1858.

Tinha elle mais de setenta annos; mas não se sentia por isso acabrunhado e apresentava se com uns ares de nobreza que denunciavam o velho fidalgo, cuja bondade e fino trato o tornavam devéras sympathico.

Fôra riquissimo e possuidor de muitas propriedades, entre ellas a quinta das *Sete fontes,* situada nos arrabaldes de Coimbra, na estrada que d'esta cidade conduz ao poetico sitio de *Penedo da Meditação.*

Estivémos n'esta quinta, alguns annos depois de José Vaz a ter vendido; e lembramo-nos de que as laranjas que n'ella se produziam eram magnificas e rivalizavam com as afamadas laranjas da quinta do Cidral (1) ou da insua do seminario episcopal.

José Vaz era chefe de numerosa familia, e creara e

(1) A quinta do *Cidral* fica proxima do *Penedo da Saudade*.

educára seus filhos com grandeza, rodeados de commodidades e regalos e respeitados por todos.

Eram frequentes as recepções e jantares que elle offerecia, e a sua casa concorria a principal sociedade de Coimbra.

Foi, porém, um imprevidente. Sabendo-se senhor de enorme fortuna e, não suppondo que ella podesse extinguir-se, apesar de tão largamente a ir gastando, apenas cuidára de preparar seu filho e filhas para a fidalga apresentação nas suas salas, sem que se lembrasse de ministrar-lhes instrucção e quaesquer prendas, a que se soccorressem, em caso de algum revez na sua fortuna.

Mas... enganára-se, julgando inexgotavel a sua fortuna; e, pouco tempo passado da faustosa celebração do dia em que completava cincoenta annos, teve a dolorosa percepção de que necessitava recorrer á venda das propriedades que possuia.

Começára a derrocada, e não tardou que José Vaz gastasse a ultima *peça* (2) das que recebêra pela quinta das *Sete fontes,* ultima propriedade que vendeu!

Estava emfim pobre! Cruel realidade.

De tantos que frequentavam a sua casa nenhum houve que, vendo-o pobre, o reconhecesse. Todos se re-

(2) As *peças* tnham o seu valor real de 6$400 réis, mas por Lei de 6 de março de 1822 foi o seu valor elevado a 7$500 réis, e por Decreto de 3 de março de 1847 elevadas ao valor de 8$000 réis. Eram de ouro.

trahiam e, pelo seu natural egoismo, procuravam não o encontrar!

Mas José Vaz não succumbiu. Elle, que gastára ás mãos cheias, sempre prompto e alegre em obsequiar essas pessôas que lhe protestavam amizade, ao ver-se cahido da opulencia, procurou *alguem* que nunca fôra aos seus jantares e outras recepções e solicitou um emprêgo.

Não pretendia um logar que lhe proporcionasse meios para viver como fidalgo arruinado;—mas sim (dizia o pobre velho) que lhe facultasse o indispensavel para elle e seus filhos comêrem.

Esse *alguem* era modesto e possuia uma bôa alma,—alma que não conhecia o egoismo e que sentia, como se suas fossem, as alheias infelicidades.

Não tardou que conseguisse para José Vaz da Cunha o logar de bedel do lyceu de Coimbra, para o qual foi nomeado por decreto de 18 de julho de 1834.

Deram-lhe para residencia uma casa, dependencia do antigo collegio das Artes, onde estava installado o lyceu, a qual tinha frente para o largo da *Feira* ou da *Se Nova*.

Vivia resignado com a sua sorte. Mostrava-se sempre sorridente e jámais manifestava um assômo de mau humôr, a despeito das brincadeiras dos rapazes do lyceu.

Era, por isso muito estimado pelos professores e alumnos.

Ultimamente morava no largo do Castello e ahi falleceu em 1858 n'umas casas pertencentes ao conhecido

archeiro Antonio Justino da Costa, que ahi possuiu, durante muitos annos, um pequeno estabelecimento de mercearia.

Ainda, por espaço d'um anno após a morte de José Vaz, seus filhos, que ficaram nas mais precarias circunstancias, se conservaram na mesma casa, e sem que d'ella pagassem renda, por ser essa a vontade d'aquelle Antonio Justino, cujo elevado caracter e bondade fôram bem conhecidos e justamente considerados em Coimbra.

XXII

Os Salvadores

Ao desembocar da *rua das Covas* no *largo da Sé Velha,* existia, á direita e mesmo no canto d'esse largo, uma casa apalaçada, de antiga construcção e ampla escadaria que dava accesso ao primeiro andar.

Ahi pelos annos de 1870 installaram-se n'essa casa os três *irmãos Salvadores,* naturaes da Covilhã, que vieram fixar residencia em Coimbra, onde por muitos annos e sempre n'aquella casa, exploráram a rendosa industria do jôgo, desempenhando elles, alternadamente, as funcções de *banqueiro.*

A sua *banca* abria ás 8 e fechava ás 12 horas da noite.

Depois d'esta hora outros *banqueiros* funccionavam em 2.ª e 3.ª *bancas*, até que por ultimo e depois de debandarem os principaes pontos (de ordinario os que haviam ganhado), algum dos que ficavam, já com pouco dinheiro e mais teimosos na esperança de desforra, fazia o seu *burlote* (1) com o pequeno capital que lhe restava.

(1) *Burlote* é o nome que dão a uma banca de quantia insignificante.

Não raras vezes succedia que alguns dos pontos mais viciosos e ainda presentes se esportulassem, perdendo dezenas de mil réis contra á ninharia de uma ou duas libras, que constituiam o *burlote*.

N'uma noite e contra um da pequena quantia de três mil réis, que fez o bacharel em direito, Cesar Augusto Ribeiro (2), perdeu o celebre estudante *Matta Carochas*, que a esse tempo frequentava o 3.º ou 4.º anno juridico, mais de trinta libras. Começou por *topar* aquelles três mil réis, depois seis mil réis e assim successivamente até ficar *in albis*.

Embora esta casa fôsse quasi exclusivamente frequentada por academicos, era ahi infalivel, todas as noites, o conhecido João de Deus (não confundir com o poéta), o qual, apesar de ser futrica era muito estimado da academia, que gostava das suas piadas e anecdotas.

Este João de Deus não dispunha de dinheiro e apenas jogava as pequenas quantias, que, a titulo de *vacca* (3), lhe davam alguns academicos, para elle administrar.

---

(2) Este Cesar era filho do já, n'esse tempo fallecido, Dr. José Gomes Ribeiro, que fôra lente de medicina na Universidade e clinico muito considerado.

(3) *Vacca*. Dá-se este nome á quantia que um parceiro dá a outro, para que este, addicionando-lhe egual quantia, faça as paradas e vá administrando o bôlo, que, attingindo certa quantia, dividem entre si.

Mas João de Deus não lhe addicionava quantia egual; jogava o que lhe dera o parceiro e não dava contas. Se perdia, não ha-

Havia cartas em que elle tinha azar e com as quaes embirrava tanto, que só n'ellas jogava o *salto* (4). Eram os azes, os duques e os valetes.

Ao contrario, porém, o Matta Carochas era d'essas cartas que gostava.

Quando elle perdeu aquellâ boa quantia contra tal *burlote,* não entupiu. Nunca perdia o seu bom humor.

O João de Deus que presenceára esse desastre, disse-lhe com o seu ar bonancheirão: «*Então que esperavas! Não te dizia eu, menino, que lhe saltasses, e que não jogasses a seu favor? !*» Matta Carochas sorriu-se e safou-se.

Na noite seguinte, Matta Carochas, que recebia *mezada franca* (5), voltou ao jôgo; e n'essa noite apontava *saltos* nas ditas cartas de sua embirração. Mas essas, como todas caprichosas, eram as primeiras a mostrar-se e lá se ia a parada do *salto.*

O João de Deus, avaliando a improficuidade do seu conselho, conservava-se muito caladinho.

---

via motivo a dal-as; e se ganhava dizia que o trabalho fôra seu, e assim punha ponto na conversa. A todos tratava por *menino*, e por *tu*.

(4) *Salto* é a parada (multipla de três) que se aponta em determinada carta, para, negando-se ella, receber um terço d'essa parada por cada uma das cartas contrarias que appareçam antes d'aquella.

(5) Dizia-se, receberem *mezada franca*, dos estudantes filhos de familias abonadas, que tinham dinheiro á ordem e não mezadas fixas e restrictas como a outros succedia.

Matta Carochas fez-lhe quebrar o silencio, dizendo-lhe com o seu modo sempre alegre: «*O' João: que te parece o teu conselho? Foi fresco, hein?!*»

— *Grande admiração*, responde-lhe elle, n'um promto: — «*Então querias ganhar jogando a favor dos naipes pretos?!*»

O João de Deus para tudo tinha resposta.

Annos antes de se darem esses factos funccionou o *club academico* na couraça de Lisbôa, em umas casas pertencentes á familia Barata, que residia na sua quinta da *Arregaça*, suburbios de Coimbra.

N'uma tarde que alli fomos, divertiam-se alguns estudantes, entre elles o *Matta Carochas*—antonomasia porque era conhecido o Sr. Antão... de Vasconcellos—(6), jogando a *gloria*.

O calôr apertava e por isso pediram-se refrescos.

Uns serviram-se de cerveja e outros de sodas.

Matta Carochas ao preparar a sua soda quiz fazer uma experiencia; e, apesar de o aconselharem que não fizesse tal, teimou em executal-a.

Lançou em um copo o acido tartarico e n'outro o carbonato de sóda; agitou o liquido de cada copo e... zás! bebeu o conteudo de cada um em separado, para que a combinação se fizesse no estomago!

---

(6) Em 1894 ou 1895 o Sr. Vasconcellos, que reside no Brasil, sua patria, publicou um livro muito interessante, *Memorias do Matta Carochas*, que lemos, devido á amabilidade d'um amigo que nol-o mostrou.

Esta não se fez esperar; e Matta Carochas dava pulos, afflictissimo, até que, bebendo alguns copos d'agua simples, se viu livre do mau effeito da sua má experiencia; e foi continuar no *jôgo da gloria,* que se havia interrompido para tomar os refrescos.

No *jôgo da gloria*, é convenção de que o parceiro que, em virtude do numero indicado nos dados, tem de marcar na casa indicada por uma caveira, ahi fique esperando que os outros parceiros lhe passem adeante, para elle poder continuar no jôgo.

Foi o que n'essa tarde succedeu a um d'elles, o *Thomé das Chagas.*

Thomé marcou com mão convulsa e levantando-se disse:

—«*Rapazes: o Thomé cahiu na caveira, morreu e não torna a jogar a gloria.*»

E, segundo se dizia, nunca mais jogou.

Decorridos alguns annos contáram-nos que Thomé das Chagas havia partido para a ilha de S. Thomé, onde tencionava estabelecer banca de advogado, profissão que lhe agradava, e por cujo exercicio esperava adquirir meios de fortuna, visto serem em Africa geralmente bem pagos os trabalhos de advocacia; mas que a sorte lhe fôra adversa, pois que, poucos mezes após a sua installação na ilha, foi accommettido de uma fébre biliosa que o victimou.

Quando em 1904 estivémos em S. Thomé, encontrámo-nos com algumas pessoas que ainda se lembravam d'elle e que nos confirmaram isso mesmo.

Antes de encerrar este capitulo e visto referirmo-nos ao club academico da couraça de Lisbôa, devemos dizer que no pequeno quintal, dependencia sua, que ficava para o lado da *cêrca dos Bentos*, haviam os seus socios mandado construir um trapezio e outros apparêlhos, indispensaveis para os exercicios gymnasticos, que ahi se realisavam com frequencia.

Recordamo-nos de que n'esse tempo os mais insignes gymnastas, fôram os socios Eduardo Segurado, Julio Pinto e Fortunato Themudo, tendo os dois primeiros trapezio, para seu uso particular, no quintal da casa que ambos habitavam, situada na rua dos Militares, e que tinha tambem frente e entrada, pelo lado do Arco da Traição.

XXIII

Antonio Francisco Barata

Seguindo, do *Arco do Bispo*, para a *rua Larga* (hoje *rua do Infante D. Augusto)*, pela *rua de S. João,* encontrava-se n'esta e do lado direito a casa, em cujo primeiro andar esteve durante muitos annos estabelecido o *Sanches cabelleireiro,* o qual mais tarde mudou para a *rua do Norte*.

Foi no seu estabelecimento, na rua de S. João, que em 1857 e 1858 conhecemos Antonio Francisco Barata, que alli exercia o logar de official de barbeiro.

Se bem que n'esses tempos havia a tradicional aversão da academia para com os futricas, a verdade é que Antonio Francisco Barata, pelo seu procedimento correcto e afavel e porque manifestava, sem blasonar, uma tendencia amorosa pelos livros, contava amigos entre os academicos, de que especializaremos João de Deus, Thomaz Ribeiro e outros insignes cultores das musas.

Depois de 1858 alguns annos se passaram sem que tornassemos a vêr o Barata.

Em 187.. , porém, e na epocha dos exames, no tribunal da Relação do Porto, para concurso aos logares

de escrivão e tabellião, n'essa cidade, fomos companheiro de Antonio Francisco Barata, na hospedaria em que nos albergámos durante uma semana na rua do Bom Jardim.

Contou-nos elle que, sendo o conselheiro Thomaz Ribeiro muito seu amigo e desejando collocal-o bem, o aconselhára a que fosse fazer exame, afim de mais tarde o collocar escrivão n'uma bôa comarca. Fez o seu exame e obteve bôa classificação.

Mas Barata, que se sentia com asas para se librar na litteratura que tanto amava, e não conhecia em si propensão para o trabalho quasi material de folhear autos e escrever banalidades forenses, appareceu pouco depois nomeado director da bibliotheca de Evora.

E foi isto que elle proprio nos contou, quando, volvidos annos após o nosso encontro na cidade invicta, nos tornámos a vêr em Lisbôa, na rua da Bitêsga.

Antonio Francisco Barata tem escripto diversas obras, de que conhecemos as seguintes: *Lucubrações de um artista; um drama em 4 actos* de que agora nos não occorre o titulo; *Cancioneiro portuguez; Um duello nas sombras; Antiguidades de Coimbra;* e outras que não conhecemos.

Já depois de escriptas as linhas que antecedem lêmos nos jornaes *Diario de Noticias* e *Seculo*, a noticia de que, em Evora, onde ha muitos annos fixára residencia, havia fallecido em 22 de março de 1910, Antonio Francisco Barata.

Procurámos o seu nome no *Diccionario bibliographi-*

co portuguez, de Innocencio Francisco da Silva. Ahi encontrámos o seu nome no primeiro volume do supplemento; e d'elle diz Innocencio o seguinte:

«*Nasceu em Goes, districto de Coimbra, no dia 1 de janeiro de 1836. Não conheceu seus paes e, creado nos braços da indigencia, recebeu apenas os primeiros elementos de instrucção primaria; porém, como fosse dotado de natural engenho, começou a supprir, do modo que lhe era possivel, a falta de estudos regulares por uma assidua applicação aos livros, applicando n'ella todos os intervallos, que lhe deixava livres a profissão de barbeiro e cabelleireiro, que apprendeu em 1848 e ainda agora* (1) *exerce na cidade de Coimbra.*»

O seu primeiro livro, *Lucubrações de um artista*, consta de poesias diversas e foi publicado na Imprensa da Universidade.

O ultimo publicado, pouco antes do seu fallecimento, foi *Homenagem da cidade de Evora a Alexandre Herculano*, em 1910.

Na correspondencia de Evora, em 24 de março de 1910, inserta no *Diario de Noticias*, de 25, lê-se:

«ANTONIO FRANCISCO BARATA

«Foi vereador da camara municipal, d'este concelho, em 1887, salvo o êrro, e tendo a seu cargo o pelouro

(1) A edição do Diccionario é de 1867, d'onde se deduz que n'essa epocha ainda Barata exercia aquella profissão.

da instrucção, creou, de combinação com o illustre eborense e escriptor publico, Sr. Gabriel Pereira, uma bibliotheca municipal, que prestava grandes serviços á causa da instrucção, mas que, com o andar dos tempos, desappareceu, como coisa inutil.

Ha poucos annos foi encarregado de catalogar o archivo antigo da camara, o que fez.»

XXIV

O capitão «Montanha»

Francisco José Vieira de Carvalho, capitão graduado de infanteria, era geralmente conhecido e tratado por *Capitão Vieira;* mas em attenção á sua menos que mediana estatura, muitos o tratavam, por ironia, *Capitão Montanha.* Porém, lá diz o velho dictado: *Os homens não se medem aos palmos.*

E' certo; e o capitão Vieira era um militar corajoso e disciplinador, qualidades éstas que lhe conquistaram a sympathia geral de toda a gente e a consideração e conceito em que era tido pelas auctoridades superiores do districto de Coimbra.

Foi ajudante de ordens do Conselheiro Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, durante o tempo, que este desempenhou alli as funcções de governador militar; assim como amigo particular do, tambem por alguns annos, governador civil do districto, o brigadeiro Jeronymo da Silva Maldonado d'Eça.

Pela muita confiança que merecia ás referidas auctoridades, era o capitão Vieira o militar sempre incumbido de levar a effeito as diligencias mais melindrosas.

Especializaremos as duas principaes que foi desempenhar á Beira, ambas no tempo em que *João Victor da Silva Brandão* era temido n'essa provincia e dispunha de grande influencia politica.

Em 9 de novembro de 1854 foi assassinado na Bemfeita, em casa d'um sapateiro, o celebre *Ferreiro* (1) de Varzea de Candosa, o qual n'ella se refugiára para se tratar dos graves ferimentos que n'esse dia recebêra dos companheiros de João Brandão, na *Catraia da Fonte Espinho.*

A esse tempo era administrador do concelho de Tábua, o amigo intimo de João Brandão, Francisco Augusto da Costa Amaral, de Covas, o qual em virtude da sua pouco crivel exposição ácêrca d'esse crime, no officio que dirigiu (2) ao governador civil, Maldonado, deu logar a que este duvidasse um pouco d'essa auctoridade.

E porque o honrado e vigoroso jornalista Joaquim Martins de Carvalho, no seu *Conimbricense* de 21 do referido mez de novembro, verberasse acremente a atrocidade practicada contra a pessoa do Ferreiro, e renovasse a sua cruzada contra os assassinos da Beira, logo no dia 23 João Brandão dirigiu uma carta insolente ao governador civil.

Esta auctoridade, depois de uma conferencia com algumas pessoas muito importantes e consideradas, suspendeu desde logo o administrador Costa Amaral, no-

---

(1) João Nunes Ferreiro.

(2) Em 11 de novembro de 1854, *Os assassinos da Beira,* por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 23-24.

meando para o substituir o bacharel José Augusto Coelho da Silva.

O encarregado de levar os respectivos alvarás e mais instrucções para Tábua, foi o capitão Vieira, que para alli partiu acompanhado d'uma força de cavallaria (3).

Foi ésta uma das melindrosas diligencias confiadas ao capitão Vieira, que d'ella se desempenhou cabalmente.

A outra foi a seguinte:

João Brandão e alguns de seus companheiros, pronunciados pelo crime de assassinato do Ferreiro, certos de que seriam absolvidos pelos jurados, previamente prevenidos pela maior parte d'estes, resolveram apresentar-se na cadeia d'Arganil, o que fizeram no dia 19 de agosto de 1860 (4).

Quasi um mez depois, 25 de setembro, foram esses presos removidos para a cadeia de Santa Cruz, de Coimbra, á excepção de João Victor da Silva Brandão, que, pretextando doença e tendo obtido um attestado médico, comprovativo d'ella, se conservára na cadeia de Arganil.

Mas logo em 29 de setembro e devido a instantes reclamações do *Conimbricense,* seguiram para Arganil dois facultativos (5), acompanhados do capitão Vieira que commandava a competente fôrça.

---

(3) Livro citado, pag. 28.

(4) Livro citado, pag. 69.

(5) Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, lente de medicina e o bacharel Carlos Maria Gomes Machado, professor de geometria. (Citado livro, pag. 74).

Esta diligencia deu tambem bom resultado. João Brandão dava entrada na cadeia de Santa Cruz, em 2 de outubro.

Mas, á parte este contratempo, João Brandão e companheiros, foram absolvidos d'esse crime.

Durante muitos annos o capitão Vieira morou no primeiro andar das casas que ficam ao cimo da *rua do Rego d'Agua* e que formam esquina com a *rua dos Loios*, pela qual teem entrada.

No segundo andar (6) morou tambem por alguns annos o lente de medicina, hoje jubilado, Dr. João Jacintho.

---

(6) N'este segundo andar residia, em 1849, o nosso mestre de instrucção primaria, Joaquim Encarnação e Silva, de quem ainda nos lembramos com saudade. Era um excellente homem e, talvez por isso mesmo, algumas vezes nos mimoseou com bôlos amassados pela *menina dos cinco olhos*.

XXV

O padre Patulêa

Nunca lográmos saber qual o verdadeiro nome do padre Patulêa, appellido que lhe provinha e usava em homenagem ao movimento popular de 1836, em que havia entrado e por cujo partido era um verdadeiro fanatico.

Não parochiava freguezia alguma, e limitava-se a dizer a sua missa diaria e de quando em quando prégar um sermão.

Tinha além d'isso uma mezada, que lhe fôra conferida em legado, á qual só tinha direito em quanto frequentasse os estudos.

Ainda depois de ordenado e para não perder esse direito, frequentemente se matriculava em qualquer disciplina.

Por muitos annos se valeu d'este sophisma, até que abandonou as suas repetidas frequencias ás aulas.

Era elle o confessor nato da academia.

D'antes era costume em Coimbra os estudantes sêrem obrigados a apresentar, antes do seu acto ou exame e quando fechavam matricula, um bilhete de confessor,

afim de demonstrarem que haviam cumprido esse preceito da egrêja.

O padre Patulêa, liberal e alheio a fanatismo, não apertava com perguntas os confessandos e limitava-se a ouvil-os rapidamente.

Finda essa ceremonia dava-lhe a absolvição e o bilhete da desobriga, recebendo do confessado apenas *uma de seis* (moeda de prata do valor de 120 réis).

Era um verdadeiro typo de bonacheirão.

Não se apresentava, fôsse em casa ou na rua, senão com a sua batina, capa e barrête; e quando se dirigia a estudantes—talvez que por com elles tomar conhecimento no acto da confissão—a todos tratava por *tu*.

D'uma vêz, indo confessar-se um caloiro que teria trese annos e que espontaneamente lhe disse que ainda tinha que accusar-se d'um peccadilho contra o sexto mandamento, levantou-se elle enojado e respondeu-lhe: «não te gabes... não te gabes; vae-te embora, que estás absolvido.»

Viveu sempre sósinho, e apenas nos ultimos annos teve por companheiros um papagaio e uma macaca, com que o brindára um marinheiro, seu afilhado.

Habitava em casa propria, na couraça dos Apostolos.

O padre levava a sua excentricidade a ponto de nunca fechar a porta com a chave.

A servente, quando elle sahia, recebia ordem para não faltar com o conveniente tratamento aos bichinhos, nem tirar a chave da porta.

Pois apesar d'isso nunca se queixou de que o roubassem!

XXVI

Os susceptiveis

Designêmos, por *susceptiveis*, para lhes não darmos nome mais proprio e vulgar, certos typos que, por qualquer graça futil, dão sorte, logrando assim ficarem conhecidos por alcunhas, que lhe não poriam, se a essas graças fossem indifferentes.

Era um d'elles o *Sr. Fonsequinha*, morador na couraça dos Apostolos, em frente do antigo hospital da Universidade.

Joaquim Fonseca era guarda do theatro anatomico; e particularmente exercia a profissão cirurgica. Sua esposa D. Deodata, occupava-se no concêrto de chapeus de senhora, no que trabalhava com perfeição.

Não tinham filhos; e, como a vida n'esse tempo era baratissima em Coimbra, os seus haveres iam augmentando auspiciosamente.

Em 1857 Joaquim Fonseca, que, no pleno uso do seu direito, queria botar figura, comprou um cabriolé e um cavallinho preto, o qual elle proprio guiava, quando com sua espôsa ia passear pelos poeticos arrabaldes de Coimbra.

N'uma tarde em que o seu passeio foi para Santo Antonio dos Olivaes, succedeu passarem por um grupo de estudantes que estavam sentados junto do cruzeiro que a esse tempo existia proximo do convento de Célas, quasi em frente da fonte.

Esses estudantes, desembuçando as capas (1), acompanharam o seu inclinar de cabeça da seguinte phrase: *Viva o Sr. Fonseca.*

Joaquim Fonseca não correspondeu ao cumprimento e tornou-se vermelho como uma malaguêta.

D'outra vez indo elle sósinho no seu carro, passou por outros estudantes que, fazendo-lhe uma rasgada cortezia, acompanharam ésta da saudação— *Viva o Sr. Fonseca.*

Mais uma vez córou, mostrando-se desesperado e fustigando o cavallinho preto.

Os estudantes, lastimando que elle, por tão pouco, d'essa sorte, corrigiram a phrase; e, d'esse dia em deante, quando o viam, tratavam-no, delicadamente por *Sr. Fonsequinha.*

Afinal o homem, passados mezes, desfez-se do cabriolé e cavallo; e os estudantes, receando que o abespinhamento do *Sr. Fonsequinha* lhe transtornasse o juizo, deixaram-no em paz.

---

(1) E' uso entre academicos, quando passam pelos lentes ou outras quaesquer pessoas a quem consideram, abrirem as capas se estão embuçados.

Tambem na couraça dos Apostolos morava outro *susceptivel*. Era o Sequeira, que havia sido empregado da roda dos expostos, e que por fim vivia do pequeno rendimento de suas economias.

Sequeira era um apaixonado pela bisca suéca e, como tal, assiduo frequentador d'uma taberna, em cuja sala reservada todas as noites se reunia com outros amigos.

Não sabia ou não podia jogar calado; e era frequente n'elle, quando o entendia necessario para lhe correr bem o jogo, dizer ao seu parceiro — *Joga o rei.*

Tornou-se por isso conhecido por *Joga o rei;* e ao ouvir dirigirem-lhe essas três inoffensivas palavras, enfurecia-se e tornava-se inconveniente, dizendo os maiores disparates.

Era o contrario do seu visinho Joaquim Fonseca, por que este ouvia e calava, limitando-se a encavacar.

O Sequeira usava sempre sobrecasaca, embora coçada e chapeu alto, reliquia d'algum seu antepassado.

No numero dos *susceptiveis* figurava tambem o alfaiate Sá, que por alguns annos morou na casa anteriormente habitada, ao cimo da rua do Rego d'Agua, pelo *capitão Montanha,* a quem já nos referimos no capitulo XXIV.

O mestre Sá não era uma especialidade no officio, e por isso dedicava-se de preferencia a confeccionar capas, batinas e gôrros, obra ésta que não demandava grande perfeição de córte. E assim a sua maior freguezia eram os estudantes ou padres.

Era bom homem e inoffensivo; mas quando lhe diziam: *O' amôr, estás lá?*—tornava-se irascivel.

E, francamente, o homem tinha razão; pois que essas palavras, á vista tão simples, produziam n'elle o effeito d'um caustico, por lhe recordarem um desagradavel episodio do seu tempo de solteiro.

Morava elle então proximo do *Arco do Bispo*, e namorava uma menina que residia n'uma travessa da *rua do Salvador*, e a quem ia, todas as noites, fazer suas declarações d'amor.

Ella esperava-o á janella e elle postava-se encostado á parede fronteira.

Essa travessa não tinha illuminação, o que dava logar a que o Sá não visse bem quando a sua namorada estava á janella. Tinha por isso o habito de, pouco depois de chegar ao seu posto, perguntar em voz meliflua *— O' amôr, estás lá?*

A pequena se já estava á janella (é claro) respondia-lhe: *eu estou, e tu?* ao que o Sá volvia: *eu tambem.*

Depois d'estes infantis preludios, o Adonis ia para debaixo da janella da sua *mais que tudo* e começavam então com as conversinhas banaes mas consoladoras de todos os namorados.

Esta travessa era pouco concorrida, principalmente de noite.

Mas d'uma vez deu-se o caso de que um estudante, que d'ahi morava perto, estava de ponto (2).

(2) Antes do acto estão os estudantes recolhidos, para estudarem o seu ponto, e não devem sahir de casa. De ordinario são dois dias para rever as materias sobre que versará o acto.

Ora, apesar de estar de ponto, esse estudante sahiu de casa, á noite, muito embuçado, para que o não conhecessem e foi dar o seu passeio. Quando regressava, porém, poude ouvir aquellas perguntas e respostas, e isto desafiou-lhe a vontade de pregar uma partida ao Sá.

Se bem o pensou melhor o fez.

Poucos dias depois de fazer acto, e de combinação com outro estudante fez, com letra disfarçada, um bilhete em nome da pequena, no qual ésta dizia ao Sá, que n'essa noite lhe apparecia na janella d'outro predio, pois que, n'elle morava uma sua tia, com quem ella e sua mãe iam passar parte da noite.

Foi-lhes facil fazel-o chegar ás mãos do pobre homem.

Elle enguliu a pilula, não só porque era de demasiada bôa fé, mas ainda porque, sendo raras as vêzes que a rapariga lhe escrevia, attribuiu o disfarce da lettra a atrapalhação d'ella ou talvez de proposito para que não fôsse conhecida em caso de extravio.

Pulou de contente o Sá e fez o mesmo que faria outro, que fosse tão tôlo como elle: dobrou o bilhete, guardou-o junto das outras cartinhas (que n'esse tempo ainda não era de uso perfumar), e á hora do costume lá foi.

E' claro que parou em frente da janella, indicada no bilhete traiçoeiro, e disparou a pergunta do costume: *O' amôr, estás lá?*

A resposta do estylo não se fez esperar n'uma voz aflautada; e logo após o *eu tambem*, foi para debaixo da janella, e começou como de costume a repetir a sua estafada declaração de amôr.

Foi n'essa occasião que da janella, onde—coitado!—suppunha estar a sua querida, e esperava ouvir o timbre da sua voz, elle sentiu que sôbre a cabeça lhe era despenhada uma verdadeira catadupa d'um mal cheiroso e adubado liquido, que o pôz em tão lamentavel estado, que, correndo doidamente em direcção ao largo da Feira, ahi despiu a roupa exterior, que lavou no chafariz que lá existia, tendo de recolher a casa unicamente em ceroulas, porque a camisa serviu-lhe para entrouxar a roupa de côr.

Afinal sempre casou com a menina que namorava.

Mas não podia ouvir a sangue frio o sarcastico: *O' amôr, estás lá?* Dava por paus e por pedras.

Este alfaiate negociava tambem em dominós e outros costumes, na epocha do carnaval, e fazia n'isso bons interesses porque tinha sempre variado sortimento d'esses artigos.

Gabava-se de nunca ir ao bairro baixo da cidade; e o seu passeio predilecto, quando sahia com a espôsa, era o da *Alegria,* sitio muito solitario e que fica perto da insua do Seminario.

XXVII

De Coimbra á Figueira da Foz ou Luso

Quando ainda não se pensava em caminhos de ferro em Portugal e nem sequer existiam bôas estradas, as jornadas, de Coimbra para a Figueira da Foz ou para Luso, estações balneares já então muito frequentadas de familias d'essa cidade e das duas Beiras, embora por incómmodas se tornassem difficeis, offereciam todavia uma apreciavel distracção.

Para a villa da Figueira da Foz (1), principalmente, as viagens eram esplendidas.

A velha estrada de Coimbra para essa villa seguia pela margem direita do Mondêgo e passava pelo Faveiro, Pereira, Tentugal, Montemór-o-Velho, Maiorca e Minhôto.

Os campos proximos de Tentugal e Carapinheira, exuberantes em pastagens, eram muito frequentados de grandes manadas de touros, o que constituia um perigo para os viandantes, sobre tudo para aquelles que, por

(1) A Figueira da Foz foi elevada á cathegoria de cidade no reinado de D. Luiz.

irem acompanhados de familia, não podiam facilmente evital-o.

Além d'isso, n'esse tempo não havia na Figueira hospedarias, que podessem receber convenientemente os banhistas acompanhados de familia, e apenas alguns habitantes da villa alugavam, durante a temporada dos banhos, algumas divisões em suas casas, mas sem outra mobilia, além de mêsas, cadeiras e leitos sem enxergão ou colchão.

Por tudo isto preferiam as familias de Coimbra fazer essa viagem pelo rio, para o que havia sempre abundancia de barcos que vinham da *Foz Dão* ou da *Raiva* (2), assim como do proximo logar das *Tôrres,* e que nos mezes proprios se occupavam unicamente no transporte de familias.

Os barcos eram de fundo raso; e, á ré, costumavam os barqueiros formar um amplo tôldo, que construiam com um encerado sobre arcos de salgueiro.

Era sob esse tôldo que qualquer familia se installava, sendo o resto do barco destinado á arrumação de baús com roupa, loiças, etc.

Os colchões eram sempre collocados sob o tôldo, não só para não se enxovalharem, mas tambem porque, succedendo ás vezes, a viagem levar quasi dois dias, serviam para cama dos passageiros.

---

(2) A *Raiva* é um pequeno logarêjo, com porto de embarque e desembarque, situado na margem esquerda do rio Mondêgo, e fronteira á villa de Penacova.

A população da Raiva compõe-se exclusivamente de barqueiros e negociantes de sal.

Estas viagens eram lindissimas até Montemór, vendo-se em uma e outra margem durante o trajecto, campos fertilissimos, não só em pastagens, mas ainda em extensos milharaes, hortas e meloaes.

Quando se passava entre a Pereira e Tentugal, encontravam-se sempre á beira do rio enormes tulhas de melões e melancias, que os lavradores ali mandavam empilhar afim de os venderem ás regateiras de Coimbra que lhes iam comprar os seus fornecimentos.

E' claro que os passageiros que seguiam para a Figueira sortiam-se d'essas fructas, que ahi compravam baratissimas,—não só para se refrescarem durante a viagem, como para levarem para a Figueira.

De Montemór para baixo, com o desapparecimento dos campos, findava o pittoresco da viagem, o qual era substituido pelo receio de quasi todos os passageiros ao passarem proximo d'um grande penêdo que se ergue na margem direita e denominado: *Penêdo de Lares*.

Effectivamente a passagem por esse ponto é perigosa e graves desastres hão ahi succedido.

Até Montemór são os barcos conduzidos á vara, pois que o rio n'esse percurso é baixo, vendo-se perfeitamente o seu leito. Mas de Montemór para a Figueira, só póde navegar-se com auxilio de véla, porque os barqueiros já lhe não encontram o fundo, para firmarem as varas. E, como os ventos ali são inconstantes e por vezes fortes, alguns barcos se teem voltado por abalroarem com o penêdo.

Um d'esses desastres deu-se em 1854, voltando-se o barco que conduzia a mobilia e carruagem de D. The-

rêza Furtado, mãe do já fallecido, doutor em direito, Visconde de Foz d'Arouce.

Valeu áquella senhora e pessôas de sua familia irem n'um outro barco, que se poude safar d'esse perigoso sitio.

Para Luso não era a jornada tão agradavel como a que se fazia para a Figueira.

Geralmente era feita em carros puchados por bois, sendo um dos vehiculos, toldado, para passageiros e outro para os moveis.

Algumas familias, porém, para não se sujeitarem aos penosos solavancos d'esses maus vehiculos, preferiam fazer a jornada a cavallo, e montavam pacientes jericos, deixando aquelles para o transporte exclusivo de suas bagagens.

De Coimbra para Luso, passavam-se os logares dos *Fórnos, Carquêjo* e *Mealhada,* sempre por maus caminhos orlados de densos pinhaes.

Depois de tal jornada, durante a qual os viajantes eram martyrisados por violentos solavancos, precisavam, ao chegar a Luso, de, pelo menos dois dias para descançar.

Os conductores dos carros procuravam sempre chegar com a luz do dia á Mealhada, porque o caminho entre os Fórnos e o Carquêjo era infestado de atrevidos ladrões que viviam embrenhados pelos pinhaes e que assaltavam quem se aventurasse a viajar de noite.

Depois do necessario descanço em Luso, começava a

sentir-se uma maravilhosa e dôce compensação dos maus tratos da viagem.

Luso, como nós ainda o conhecemos até 1853, não possuia ainda, é certo, um estabelecimento decente para banhos (3), mas para quem procurava apenas remedio a seus males ou descanço dos seus labores, era uma aldeia apreciavel, sobre tudo pela liberdade que ahi se gosava, então não tolhida ainda pelo luxo que depois tudo veiu avassalar.

Conforme se estava em casa, assim se sahia ao passeio que repetidas vezes se estendia á notavel e encantadôra *matta do Bussaco,* que actualmente não offerece, diga-se a verdade, a poetica belleza natural que a adornava antes de n'ella serem construidos, palacio, hotel e outras edificações particulares.

Ahi conhecemos ainda o bom e honesto padre Mauricio, capellão da egrêja do Mosteiro, assim como o velho Francisco, que fôra creado dos monges do Bussaco, e que apesar da sua avançada edade, perto de noventa annos, acompanhava os forasteiros na visita ao mosteiro e egrêja, servindo-lhes de *ciceroni* e dando-lhes esclarecimentos ácêrca do que viam, bem como narrando-lhes varias anecdotas do tempo passado.

Enthusiasmava-se o bom velho ao referir-se aos frades que n'aquelle mosteiro viveram, e mostrava as pe-

---

(3) Até esta epocha os banhos tomavam-se n'uma barraca de madeira construida sobre a nascente das aguas thermaes: e quando uma pessoa se mettia na agua, sentava-se no proprio terreno, do qual rebentava a agua.

quenas celas, cada uma com um pequeno quintal, onde cresciam floridas hortensias e outras plantas de que elle cuidadosamente tratava.

O velho Francisco, segundo dizia, nascêra em 1765.

Contava elle, com grande saudade d'esses tempos, que, quando rapazote de 10 ou 11 annos, muitas vêzes percorrêra toda a matta em companhia dos frades, e que n'algumas d'essas occasiões vira os *dois principes* (era por ésta fórma que o bom velho se referia aos *Meninos de Palhavã),* notando-lhes sempre um ar de tristeza, de que não podia esquecer-se.

Referindo-se a D. Antonio, o mais novo, enthusiasmava-se, recordando-se de que era mais sympathico que o irmão; que tinha os cabellos loiros e era muito amigo dos monges.

Ainda vimos a casa que habitaram desde 1760 a 1777 os *Meninos de Palhavã.*

Encontrava-se em parte desmoronada e completamente destelhada; mas ainda se percebiam bem as suas divisões, das quaes a cosinha era a que estava em melhor estado.

XXVIII

A ponte do Ó

Das gerações academicas de ha cincoenta annos, que em Coimbra beberam *De Minerva o sacro leite,* como disse o mavioso poeta João de Lemos, quantos não viverão ainda?!

D'estes, estamos certo, nenhum se terá esquecido da magnifica ponte de cantaria que durante seculos ligou as duas margens do poetico e genuinamente portuguez Mondêgo, que, nascido humilde nos alcantis da *Serra d'Estrella*, nas proximidades da povoação de *Manteigas,* vem descendo e fertilisando os campos que o marginam até Coimbra e d'aqui, ainda por entre campos esmeraldinos até Montemór-o-Velho, vae seguindo impavido o seu curso até se precipitar no grande oceano entre a Figueira da Foz e o logar das Alhadas.

Essa ponte, cuja construcção era attribuida a D. Affonso Henriques que a mandára fazer sobre duas outras, que, successivamente e antes d'esta ali existiram, a primeira das quaes fundada pelo rei Ataces, sendo em parte continuada no reinado de D. Sancho II, e em parte

reedificada no tempo de D. Manuel (1), foi durante muitos annos um dos passeios predilectos dos estudantes, especialmente nas apraziveis tardes de verão e noites de luar, em que d'ahi iam contemplar o esplendido panorama do rio e de suas pittorescas margens.

Em março de 1811, afim de evitar a passagem das tropas francêzas commandadas pelo general Montbrum, foi abatido o segundo arco da ponte, do lado da cidade (2).

Quando se passava n'ella e os seus parapeitos, desde a Portagem até o *Ó* (3), estavam completamente cobertos de estudantes que n'aquelles se sentavam gosando o fresco, o conjuncto de todos elles, vestidos com os seus trajes pretos, tornava-se magestoso e imponente.

Que deliciosos momentos ali gosavam os academicos em longas e enthusiasticas palestras, uns, e outros improvisando admiraveis e sentidas poesias!

Sahindo da ponte sub-dividiam-se em grupos, dos quaes,

---

(1) Vide *Guia do Viajante em Coimbra,* por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 211 e seguintes; e *Historia breve de Coimbra,* por Bernardo de Brito Botelho, *annotada* por Antonio Francisco Barata, pag. 57.

(2) *Coimbra antiga e moderna,* por A. Cardoso Borges de Figueiredo, pag. 233.

(3) Chamavam *Ó da ponte* o sitio em que ésta, já proximo da margem esquerda, alargava quasi em circulo, para continuar, depois, com a anterior largura até á sua extremidade, junto do *Rocio de Santa Clara.*

uns prolongavam o passeio até o *Cano dos Amôres* (4); outros, retrocedendo, seguiam para a *Alegria*; e outros ainda tomando, pela beira do choupal, iam sentar-se no solitario pôrto da *Memoria* (5).

De cada lado da ponte e no sitio onde ella formava o *Ó* havia uma rampa por onde se descia para o rio ou para o areal quando aquelle levava menos agua.

De tarde costumavam muitas aguadeiras concorrer a esse areal a fim de, abrindo póças até á profundidade precisa para apparecer a agua, e depois d'esta filtrada pela areia, encherem os seus *pótes*, nome que as aguadeiras e as creadas de servir dão aos pequenos cantaros, que usam para conducção de agua.

E' notavel a pericia com que umas e outras os equilibram sôbre uma pequena rodilha de panno que para isso põem na cabeça.

Muitas pessôas ha que preferem a agua do rio, assim filtrada, para beber, porque a agua dos diversos chafarizes da cidade, para onde vem do aqueducto de S. Sebastião, é muito salôbra e desagradavel.

---

(4) No *Rocio de Santa Clara*, que em antigos tempos fôra horta do velho mosteiro, ha muitos annos sepultado n'uma das insuas do Mondêgo, existiu esse *cano* chamado *dos amôres*, por que, segundo resa a tradicção, era por elle que D. Pedro I se correspondia com a infeliz D. Iguez de Castro, servindo-se para isso d'um barquinho de cortiça, ao qual ambos confiavam o transporte das suas cartas — *Bellezas de Coimbra*, por Antonio Moniz Barreto Côrte Real, pag. 48 *(nota a)*.

(5) Este pôrto ficava perto da ponte dos caminhos de ferro.

No inverno e porque, n'esta estação, o rio leva grande volume d'agua e não é possivel a filtração, abastecem-se d'ella, mandando-a buscar a outros pontos, taes como: —*Fonte do castanheiro,* proxima á Arregaça;—*Fonte do gato*, ou quinta das *Sete fontes,* pouco distantes do bairro de *Santo Antonio dos Olivaes;* e á quinta do *Cidral.*

Foi ahi que em 29 de julho de 1839, teve logar a ultima execução em Coimbra, para o que n'esse sitio foi elevada a fôrca em que foi executado José da Costa Cazimiro, do Picôto, freguezia de Sernache dos Alhos, perto da mesma cidade, o qual foi condemnado a pena ultima pelo crime de assassinato (6).

---

(6) *Os assassinos da Beira* por J. Martins de Carvalho, pag. 231 e seguintes.

XXIX

O Fortunato "Boi,,

Fortunato Pereira de Miranda, mais conhecido por *Fortunato Boi,* foi durante muitos annos *continuo* dos *geraes* da Universidade, logar para que havia sido nomeado em 7 de outubro de 1847 (1).

Residia na Couraça de Lisboa, perto da capella de Santo Antonio da Estrella.

Era um typo baixo, gôrdo, muito bexigoso e um bonacheirão, que, por qualquer motivo que não vem para o caso, adquiriu aquella alcunha.

Era, como dizemos, pacifico; e quando lhe chegava ao ouvido aquelle epitheto *Boi,* não era homem que desse sorte, e limitava-se a fazer esta observação: «*Mas não de Côja.*»

Queria Fortunato referir-se ao celebre bandido José Joaquim Marques d'Oliveira «*O Boi de Côja*».

N'uma tarde, dia de carnaval, desciamos nós a Couraça de Lisboa com destino á *rua das Fangas* (2).

---

(1) *Almanach de Portugal* para 1856, pag. 193.

(2) Hoje *rua de Fernandes Thomaz*.

Em frente da casa de Fortunato *Boi*, chamaram-nos a attenção dois mascarados em costume de aldeões, que perfeitamente parodiavam labrêgos.

Empunhava um d'elles um enorme chifre cheio de vinho bem como um copo de egual e tão dura materia.

Altercavam um com o outro, simulando dois compadres malavindos em virtude de quaesquer desintelligencias entre as suas caras metades, mas a pouco e pouco iam serenando e terminavam por fazer as pazes entre si.

Então o que se prevenira d'aquellas exoticas vazilhas enchia o cópo de vinho e offerecendo-o ao compadre, dizia-lhe: «*Vá, compadre, e ninguem diga d'esta agua não beberei*».

O compadre acceitava e bebia; o outro, por seu turno, imitava-o. Os que passavam ou haviam parado, para vêr este episodio, riam da pilheria dos labrêgos a bandeiras despregadas; e o proprio *Boi*, que se conservava á janella, dava enormes gargalhadas com o seu ar ingenuo de palonço, e até batia as palmas!

Depois continuavam os dois mascarados percorrendo diversas ruas, entretendo os apreciadôres com as suas conversas alabregadas; mas só, quando e onde muito bem lhes parecia, repetiam as libações, acompanhadas do «*Vá, compadre, e ninguem diga d'esta agua não beberei*».

Assim passaram essa tarde, divertindo-se; mas á noite, lembraram-se de ir ao *bairro de S. José* (3), e fazer no-

(3) Este bairro é proximo do Jardim Botanico e do Seminario episcopal.

vas libações em frente da casa d'um sapateiro ali estabelecido e conhecido pelo appellido «*O Turco*».

Em quanto elles se limitaram a fingir-se zangados, bem foi; mas quando, reconciliados, iam para começar o estribilho «*Vá, compadre,* etc.», o *Turco,* munindo-se d'um varapau, saltou á rua, e se os dois mascarados não tomassem o expediente de safar-se para o proximo *Penêdo da saudade,* decerto a brincadeira terminava mal.

E' que o *Turco* era valente e irascivel, e apenas tolerava graças em familia.

Estava no seu direito.

Esse bairro que se compunha, apenas, d'uns quarenta fógos, sendo as suas casas de um só andar e loja, era, na quasi totalidade habitado por estudantes, que frequentavam, como externos, as aulas do seminario (4).

N'elle havia tambem uma taberna, que fornecia *iscas* e *peixe frito,* petiscos estes que rivalisavam com os que preparavam as conhecidas tias Camêlas, da *rua Larga* ou *do infante D. Augusto.*

Porisso era a taberna do bairro de S. José muito frequentada dos estudantes moradores ahi ou no proximo bairro de Sant'Anna.

Quando d'ali se descia para o sitio do *Calhabé,* encontrava-se á esquerda uma azinhaga que seguia para o *Penêdo da saudade,* no comêço da qual ficava a casa,

---

(4) Os estudantes, internos, do seminario são conhecidos por *Formigões.*

onde por muitos annos moraram as meninas Leites, filhas do antigo jardineiro do *jardim botanico,* Joaquim Leite.

Joaquim Leite deixou esse logar que tinha no jardim, logo depois do fallecimento do Dr. Henrique de Couto, lente de Philosophia, e por longos annos director do mesmo jardim.

XXX

Um passeio de três dias em 1872

N'esta epocha residiamos nós no largo do Castello, mesmo em frente da rua dos Estudos.

Todas as tardes nos encontravamos com meu irmão, d'umas vezes na sua casa na Couraça de Lisboa, e d'outras na minha.

Foi n'esta, que, em um dia calmoso do mez d'agosto, combinámos um passeio de três dias a *Espariz*, preferindo ir por *Santa Comba Dão* a seguir pela estrada da Beira.

Essa preferencia teve por motivo, o não ter meu irmão passado ainda por aquella villa.

Não existia o caminho de ferro da Beira Alta, o qual foi aberto á exploração nos fins do anno de 1880; e por isso tomava-se em Coimbra o comboio até á Mealhada, continuando d'aqui a jornada para Vizeu e pontos intermediarios em diligencia.

Combinou-se o dia da partida que ficou assente ser —em 24 d'esse mez. No dia aprasado e de tarde tomámos o comboio, de que pouco depois nos apeávamos na villa da Mealhada.

N'esse tempo a Mealhada, sendo, aliás, uma villa pequena, tornára-se muito importante, porque, tendo estação do caminho de ferro de Norte e Leste, éra ponto obrigatorio para a armazenagem e exportação dos vinhos de toda a região da *Bairrada.*

Possuia a villa duas rasoaveis hospedarias, sendo uma no predio (1) que, especialmente para esse fim, fôra construido em frente da estação e outra denominada «Hotel do Caminho de Ferro», situada na rua principal e perto da estação das diligencias.

Foi n'esta hospedaria que ceámos; e, depois de passar uma noite incommoda, erguemo-nos ás 6 horas da manhã para continuar a nossa jornada em diligencia.

Passámos ao cimo do logar de *Luso* em direcção á serra do *Bussaco,* e quando d'esta desciamos para o logar da *Moura,* que fica na falda da serra, avistámos á esquerda o oiteiro, onde está *Sulla,* povoação notavel, por ser entre este ponto, onde se haviam alojado os francezes, e o alto da serra do Bussaco, que teve logar, no dia *27 de setembro de 1810*, a famosa batalha em que o exército anglo-luso derrotou as tropas do general Massêna.

Depois da indispensavel e costumada muda de gado, na Moura, seguimos para *Mortagua,* onde houve descanço de uma hóra.

Pouco depois passou-se a ponte sobre o rio *Criz* e ao

---

(1) Nas amplas lojas d'este predio existiam os depositos de vinhos para embarque.

meio dia chegavamos a Santa Comba Dão e a diligencia parava á porta da hospedaria da *Sr.ª Francisca.*

Esta hospedaria merece-nos especial menção; porque tendo nós já então percorrido, por vezes, muitas e diversas povoações das duas Beiras, nunca encontrámos serviço tão esmerado e escolhido, como o que a Sr.ª Francisca proporcionava aos seus hospedes. Por isso a sua casa era procurada sempre pelos viajantes que ali passavam, preferindo-a a outra que na mesma villa existia, mas cujo tratamento deixava muito a desejar.

Tinha ésta hospedaria duas entradas, sendo uma pelo lado da estrada e outra pelo do *largo do Mercado,* assim conhecido por n'elle ter logar uma feira mensal no terceiro domingo.

A Sr.ª Francisca era quem, coadjuvada por suas três filhas administrava a hospedaria.

Não se encontrava n'esta o luxo dos grandes hoteis, —tapetes, reposteiros, cortinados e moveis artisticos; não apparecia na sua meza essa invasão de iguarias que pêjam as mêsas dos grandes hoteis, taes como *croquetes,* pasteis de carne, guisados com mólhos de varias côres, etc.—mas n'ella se servia sempre; uma confortavel canja, gallinha cosida com bellissimo paio e presunto, chorudos bifes de magnifica carne e sádia vitella assada com batatas; ou para variar, e em substituição d'este ultimo prato, caça em invejavel estado de conservação e os tentadores e saborosos peixinhos do rio Dão, artisticamente fritos. E para regar todas estas iguarias vinho da Bairrada.

Se era indispensavel pernoitar ali, era-nos fornecido

um modesto leito com fôfo enxergão, sobre o qual nos deitávamos entre alvissimos lençoes de fino linho.

E tudo isto ella facultava aos seus hospedes por preços fabulosamente insignificantes.

Os preços ali estabelecidos a quem quer que fôsse, eram: pelo almoço, 200 réis, do jantar, 300 réis e 120 réis por quarto e cama.

Bons tempos esses!

De Santa Comba para Espariz resolvemos continuar a nossa jornada, a cavallo.

Defrônte da referida hospedaria erguia-se a egreja matriz; e ao lado d'esta ha um extenso atalho, ingreme e estreito, pelo qual desce, para a ponte sobre o Dão, quem prefere ir por elle a pé, levando á rédea a sua montada, afim de evitar as muitas voltas da estrada principal na descida da villa para a ponte.

Seguimos por este mau, mas mais curto, caminho.

No outro extremo da ponte retomámos a estrada e, deixando á direita um caminho de carro que conduz á quinta do *Souto* (2) e ao aprazivel logar de *Ovoa* (3),

---

(2) Era propriedade da famiília de Sebastião José Coelho Sobral, que foi contador nas comarcas de Tondella e Santa Comba Dão.

(3) Em Óvoa nasceu Pedro José de Mesquita, o qual se formou em direito e estabeleceu escriptorio de advogado em Tábua, residindo, porém, na freguezia de Sinde onde casára.

Tambem era natural de Óvoa o Dr. Fortunato Vieira das Neves, o qual durante 34 annos exerceu clinica na comarca de Tábua, em cuja séde residia.

situado n'uma encosta sobranceira áquelle rio, continuámos a jornada, passando pelas aldêas, *Rojão pequeno, Rojão grande* e *Cancella,* sendo ésta ultima povoação proxima do logar da *Guarita.*

Da Cancella, e para mais uma vez nos furtarmos ás enfadonhas tortuosidades da estrada, que passa por *Villa deanteira,* seguimos, pelo caminho de carro, para a antiga villa de S. João de Arêas, d'onde por uma ladeira aberta entre pinheiraes se desce até á ponte que atravessa o rio Mondêgo e dá passagem para a sua margem esquerda.

N'esta depara-se com uma enorme mole de granito, que pela sua grandeza e altura é denominada *Pedra da Sé.*

Era medico do partido municipal do respectivo concelho e grande influente politico.

Foi deputado ás Côrtes em diversas legislaturas, sendo pela primeira vez eleito no anno de 1870, pelos circulos de Tábua e Santa Comba Dão.

Militou sempre desinteressadamente no partido regenerador. Conhecemol-o pela primeira vez em Tábua (ou Alvarêlhos de Tábua) quando n'esta comarca exercemos o logar de escrivão e tabellião, de 1868 a 1870.

Honrou-nos com a sua amizade e era o nosso medico.

Não era o Dr. Fortunato, apenas um medico distinctissimo: era tambem um bom cavaqueador, sempre alegre, expansivo e despretencioso.

Como filho do pôvo, era muito modesto e não raras vezes succedia que elle, ao ir a qualquer logarejo visitar os seus doentes, parasse no caminho a conversar com qualquer popular, a quem prestava grande attenção.

Falleceu em 5 de outubro de 1907.

D'uma fenda d'esta pedra, junto ao sólo, brota uma pequena nascente de agua fresquissima.

E visto que, depois da descida de S. João d'Arêas para a ponte, temos de subir outra ladeira, ainda mais ingreme, para nos dirigirmos a Tábua, vamos aqui descançar um pouco e convidamos o leitor a sentar-se tambem junto d'esta rustica fonte, para lhe narrarmos uma historia que, em 1868, nos contaram em Tábua e que por ser verdadeira e ainda n'esse tempo existir um dos seus protogonistas, alli corria de bôcca em bôcca.

Ahi pelos annos de 1850 a 1860, o sitio da *Pedra da sé,* por ser muito solitario e longe de povoação, era o ponto escolhido pelos ladrões para esperarem almocreves ou outras pessoas que elles presumiam ser endinheiradas para as assaltarem á mão armada.

Vivia n'esse tempo em S. João d'Arêas, um medico, ha annos fallecido, que, por ser muito habil, não só exercia clinica no seu concelho, mas tambem muitas vezes era chamado para vêr doentes em povoações dos concelhos de Santa Comba-Dão e de Tábua.

Era o Dr. Cupertino.

N'uma occasião em que adoeceu gravemente um proprietario da aldêia do *Esporão,* freguezia e concelho de Midões, e que o medico do partido (4) se achava ausente, foi chamado alli o Dr. José Cupertino.

---

(4) O medico do partido em Midões era o Dr. Antonio Abilio Gomes Costa, morador em Santo Amaro, o qual por muitos annos foi deputado pelo circulo d'Oliveira do Hospital e Tábua.

Pouco depois montava este na sua fiel mula, e lá seguia por Tábua a caminho do Esporão, distante de sua casa três compridas leguas de mau caminho.

Residia então (e lá o conhecemos ainda durante a nossa residencia em Tábua) n'uma sua quinta, proxima da villa de Tábua, um cavalheiro que, apesar de ter fumaças de fidalgo, algumas vezes se tentava—talvez por distracção—a ir fazer as suas esperas junto da *Pedra da Sé*.

Quando o Dr. Cupertino regressou do Esporão, ao dirigir-se de Tábua para *Fundo de villa* (5), foi avistado por aquelle cavalheiro.

E este, sabendo que Dr. Cupertino costumava demorar-se em Fundo de villa, com os seus amigos Evaristo da Fonseca Cunha Pinto e Francisco Maria d'Elvas Mascarenhas, calculou que o doutor só passasse de noite na ponte.

D'esse calculo nasceu a tentação, e indo a casa munir-se de mascara e carabina, lá foi para a *Pedra da Sé*.

Cêrca das 9 horas e quando o Dr. Cupertino montado na sua mula e depois de descer a ladeira, entrou na ponte, saltou-lhe á frente o tal cavalheiro, a quem designaremos por *G.*, e apontando-lhe a arma, pediu-lhe a bolsa.

Não perdeu o medico o seu sangue frio e fingindo resignar-se e ir lançar a bolsa no chão, rapidamente, com

---

(5) *Fundo de villa*, fica a um kilometro de Tábua, no caminho que segue para a ponte de S. João d'Arêas.

uma das pistolas de que sempre andava munido, lhe ferrou um tiro no braço direito, deixando o ladrão cahir a arma.

Não ficou por alli o Dr. Cupertino, pois conhecendo-o pela altura, embora disfarçado, apontou-lhe a outra pistola e exigiu que seguisse na sua frente para S. João d'Arêas.

Chegados que foram a essa villa o doutor mandou-o entrar em sua casa, pensou-lhe carinhosamente o braço e mandou-o embora, aconselhando-o a que não cahisse n'outra.

Pediu-lhe G. que não divulgasse o succedido; mas é certo que no dia seguinte o caso era do dominio publico.

Apesar d'isso não se retirou esse cavalheiro da sua quinta, onde vivia e recebia visitas, como se nada lhe houvesse succedido.

Em todo o caso parou com os passeios á *Pedra da Sé*.

Pedindo desculpa ao leitor de lhe haver pespegado a massada da historia, continuemos na nossa digressão.

Subindo a ladeira encontra-se primeiramente o logar de Fundo de villa, depois a capella do Senhor dos Milagres, que fica á entrada da villa de Tábua.

D'esta villa continua a estrada até o alto da *Barrosa;* mais adeante o *outeiro da Santa,* d'onde descemos para a *quinta da Ribeira,* e subindo outra ingreme ladeira, passámos pelo *Forninho dos Moiros* e *Sepultura dos*

Moiros, até que chegámos a *Carragosella* (6), onde descançámos perto de um dia.

Aproveitámos as poucas horas que nos demorámos em Carragosella, no *casal do Soutinho*, para novamente ir mostrar a meu irmão a *Cova da Moira* e *o Penedo oscillante* (7), que se encontram a uns quinhentos metros de Carragosella, os quaes lhe haviamos já mostrado em 1868.

O *penedo oscillante*. Sobre um grande penedo, de facil accesso e no qual podem juntar-se oito pessôas, assenta um outro que tem cêrca de três metros de altura, de fórma conica irregular e com o diametro na sua maior espessura, perto da base, talvêz um metro e cincoenta.

---

(6) Carragosella pertence á freguezia de Espariz.

Proximo de Carragosella e na encosta qne fica fronteira ao logar de *Rêgo travesso*, freguezia d'Oliveira de Fasemão, vê-se um pequeno fôrno cavado na pedra, que, diz a lenda, serviu para os mouros cozêrem pão, — d'onde chamarem-lhe *Forninho dos Moiros*. Muitas vezes vimos este fôrno assim como a *Sepultura dos Moiros*, que é aberta na pedra, salientando-se bem claramente o logar da cabeça e hombros.

(7) A. C. Borges de Figueiredo, na sua *Revista archeologica*, vol. II, cap. I, pag. 1, tratando de *Pedras baloiçantes*, existentes em Portugal, diz: «.. ; *a outra n'uma herdade de Carragosella, freguezia de* Espariz, *concelho de Tábua*».

Mais adeante accrescenta: «*Á de Carragosella chamam: Á pedra que abana*. Recorda assim o nome porque ali é vulgarmente conhecida.

A pag. 4, menciona Borges de Figueiredo que essa pedra fica *perto d'uma galeria, se bem me recordo, artificial*.— É a *Cova da Moira*.

Este penedo a um forte impulso de mão oscilla.

A pouca distancia está a gruta, *Cova da Moira*, e reza a lenda que uma linda princeza moira, que vivia no seu palacio subterraneo, vinha todas as manhãs sentar-se á entrada da gruta, umas vezes para fiar seda n'uma róca de oiro e d'outras para dobar meadas n'uma dobadoira do mesmo precioso metal.

Affirmavam tambem alguns octogenarios que ainda existiam em Carragosella, que no seu tempo de rapazes haviam entrado n'essa gruta e tinham ao fim d'um estreito corredor deparado com uma grande sala, onde recearam penetrar, porque ao fundo d'ella avistavam outra especie de corredor muito escuro.

Como nos tinhamos prevenido com alguns rôlos de pavio, aventuramo-nos a entrar com o fim de exploral-a.

E' necessario entrar muito curvado e o estreito corredor vae-se progressivamente apresentando tão baixo, que necessario foi andarmos, quasi de cócoras.

No fim de 8 ou 9 metros de caminho encontrámos effectivamente uma grande sala formada pela natureza, mas na sua maior parte cheia d'agua, o que não permittia analysar se nas suas paredes havia intervindo a arte, nem dar mais um passo.

Ficámos desapontados e voltámos para Carragosella, d'onde se regressou a Coimbra pelo mesmo itinerario já descripto.

XXXI

A feira de S. Bartholomeu

Esta feira, que, desde tempos antiquissimos, se costuma realisar em Coimbra, dura, regularmente, desde o dia 20 até o ultimo de agosto. E' feira annual; e de maior movimento o dia 24, por ser n'este que a egrêja commemóra o apóstolo S. Bartholomeu.

De ordinario é no dia 8 que começam os trabalhos de construcção de barracas, umas, a maior parte, de madeira e outras de lôna, como é de uso fazer em todas as feiras annuaes.

Durante muitos annos fazia-se na Praça de S. Bartholomeu (1), actual *Praça do Commercio;* mais tarde mudaram-na para o *Largo das Ameias,* extendendo-se ao da *Sota;* em dois ou tres annos era armada no vasto *Rocio* de Santa Clara; mas finalmente, ahi por 1854, assentaram definitivamente em fazer as barracas no Caes, no espaço comprehendido entre a ponte e o *Largo das Ameias.*

---

(1) Tambem éra conhecida por *Praça Velha,* ou simplesmente *Praça.*

Na feira encontrava-se sempre bom e avultado sortimento de pannos, tecidos de linho e de algodão, objectos de ourivesaria, quinquilharias e loiças finas, avultando entre éstas as da fábrica da *Vista Alegre*.

Para venda de cabedaes, tamancos ou sóccos, loiças ordinarias de barro vermelho, ou das de *Molélos* (2), fructas, comestiveis e bebidas, escolhiam a parte da feira para o Lárgo das Ameias.

A ésta feira concorrem sempre muitos forasteiros das povoações ruraes proximas da cidade, bem como dos concelhos de Figueira da Foz, Montemór-o-Vélho, Poiares, Arganil, Louzã e Tábua, especialmente no dia 24, que é quando vém os muitos ranchos de romeiros que fôram em peregrinação ao *Senhor da Serra*, cuja festa annual se celebra no concelho de *Miranda do Côrvo*.

N'esse dia está Coimbra em festa, porque esses ranchos, atravessando a cidade, na mais expansiva alegria,

---

(2) Por loiça de Molélos é conhecida a fabricada n'essa povoação e na de Molelinhos, ambas no concelho de Tondella. Consta de *caçoilas* (especie de tachos), *caçarólas, frigideiras, bilhas,* e até *bules* e *assucareiros,* tudo de *barro preto*.

Temos visto bules e assucareiros d'esta loiça que são uma perfeita imitação dos fabricados na India, hoje rarissimos e caros.

O pessoal encarregado da venda faz enormes cargas da loiça em cêstas de vêrga de castanho; e assim ajôujados por tão grande pêso, percorrem as mais longiquas cidades e aldeias do reino para fazer a sua venda.

Aquelles póvos, de Molélos e Molelinhos, occupam-se quasi exclusivamente n'essa industria.

em enthusiasticos descantes e danças, imprimem-lhe a feição de um grande arraial.

Depois dirigem-se á feira, na qual se surtem de quaesquer insignificantes objectos, taes como um *annel de chumbo,* um *ái* (3), um *berimbau* (4), um *cochicho,* objectos estes de que conservam uns para recordação, reservando outros para offerecerem a pessoas suas amigas como *lembrança da feira.*

Antigamente alguns beirões da *Serra da Estrella,* vinham á feira de S. Bartholomeu fazer venda de oiro em pó que haviam colhido nas areias do Mondêgo.

Ainda em 1854, lembramo-nos bem, vimos ali dois homens de *Pôrto da Balsa* (5), que vieram fazer venda d'algumas onças de oiro em pó que haviam apanhado em areias para cima da Foz-Dão, e que guardavam em canudos de pau de sabugueiro.

Vão tambem fazer egual negocio á *feira do Mont'Alto,* que costuma ter logar em Arganil.

Não deixa de ser ingenhoso o processo primitivo e

---

(3) *Ái* é um pequeno e finissimo annel de tartaruga, que estala á minima pressão.

(4) Pequeno instrumento de ferro, em fórma de lyra, tendo ao centro uma tenue haste do mesmo metal.

Os rapazes encostam aos dentes este instrumento e fazendo-lhe vibrar a haste, acompanham a vibração com as palavras *pão e queijo, vinho bom,* que sôam d'uma maneira especial e parecem produzidos pelo instrumento.

(5) Fica na *freguezia de Fajão,* concelho da Pampilhosa da Serra.

simples que empregam na *pesca do oiro,* como elles lhe chamam.

Apanham uma porção de areia que deitam em *escudellas,* ou melhor em pratos rasos, feitos de madeira.

Cobrem essa areia com agua, e assim a conservam um determinado tempo, passado o qual a enxugam, procedendo seguidamente á operação da escôlha, para o que empregam azougue afim de separarem o oiro da areia.

Os dois ultimos dias da feira são apenas frequentados pelos habitantes da cidade.

Passado esse dia começa vertiginosamente o desmanchar da feira e os commerciantes que ali haviam feito o seu negocio, dirigem-se para Arganil, para continual-o na feira do Mont'Alto.

E o Caes, livre já do natural bulicio da feira, volve a ser frequentado pelos habituaes passeantes, como ponto de partida, para a apreciavel alameda da estrada da Beira.

XXXII

Um passeio em 1875

DE COIMBRA Á CERDEIRA

Depois de aberta, em parte, á exploração a estrada da Beira e que começou a funccionar a diligencia entre Coimbra e Celorico da Beira, a primeira companhia de viação para essa provincia foi estabelecida por Joaquim dos Santos Natividade, que tinha o seu escriptorio na rua da Sophia, sendo mesmo em frente d'este, que as diligencias recebiam os passageiros.

O serviço d'essas diligencias estava muito bem montado, porque Joaquim Natividade, a quem não éra extranha a alquilaría, profissão que seu pae por muitos annos exerceu no *Terreiro da Érva* (1), esmerava-se em adquirir gado bom e possante, e tambem em fazer construir carros que, além de solidos, proporcionassem aos passageiros bom commodo.

---

(1) Assim chamado, por que todos os dias e a determinadas hóras ahi tomavam logares as vendedeiras de feixes de érva.

O *Terreiro da Érva* é situado entre as ruas da Sophia e das Olarias.

Foi n'uma das diligencias do Natividade que, seguindo a estrada da Beira pela primeira vez, fômos até Côja, aonde aliás já muitas vezes haviamos ido, mas por outro caminho, e jornadeando a cavallo.

Partimos de Coimbra ás cinco horas da manhã d'um esplendido dia de setembro, e em menos d'uma hóra chegavamos á *ponte da Portella,* que fica a poucos metros de distancia do portão da quinta d'esse mesmo nome e que éra propriedade do Marquez de Pomares.

lamos encantados da maravilhosa vista panoramica, que apresentam esses seis kilometros de estrada; e por isso quando, transposta a ponte, começámos de subir a rampa de estrada que segue por entre pinheiros até *S. Fructuoso,* sentimo-nos aborrecidos e anciosos, por chegar ahi e entrar em caminho plano.

A's 8 horas da manhã parava a diligencia n'essa aldeia de S. Fructuoso, que é banhada ao norte pelo rio Ceira, pequeno afluente do Mondêgo, em cujas aguas desagúa, proximo da ponte da Portella.

Em diversos pontos da estrada ha rampas por tal fórma extensas e ingremes que a sua subida torna-se penosa para o gado, por mais valente que sêja; e d'aqui a necessidade de fazer as suas mudas em determinadas localidades.

Em S. Fructuoso é a primeira muda (2), e em quanto

---

(2) Nas estações onde tem logar a muda ou substituição do gado cansado por outro, ha sempre um empregado, para ajudar os cocheiros n'esse serviço. A esse empregado classificam de *cura-*

o cocheiro da diligencia, Francisco S. Gregorio, auxiliado pelo competente *curador* tratavam da sua tarefa, entrámos na estalagem que ali ha, e tomámos um mau café, com um calice de bôa aguardente.

Entre a academia d'esse tempo éra muito conhecida ésta estalagem, porque alguns estudantes, ali iam por vezes, em dias de feriado, dar o seu passeio e merendar lombo de pôrco e peixe frito, unicos, mas bem preparados, petiscos que lá costumavam fornecer.

Feita a muda o S. Gregorio chamou os passageiros, retomou o seu logar na almofada da bolêa e a diligencia partiu, já por melhor caminho.

O S. Gregorio era um magn fico typo. Homem espadaudo e reforçado, bastante alto e proporcionalmente gôrdo bem podia chamar-se-lhe um *homemzarrão*.

Era elle um verdadeiro fanatico pelo deus Baccho; e porque imaginava que, quantas mais libações fizesse em sua honra, tanto mais lhe manifestava a sua crença, sempre que passava em povoado e via o *symbolico ramo de loiro* (3) a uma porta, havia de necessariamente parar e *empinar* meia canada (quasi um litro) de vinho. Mas, por mais que bebesse, não fazia asneira e guiava perfeitamente e com segurança.

Tinha um estomago *Danáidaco*.

---

dor, e em regra deve saber alguma coisa de veterinaria e da arte de ferrar.

(3) Em muitas povoações, especialmente nas aldeias, um ramo de loiro secco pendurado a qualquer porta, annuncia que ahi existe taberna.

A's 9 horas passámos na altura da estrada, d'onde segue, em direcção ao norte, o ramal da Louzã, ramificação que vae para Foz d'Arouce, Louzã e Miranda de Corvo; e ás 10 horas parava a diligencia na *Ponte Velha* (4) de Poiares, por ser ahi a estação designada para segunda muda.

Pouco adeante passava-se por *Aldeia Nova* e ás 11 horas começava o gado a arrastar a diligencia, pela ingreme subida da serra de *S. Pedro Dias*.

E' tão custosa de subir ésta ladeira, que geralmente os passageiros, embora por ahi não exista ainda qualquer succursal da *Associação protectora dos animaes*, de seu *moto* proprio se apêam, para que os pobres cavallos mais facilmente cheguem ao cimo, sendo n'este logar que está a capella da invocação de *S. Pedro Dias*.

Em setembro (não nos occorre o dia) tem logar a festa do santo, e alli se faz um grande arraial muito concorrido.

Na subida até á capella gasta-se uma hora; e na descida para a *Ponte de Murcella* (5) quinze minutos.

---

(4) No sitio da Ponte Velha era situada a quinta de Antonio José de Carvalho Montenegro, que falleceu, sendo juiz de direito de 1.ª instancia.

Antes da sua promoção a juiz, exerceu as funcções de delegado do procurador régio na comarca de Tábua; e foi na sua qualidade de agente do Ministerio publico que interveiu no processo crime, preparatorio, contra João Brandão e outros co-reus, implicados no assassinato do padre Portugal.

(5) Tambem dizem *Mucella;* mas no *Roteiro terrestre de Portugal*, pelo padre João Baptista de Castro, pag. 111 e outras — lê-se *Murcella*.

O rio que passa sob ésta ponte é o *Alva*, que, depois de fertilisar os campos de Côja e Sarzedo, vae affluir ao *Mondêgo* entre a villa de Penacova e a ponte da Portella.

A *Ponte de Murcella* é um pequeno logarêjo que consta apenas de meia duzia de casas.

N'uma d'estas que fica na extremidade da ponte e é banhada pela margem direita do *Alva*, estava estabelecida a hospedaria do Mattos, para serviço dos passageiros, que, em grande quantidade, frequentavam a estrada da Beira.

Ahi havia egualmente estação para muda.

Depois de jantar mettemo-nos na diligencia e continuámos a nossa jornada, avistando á esquerda o logar do *Mucellão*, mais adeante e do mesmo lado a quinta da *Carvalha* (6), assim como, andados mais dois kilometros, o logar da *Cortiça* (7), sendo em frente d'este que fica o logar e freguezia de *S. Martinho da Cortiça*.

São 2 horas da tarde e pouco falta já para terminarmos a jornada de diligencia.

Da *Sobreira* segue a estrada até á *Moita*, *Catraia dos Póços*, serra de *Santa Eufemea*, *Venda da Serra*,

(6) A quinta da Carvalha foi propriedade da familia de Francisco Rodrigues Lucas, que por muitos annos teve um estabelecimento, para venda de cabedaes e azeite, por grôsso, na rua dos Sapateiros.

(7) Do logar da Cortiça era natural o barbeiro Cadastrone, de que nos occupámos no cap. XI.

Venda do Valle (8), *Catraia de Mouronho* e *Casa do Cantoneiro.*

Aqui terminou a nossa viagem. Apeámo-nos portanto e despedimo-nos dos dois unicos passageiros que conheciamos e com quem cavaqueámos durante a viagem. Fôram José Luiz, rico lavrador, que seguia para a *Venda do Pôrco,* terra de sua naturalidade e D. Maria das Dôres Dias, viuva de Francisco Veiga, que exercêra o logar de escrivão de fazenda do concelho d'Arganil, e filha de João Maximino Dias (9), assassinado na noite de 16 de agosto de 1861, no logar da Cerdeira.

Esta senhôra dirigia-se para Gallizes, onde tencionáva passar uns dias com familia de suas relações.

Eu parti a pé em direcção ao logar das *Bogalhas*, d'aqui ao da *Pereirinha*, ambos da freguezia de Mouronho e por ultimo para Côja, onde chegámos pelas cinco horas da tarde.

Depois de jantar démos um passeio até o *Paço,* nome que dão os cojênses a diversas propriedades de terras baixas ali situadas e banhadas pela *ribeira da Bemfeita,* por n'esse sitio, conforme é tradição, ter existido antigamente um paço, de que já se não encontram vestigios. Está ahi situada uma capellinha designada por

---

(8) Foi proximo á *Venda do Valle* que na noite de 17 para 18 de maio de 1881, foi assassinado Manuel Antonio Marçal, pelos seus parentes Rodrigo e João da Cunha Balsemão, de Lourosa. *Os assassinos da Beira,* por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 79 e seguintes.

(9) Idem, idem, pag. 82.

O santo sepulcro, que é muito visitada pelos cojênses, em sexta feira santa.

N'algumas povoações da Beira costumam as familias dar o classico *chá de familia*, obrigado a torradas; e para isso têem noites especiaes, em que se convidam umas ás outras, alternadamente.

Na noite que passámos em Coja, coube ao Sr. José Francisco dar o chá.

Tinha elle por espaço de muitos annos sido professôr de latim em Mouronho, motivo porque foi sempre conhecido por José Francisco de Mouronho.

Era um bom homem; serviçal e sério, e muito cavaqueador.

Tinha paixão pela musica; e, embora *Euterpe* lhe não fosse propicia, possuia, na sua sala, nada menos de oito instrumentos,—piano, harmone-flute, harmonium, flauta, violoncello, violão, violino e rabeca. Por isso alcunhavam-no de *homem dos oito instrumentos*.

Em todos elles se ensaiava; porém o unico que tocava soffrivelmente era—piano.

N'uma ou outra noite de festa, havia em sua casa concertos musicaes, em que elle e visitas tomavam parte.

Na noite que ahi passámos apenas houve palestra até á hora do chá; e depois d'este, uns jogaram a traiçoeira *manilha*, outros alguns *recambós* de voltarete, jôgo este em que José Francisco era eminente, quasi rivalizando com Francisco Maria da Maia (10), de Sinde,

(10) Foi este Francisco Maria da Maia que, em Vizeu e por occasião da feira franca, n'uma noite em que sahia d'uma casa de

que foi o melhor jogador de voltarete que havia na Beira.

Na manhã seguinte alugámos ao velho *Trinta* (11) um cavallo (melhor diriamos uma azèmula), o qual conforme poude carregou comnôsco até o logar do *Pisão de Côja, Casal de S. João, Portella* e finalmente *Cerdeira,* sendo ahi que nos apeámos, dando ao esqueletico animal o descanço e a competente ração do milho, de que bem necessitava.

Na *Cerdeira* demorámo-nos três dias em companhia

---

jôgo, na companhia de João Victor da Silva Brandão e outros parceiros, foi attingido n'um calcanhar por um tiro de bala, que era destinado a João Brandão. D'ahi resultou ficar côxo para em quanto vivo.

(11) Ninguem tratava por outro nome este velhote, cujo modo de vida consistia em negocio e aluguer de cavallos.

Apesar dos seus sessenta annos estava bem conservado e não tinha perdido a coragem de que sempre déra provas.

Eram frequentes as desordens nas feiras, especialmente nas de gado.

Em apparecendo o *Trinta* com o seu varapau de marmeleiro, os desordeiros, que sabiam a coragem e pericia com que elle o manejava, socegavam ou fugiam.

Era o que lhes valia.

N'esses tempos os caminhos da Beira eram perigosos, sobre tudo de noite, por causa dos salteadores e assassinos que os frequentavam.

Porisso era preferido, para companheiro de viagem, o *Trinta,* que n'essas occasiões, além do seu inseparavel marmeleiro, levava em *bandoleira* a sua fiel carabina.

de parentes, que ali tinhamos e em cuja casa, em annos muito anteriores, haviamos, quando estudante, passado algumas férias.

N'um dos nossos passeios n'esta aldeia dirigimo-nos casualmente para o sitio de Santo Amaro; e quando passámos em frente da casa que fôra de João Maximino Dias, ainda nos lembrámos, com saudade, de havermos com elle convivido muito e até acompanharmo-lo em duas caçadas em 1858, quando ahi estavamos em gôso de férias.

Coitado!

No quarto dia regressámos a Côja, e d'aqui, seguimos o anterior itinerario até á *Catraia dos Poços*, d'onde, deixando a estrada que vae para Coimbra, tomámos o ramal da direita, que vae até á *Raiva*, pôrto de embarque na margem esquerda do Mondêgo e fronteiro á villa de *Penacóva*.

A povoação da *Raiva* é pequena, mas o seu pôrto muito movimentado, por ser n'elle que se faz o embarque dos diversos generos que de varios concelhos da Beira para ali são conduzidos e depois transportados, em barcos, para Coimbra e outras povoações até á Figueira da Foz.

Por isso a maior parte de seus habitantes são barqueiros, entregando-se outros ao commercio de cereaes e de sal, de que ahi têem depositos, para embarcarem por conta propria.

Havia muito que desejávamos fazer esta viagem da

Raiva a Coimbra, pelo Mondêgo, e d'essa vêz assim fizémos, do que não nos arrependemos.

E' uma viagem esplendida, cujos variados panoramas nos deleitam.

Aqui, navega-se entre penedias que orlam as margens do rio, mais adeante flanqueado d'encostas cobertas de viçosas oliveiras, e que, depois de passar a *Cabeça de frade* (12), segue por entre insuas fertilissimas.

N'esta viagem de rio tivémos por companheiro o padre Manuel da Bemfeita (13), o qual com sua ama Maria Correia ia para a Figueira da Foz.

Quem vae para o mar apparelha-se em terra, diz o velho ditado;—pois quem, pelo rio, vae da Raiva á Figueira da Foz, faz outro tanto. Assim pensava o padre Manuel, e não fazia mal, porque essa viagem durava, pelo menos, umas vinte horas, em consequencia do Mondêgo, nos mezes de verão, ter pontos, em que, pela pouca agua, se torna quasi inavegavel.

A sua previdente ama prevenira-se, portanto, com um farto e variado farnel para essa longa viagem.

As viagens dispertam sempre o apetite; e o nosso padre Manuel, após três horas, e quando se chegava de-

---

(12) Este penedo que fica na margem esquerda do Mondêgo, á meia legua da foz do rio *Ceira,* seu affluente, é conhecido por *Cabeça de frade,* por ser escalvado e em fórma d'um craneo collossal.

(13) A este padre se refere Joaquim Martins de Carvalho. *Os assassinos da Beira,* pag. 75 e 77.

fronte da tal *Cabeça de frade*, já não tirava os olhos da cêsta do farnel.

Não passou isso desapercebido á sua carinhosa ama, a qual estendendo uma toalha muito *escarolada* (14) sobre uns caixotes que faziam parte da carga do barco, e serviram de mêsa, collocando n'ella o soberbo *farnel* que havia preparado e que constava (desculpe o leitor a descripção) de uma gôrda gallinha cosida com um bom naco de prezunto e paio, uma porção de ovos cosidos, e uma montanha de bôlos de bacalhau.

Já conheciamos o padre Manuel desde 1869, epocha em que fixou a sua residencia no *Casal do Buzão*, limite de Carragosella.

Não estranhámos por isso que me convidassem para a petisqueira, á qual de bom grado nos associámos.

O padre bebia amiudadas vezes, mesmo pela borracha.

Quando a pedia empregava invariavelmente estas palavras: — *O' Maria, dá cá a maromba!*

Ficámos percebendo.

Sabido, como é, que *maromba* é o instrumento que serve para auxiliar o equilibrio dos dançarinos de corda, —é claro que o padre entendia que os repetidos sôrvos da borracha lhe equilibravam o estomago e por isso lhe chamava a *maromba*.

As pernas é que por vezes se lhe desequilibravam, e era certo um trambulhão.

---

(14) Na Beira usa-se muito o adjectivo *escarolado*, por branco, limpo, bem lavado, etc.

Ao fim de 5 horas de viagem chegámos a Coimbra, termo da nossa viagem. Quizémos agradecer e despedir-nos do padre Manuel; mas tão profundo era o seu somno de bemaventurado e bem bebido, que a sua ama viu-se grega para o accordar.

Bocejando e d'olhos semi-cerrados acceitou os nossos agradecimentos e despedida.

Elles continuáram a sua viagem até á Figueira da Foz e nós desembarcámos no sitio ainda hoje conhecido por *caes do cereeiro*, que fica proximo do principio da estrada da Beira.

E já que, por algumas horas, tivémos sua reverendissima por companheiro de viagem, digamos mais alguma coisa a seu respeito.

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1854, foi assassinado o famigerado João Nunes Ferreiro, de Varzea de Candoza, sendo por esse crime pronunciados João Victor da Silva Brandão e alguns dos seus companheiros, os quaes fôram, em audiencia de julgamento, no dia 19 de abril de 1861, absolvidos.

Anteriormente, em novembro de 1860, havia-se procedido a esse julgamento; mas no terceiro dia d'audiencia foi interrompido e addiado, por ser julgado nullo o processo em virtude de irregularidades na entrega da pauta dos jurados aos reus, pois que determinando a *Novissima Reforma Judiciaria* que, com antecipação pelo menos de oito dias, seja entregue a cada um dos reus uma copia da pauta dos jurados, tal formalidade se não cumprira.

Referindo-se a esses dois julgamentos, no seu livro *Os assassinos da Beira* (15), o fallecido jornalista Joaquim Martins de Carvalho, verbera o procedimento d'algumas testemunhas, sobre tudo do padre Manuel, o qual, havendo no summario declarado ter ouvido os tiros dados no Ferreiro, veiu no dia do julgamento dizer que não ouvira a detonação de tiros mas sim de bombas (16).

Foi realmente flagrante a incoherencia do padre; e se não foi considerado e punido como perjuro, deveu essa isenção a ser publico e notorio o abuso que fazia de bebidas alcoolicas, motivo porque rarissimas vezes andava em estado de saber o que fazia.

O padre Manuel nascêra no logar da Bemfeita e durante muitos annos foi parocho na freguezia de Candoza, sendo um dia destituido d'este beneficio, em consequencia do seu irregular procedimento. — A maldita pinga!

Foi residir na terra de sua naturalidade e entregava-se exclusivamente á caça, procurando, por meio d'esta distracção, corrigir-se dos seus anteriores desmandos, que muito o haviam prejudicado.

Aproveitou um pouco com essa lição e alguns annos depois era o padre Manuel capellão das freiras de Villa Pouca da Beira, e por ultimo capellão particular do bacharel Luiz Candido de Figueiredo Oudinot Gouvêa, residente no logar e freguezia de Mouronho e que ahi possuia um magnifico e sumptuoso palacio.

(15) Pag. 75 e 77.

(16) *Os assassinos da Beira*, pag. 76.

Quando capellão em Mouronho, o padre Manuel estabeleceu a sua residência no pequeno casal do *Buzão*, proximo de Carragosella, freguezia de Espariz.

Foi n'essa epocha que o conhecemos.

Quando sahia do casal, ou fosse para a capellania ou para outra qualquer parte, levava sempre ao hombro a sua caçadeira, hábito que contrahira das suas excursões venatorias. Era, porém, um typo inoffensivo.

Vivia modestamente com o pouco rendimento da capellania e com o producto de missas que muitos testamenteiros lhe encommendavam para cumprimento de legados pios deixados em testamento.

O padre Manuel tinha um dom, quasi divino:—assim como Jesus fez multiplicar três pães e um peixe, assim elle multiplicava as suas missas.

Ainda nos lembramos de que em 1865, deram entrada na administração do concelho de Tábua, algumas certidões de missas ditas pelo padre Manuel durante esse anno, e cujo numero total ascendia a mais de 800!...

XXXIII

As antigas cadeias de Coimbra

Ha muitos annos que a cadeia civil de Coimbra está installada no largo de Santa Cruz (1), em frente do velho mosteiro e no predio contiguo á torre.

Anteriormente conhecemos duas, que foram demolidas entre os annos de 1857 a 1860:—a do *Aljube*, no largo de S. João, por onde era a entrada, e a da *Portagem*, situada no largo d'esse nome e que, formando esquina para o mesmo largo, tinha uma frente para a *calçada da Estrella*, e outra para a *rua do Sargento Mór*.

A primeira que foi demolida, o *Aljube*, tornou-se celebre nos calamitosos tempos da guerra civil, de 1828 a 1833, como celebres se tornaram, pelos tormentos e privações inflingidos aos presos liberaes, os carceres do castello de *Estremôz* e de *S. Julião da Barra* e ainda os assignalados *Baús da praça Almeida*.

(1) A commissão encarregada de levar a effeito o estabelecimento de uma cadeia n'esta cidade, escolheu o edificio das *cavas vermelhas*, em Santa Cruz. (*Conimbricense* n.º 50, de 15 de ulho de 1854).

N'esses tempos de triste memoria, em que imperou o mais feróz absolutismo, estiveram esses e outros carceres atulhados de presos politicos, e em todos eram forçados a viver, n'uma promiscuidade repugnante, homens dignos e pacificos, cujo unico delicto era terem sido apontados ou denunciados como *malhados,* com ladrões e assassinos dos mais temiveis.

Houve, por exemplo, a cadeia do *Aljube,* onde muitos liberaes honestos tiveram por companheiro o famigerado *Boi de Côja* (2), José Joaquim Marques d'Oliveira, cujas façanhas de insaciavel crueldade ficáram gravadas nas paginas dos sanguineas fastos da provincia da Beira, onde ainda hoje se recorda com horror o seu nome.

Ahi estiveram presos, com elle, o Dr. Manuel José Barjôna (3), outros lentes, o honrado artista e proprietario da

---

(2) A respeito da ferocidade do *Boi de Côja* veja-se *Os assassinos da Beira,* por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 61, 86, 347 e 349.

Em 1838, sabendo que Dionisio Antonio de Figueiredo, da Cerdeira, concelho d'Arganil, estava de cama, em consequencia d'uns ferimentos que recebêra, apeou-se á sua porta o *Boi de Cöja,* armado de bacamarte e entrando na sala onde aquelle estava, duas vezes desfechou, sem que a arma désse fogo, até que á terceira tentativa, lhe esmigalhou o craneo com uma bala, espalhando-se a massa encephalica pelas paredes e tecto. (Citado livro, pag. 352).

(3) Era lente da faculdade de philosophia.

Quando em abril de 1828, na sé de Coimbra, por occasião de se festejar o anniversario de D. Carlota Joaquina, os miguelis-

Figueira da Foz, José dos Santos Pereira Jardim (4), e muitos outros.

Era tal a sânha que alguns officiaes miguelistas, os mais façanhudos, votavam aos infelizes *malhados,* que, n'uma noite, combinaram com o capitão que commandava a força da guarda á cadeia, simular um ataque dos presos á sentinela.

Para isso fizeram, alta noite, disparar um tiro, gritando immediatamente a sentinela ás armas e affirmando que o tiro fôra disparado de dentro da cadeia para fóra. Nada mais foi preciso para que se julgassam perdidos; e com razão.

No dia immediato, ao meio dia, viram com espanto e cheios de justificado terror, que uma fôrça maior e commandada por outro official de patente superior, cercava a cadeia, ao mesmo tempo que um capitão recebia ordens para fazer abrir a prisão e sahirem os presos afim de serem fusilados.

Os presos, coitados!—uns gritavam, outros blasphemavam e os mais pacientes aguardavam, succumbidos,

---

tas que proclamaram D. Miguel, rei absoluto, apresentavam ao Dr. Barjôna uma salva com laços azues e encarnados, symbolo do miguelismo, recusou-se elle a tocar-lhes, e disse-lhe: — *Tomates n'este tempo, maravilha é vel-os.* — Custou-lhe o dito, um anno e sete mezes de cadeia. (*Algumas horas na minha livraria,* pelo Sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho, pag. 85 e 86).

(4) Veja-se *Nota,* pag. 57.

a morte. Mas um dos presos, ao vêr que as chaves da prisão iam ser entregues a duas ordenanças para abrirem a porta, veiu n'um impulso providencial ás grades e bradou ao major, ponderando-lhe que iam ser fusilados, estando innocentes, pois que, não existindo na prisão qualquer arma de fôgo, impossivel era ter o tiro partido de dentro.

Calou isto no ànimo do major, o qual, apesar de miguelista, era consciencioso.

Ordenou, de momento, uma busca rigorosa á prisão. Elle proprio assistiu; e, tendo verificado que os presos estavam innocentes sahiu e fez retirar a fôrça, deixando bem perceber a sua indignação por tão traiçoeiro ardil.

Foi o que lhes valeu.

Contando-nos este episodio, dizia meu pae que, de todos os seus companheiros, o que mais mostrava temer o fusilamento que esteve eminente foi o *Boi de Côja.*

Tambem por mais de uma vez lhe ouvimos recordar, sorrindo-se, o motivo da sua prisão.

Foi simples e por elle se avalia bem, como, pelas mals absurdas denuncias, prendiam a torto e a direito.

Em 1828 exercia elle o magisterio na villa de Arganil, onde regia a cadeira de latim e latinidade.

Entre os discipulos contava dois que eram seus hospedes:—Manuel Simões Dias (5) e o neto do Dr. Luiz Xavier, que lhe pedira para o receber em sua casa.

---

(5) Mais tarde conhecido por *Patagonia*, a quem já nos referimos no cap. IX.

O pequeno Xavier tinha apenas uns nove annos; e meu pae levando-o uma tarde a passeio, passou com elle na *feira do Mont'alto*, que alli costuma fazer-se annualmente.

Notando que o pequeno Xavier, ao vêr uma barraca de quinquilharias, não tirava os olhos d'um boneco preto, de barro, comprou-o e deu-lh'o para brincar nos dias de feriado.

No regresso do passeio e para que o rapazinho se não distrahisse nos dias de estudo, guardou-o sobre um movel que tinha no seu quarto, e nos dias proprios entregava-lh'o.

Um sapateiro, que habitava defronte, percebendo que em dias determinados o professor tirava o boneco do seu logar, apressou-se a denuncial-o não só como *malhado*, como, que *tinha o diabo em casa em figura de preto* (6) *e que o adorava* ás quintas feiras e domingos!!

Custou-lhe isto estar preso no *Aljube*, de 1828 a 1829, seguindo d'ahi para a cadeia de Extremoz e por fim para a do Porto, supportando essas prisões por mais de 4 annos, e tendo tambem experimentado os rigôres dos *Baûs de Almeida*.

A cadeia da *Portagem* foi demolida mais tarde, quando começaram os trabalhos para construcção da estrada da Beira.

---

(6) A este caso se refere Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, na *Coimbra antiga e moderna*, pag. 162.

Esta cadeia tinha enxovias, nas quaes entravam as aguas do Mondêgo.

Era além d'isso muito mais solida e segura, e por isso preferida para n'ella encarcerar os presos por assassinatos, moeda falsa, etc.

N'ella estiveram os mais celebres assassinos do districto de Coimbra, taes foram o referido *Boi de Côja*, *João Brandão*, *Antonio Rodrigues* o «*Boa tarde*», o *Roque da Helena*, o *padre Francisco do Sergudo*, o *ferreiro da Varzea*, etc.

Outra cadeia houve em Coimbra, no principio do seculo dezenove e destinada a estudantes.

Era no pavimento inferior da Bibliotheca da Universidade, que apenas tem vista para as escadas de Minerva.

Depois de 1850, quando ahi passavamos, vimos as janellas resguardadas por grossos varões de ferro.

Mais tarde e quando pela primeira vêz entrámos na bibliotheca, mostraram-nos essa antiga prisão, que a esse tempo servia para deposito de manuscriptos pertencentes ao mesmo estabelecimento.

XXXIV

O convento de S. Francisco da Ponte e o mosteiro de Santa Clara

Depois de termos passado a ponte e deixando á esquerda o *rocio de Santa Clara* e um pouco mais adiante a estrada real que segue para Lisboa, eis-nos em frente do novo convento de S. Francisco, edificado ao sopé do *Monte da Esperança* e que veiu substituir o antigo convento da mesma ordem, o qual fôra fundado pelo infante D. Pedro, filho d'el-rei D. Sancho I e *depois ampliado por sua meia irmã D. Constança* (1).

No antigo convento teve logar, em 6 d'abril de 1385, *a acclamação do mestre d'Aviz, em rei de Portugal* (2).

A construcção do actual começou no anno de 1602, sendo lançada a primeira pedra em 2 de maio (3).

---

(1) *Historia breve de Coimbra*, por Bernardo de Brito Botelho (2.ª edição *annotada* por A. F. Barata, pag. 43).

(2) *Bellezas de Coimbra*, por Antonio Maria Barreto Côrte-Real, pag. 66 (nota *a*).

(3) *Historia breve de Coimbra*, citada (nota 59).

Ao lado d'este começa a ingreme ladeira que nos leva ao cimo do monte, no qual está situado o novo *mosteiro de Santa Clara.*

Foi o novo mosteiro sagrado pelo bispo-conde D. João de Mello, em 26 de junho de 1696 e para elle trasladado com grande pompa, em 3 de julho d'esse anno, o magnifico cofre que encerra o venerando côrpo da rainha Santa Isabel (4), a bondosa espôsa do rei lavrador, com quem, tendo ella apenas onze annos, casou por procuração, em Barcellona, no dia 11 de fevereiro de 1282 (5).

Apenas se entra no extenso pateo que dá accesso á egrêja e mosteiro, encontramos ao lado direito do portão d'entrada uma grossa corrente de ferro que terá de comprimento uns seis a oito metros, e quasi cinco centimetros de espessura cada um dos seus élos, a qual está chumbada pelas duas extremidades ao sólo.

Esta *cadeia* serve de recordação do *direito de asylo* ou *privilegio* do antigo mosteiro em favor dos homisiados, os quaes, acolhendo-se a ella, não podiam ser presos; e é a mesma que, séculos antes, *estivera presa á Porta do Couto* ou da *cadeia* no antigo mosteiro (6).

A' esquerda do referido portão ergue-se a egrêja.

E' um templo magnifico e todo construido de cantaria.

---

(4) *Guia historico do viajante em Coimbra,* pag. 231.

(5) Idem, Idem, 215 e 216.

(6) *Bellezas de Coimbra,* pag. 53 (nota *b).*

Nos diversos altares lateraes que o ornam admiram-se bellos retabulos de primorosa esculptura, alto relêvo, em madeira.

Por detraz do altar-mór, subindo um pequeno lanço d'escada estreitissimo, entra-se na acanhada tribuna, onde, ainda em 1870, estava depositado o magnifico tumulo de prata e crystal, mandado fazer em 1614 (7) pelo bispo-conde D. Affonso de Castello Branco.

N'essa tribuna o vimos por mais de uma vez nos annos de 1856 a 1870.

Posteriormente foi este cofre trasladado para o *côro de cima* da mesma egrêja (8).

Era uso (não sabemos se ainda é) no dia 3 de julho de cada anno *irem os doutores da Universidade em prestito, com seus capellos e borlas á egrêja de Santa Clara, onde então se cantam vesperas solemnes, em que officia o Prelado ou o Decano de Theologia. No dia seguinte é a mesma corporação quem se encarrega de celebrar a festa,* etc. (9).

---

(7) *Coimbra antiga e moderna,* pag. 100.

(8) *Coimbra antiga e moderna,* pag. 101, e *Roteiro illustrado do viajante em Coimbra,* pag. 102.

(9) *Guia do viajante em Coimbra,* pag. 233.

— No prestito, como por muitas vêzes observámos, encorporavam-se, não só os doutores (lentes) da Universidade, mas tambem os professores do Lyceu, estes e aquelles para isso convidados pelo reytor da Universidade. Todos recebiam propina, per-

As festas da rainha Santa Izabel costumam celebrar-se no dia 4 de julho de cada anno; e, porque são sempre revestidas de extraordinarias pompas, attrahem a Coimbra uma multidão de forasteiros, não só das povoações circunvisinhas, mas até de outras de longe.

Annos ha, em que essa concorrencia é tanta, que os hoteis ficam abarrotados de hospedes, e muitos visitantes não encontram onde albergar-se commodamente.

Na vespera, á noite, ha fogueiras, exactamente como nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

Se bem que os principaes dias de festa á santa sejam dois, prolongam-se os festejos populares por uma semana, com grande regosijo dos commerciantes, que, por isso, vêem augmentar as suas transacções.

---

tencendo a cada um 800 réis em dinheiro e uma pequena vela de cêra, no dia do prestito da vespera; e encorporando-se tambem no prestito do segundo dia, recebiam, cada um, mais 800 réis.

Nota do auctor.

XXXV

O "Gata pellada,. e o "Nós cá os lentes,,

Pela antonomásia de *Gata pellada* foi sempre conhecido o Dr. Luiz Adelino da Rocha d'Antas, que recebêra o respectivo grau na antiga faculdade de *Cânones* (1), a qual, assim como a de *Leys*, vieram mais tarde a ser transformadas n'uma unica faculdade — a de Direito.

Por espaço d'alguns annos exerceu o Dr. Luiz Adelino o logar de substituto da cadeira de latinidade do Lyceu da referida cidade e da qual foi durante muitos annos professor effectivo, Luiz Ignacio Ferreira (2), eximio latinista, natural da villa de Gouveia e residente no *Bêco do Cabido,* onde ainda o conhecemos em principios de 1857.

---

(1) O capêllo e borla d'esta faculdade eram de côr vêrde; e os da de Leys, vermelhos. (*Historia breve de Coimbra*, etc., pag. 50).

(2) Luiz Ignacio desempenhou, tambem, as funcções de vogal do Conselho Superior d'Instrucção Publica, desde 27 de setembro de 1844. (*Almanach de Portugal*, para 1856, pag. 168).

Jubilou-se Luiz Ignacio no anno de 1853 e veiu a fallecer no de 1857.

Mas, deixemo-nos de divagações e tratemos do *Gata pellada*.

Em 12 d'agosto de 1852 (3), foi elle nomeado professor da cadeira de *Philosophia racional e moral e principios de direito natural*, no lyceu.

Sempre que preleccionava aos seus discipulos, citava exemplos pittorêscos, e d'entre estes usava, quando pretendia definir o *raciocinio*, do seguinte:

«Supponham os senhores que um cão que acompanha o dono se afasta d'este e, perdendo-o de vista, se lhe deparam três caminhos.

O animal farêja um d'elles, e, após esse, outro; e desde que o olfacto lhe não denuncia que seu dono seguisse por qualquer d'elles, mette á carreira pelo terceiro caminho, que já não farêja, e vae encontral-o.

Aqui têem, meus senhores, o que é raciocinio. *Logo* o cão é intelligente, *érgo* é animal racional (!)»

O Dr. Luiz Adelino, assim como os seus collegas do

---

(3) *Almanach* citado, pag. 174.

Até o anno de 1851 foi professor da mesma cadeira, seu cunhado, Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, que, em 2 de fevereiro de 1852, foi nomeado lente substituto da faculdade de Direito. (*Almanach* citado, pag. 195).

O Dr. Luiz Adelino tinha um irmão, Antonio da Rocha d'Antas, que por alguns annos foi o bibliothecario do respectivo estabelecimento da Universidade.

Residiam na *Travessa da Mathematica*.

lyceu, era infallivel a encorporar-se no prestito, que annualmente, no dia 3 de julho, se dirigia ao mosteiro de Santa Clara, a que nos referimos no capitulo anterior.

N'uma d'essas occasiões os dois collegas, que mais proximos d'elle iam, eram — o Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida (4), que durante alguns annos foi professor da cadeira de *Arithmetica* e *Geometria* (5) no lyceu e Antonio Florencio Sarmento, ahi professor da aula de *Musica* (6).

Iam os três conversando sobre a imponencia do prestito; e Antonio Florencio, envaidecido de fazer parte do côrpo docente do lyceu e sobre tudo de acamaradar-se com lentes, enthusiasma-se e dirigindo-se áquelles dizlhes: «... *todavia o que dá mais brilho ao prestito sômos nós cá os lentes.*»

D'ahi, ficou sendo conhecido pelo *Nós cá os lentes.*

Dizia elle que, se bôa conta lhe faziam os 800 réis, ou o dôbro d'esta quantia se acompanhava os dois préstitos, não menos estimava o complemento da propina,

(4) Em 5 de setembro de 1855 foi o Dr. Luiz Albano nomeado lente substituto ordinario do 3.º anno da faculdade de Mathemathica. (*Almanach de Portugal*, para 1856, pag. 197.

(5) Em 4 de julho de 1855, foi nomeado professor d'esta cadeira o Dr. José Joaquim Manso Preto. (*Almanach* citado, pag. 174).

(6) Antonio Florencio Sarmento, não era doutor, e, portanto, não usava nem podia usar capêllo e borla, insignias exclusivas dos que tomam o respectivo grau.

que consistia de uma véla de cêra das que tivessem servido na solemnidade; porque essa reservava elle para accender quando trovejava.

Não éra só Antonio Florencio que tinha essa fé; outras pessoas o imitavam. E quer-nos parecer que d'ahi não vinha grande mal ao mundo.

Era um bom homem e apenas tinha um fraco—um tudo-nada de vaidoso; mas era tratavel e extremamente delicado com toda a gente.

Foi elle durante muitos annos o encarregado de tocar orgão, no que era eximio, por occasião das solemnidades religiosas que se realizavam na capella (7) da Universidade e na sé cathedral.

Insignificantes eram as *accumulações* d'esses tempos!

(7) Era designada por — *Real capella da Universidade*..

XXXVI

Os irmãos "Punas,,

Em 187. foi estabelecido em Coimbra o primeiro côrpo de policia civil, cuja esquadra, unica ao principio, era situada ao fundo da *rua das Figueirinhas,* actual *rua Martins de Carvalho,* n'uma pequena casa contigua á egreja de Santa Cruz.

N'esse tempo faziam parte da academia os irmãos João Puna e Vicente Puna (1), de raça preta, filhos do barão de Mossulo, opulento proprietario e agricultor da provincia d'Angola, na qual possuia vastissimos terrenos que se estendiam até proximo do Ambriz.

Os Punas eram desconfiados e turbulentos, dando isso logar a que, á mais leve troça dos estudantes da Universidade, elles se envolvessem com estes em desordens, que por vezes tomavam graves proporções.

---

(1) Residiram por algum tempo no *largo da Mathematica,* proximo do *bêco da Amarda,* na mesma casa em que havia morado, quando frequentou o 3.º anno de Direito, no anno lectivo de 1856-1857, o conselheiro José Dias Ferreira, que era natural de *Aldeia Nova,* freguezia de *S. Salvador de Pombeiro,* concelho de Arganil.

Inaugurado que foi o côrpo de policia (2), a academia, que estava habituada unicamente ao serviço policial academico, feito por *archeiros,* em geral tolerantes e prudentes,—que, quando tinham de intervir nas questões ou desordens entre academicos, o faziam sempre com brandura e admoestando-os para que não se vissem forçados a effectuar prisões—não recebeu de bom grado os guardas civis; e d'ahi resultou que, nos primeiros mêzes, a nova policia era victima de troças.

Distinguiram-se n'estas os dois Punas, os quaes, á mais pequena advertencia dos policias, aggrediam estes, maltratando-os.

Ordenou, por isso, o respectivo commissario a seus subordinados, que, quando por modos brandos não podessem conter os dois turbulentos rapazes, os prendessem, afim de evitar peores consequencias.

N'uma noite em que no templo da sé nova tinham logar os officios de quinta-feira santa, alguns estudantes que se encontravam encostados ao *guardavento,* atirando, inoffensivamente, com amendoas confeitadas ás pessôas suas conhecidas, succedeu alvejarem com algumas o João Puna. Tanto bastou para que elle e o irmão se atirassem doidamente áquelles estudantes, provocando tal disturbio, que sahiram todos da sé e, ao chegar ao largo, se envolveram em desordem, de que re-

---

(2) O primeiro commissario de policia em Coimbra foi o bacharel Adelino Ántonio das Neves e Mello, morador no bairro de S. Bento.

sultou ficarem alguns rapazes feridos pelos *casse-têtes* (3) de que os Punas iam munidos, e que eram dos usados em Loanda.

D'essa vêz foram presos e recolhidos á cadeia academica, a esse tempo installada ao cimo da *rua dos Loyos*.

Eram incorrigiveis, e por isso regressaram, por ordem de seu pae, a Loanda.

Quando, em 1880-1881, estivemos na cidade de S. Paulo de Loanda, ahi encontrámos os dois Punas, completamente transformados em pacificos cidadãos, sendo João Puna, amanuense na secretaria do governo geral, e Vicente, ajudante extraordinario da junta de fazenda, logares para que foram nomeados por portarias de 28 de março de 1881, assignadas pelo então governador geral da provincia de Angola, Antonio Eleuterio Dantas.

FIM

(3) O *casse-tête* é arma muito usada em Loanda, sendo ahi vulgarmente denominado *porrinho*, e tem esculpida na extremidade mais grossa a cabeça d'um idolo gentilico. Tem o comprimento de 45 a 50 centimetros.

INDICE

INDICE

	Pag.
Prefacio	5
I — Um phantasma	7
II — Os antigos theatros de Coimbra	13
III — O Dr. Joaquim dos Reis, o «Pomponio»	19
IV — Antonio Feliciano de Castilho, em Coimbra	25
V — Assassinato do Lazaro	31
VI — Adriano Marques, o «Lord Manteiga»	47
VII — O Dr. Antonio Jardim	49
VIII — O padre Bernardo	59
IX — O Patagonia e os antipodas	65
X — Os Dorias	73
XI — O Cadastrone	77
XII — As jornadas antes da mala-posta	81
XIII — Santo Antonio dos Olivaes	85
XIV — A entrudada de 1854 e o «Lima Valentão»	91
XV — Hospital dos Lazaros	97
XVI — O D. Vicente Seiça	99
XVII — Alexandre Herculano e o poeta Rozendo	101
XVIII — Espectaculos diversos	105
XIX — A tia Rosa	109
XX — As antigas hospedarias	113
XXI — O José Vaz	119
XXII — Os Salvadores	123
XXIII — Antonio Francisco Barata	129

Pag.

XXIV — O capitão «Montanha» 133
XXV — O padre Patulêa 137
XXVI — Os susceptiveis 139
XXVII — De Coimbra á Figueira da Foz ou a Luso . . . 145
XXVIII — A ponte do Ó 151
XXIX — O Fortunato «Boi» 155
XXX — Um passeio de três dias em 1872 159
XXXI — A feira de S. Bartholomeu 169
XXXII — Um passeio em 1875 173
XXXIII — As antigas cadeias de Coimbra 187
XXXIV — O convento de S. Francisco da Ponte e o mosteiro de Santa Clara 193
XXXV — O «Gata pellada» e o «Nós cá os lentes» . . . 197
XXXVI — Os irmãos «Punas» : 201

54 - batalha em 1854 entre estudantes e futr
81 - Jurigos de chegar a Coimbra
antes de 1855 — indo a cavalo
em caravanas para resistir a
bandidos. Em 1855 abriu-se a
real entre Lisboa e o Porto.
113 - só dois hospedarias antes de
1855 e não das melhores.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
802
C6
045

Oliveira Cardoso Fonseca,
Augusto d'
Outros tempos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 06 16 005 0